

EDILSON JOSÉ GRACIOLLI

**A PONTA DE UM ICEBERG: A GREVE NA CSN EM
NOVEMBRO/88**

(dissertação de mestrado)

Universidade Estadual de Campinas

novembro - 1994

EDILSON JOSÉ GRACIOLLI 1988

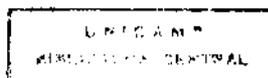
A PONTA DE UM ICEBERG: A GREVE NA CSN EM NOVEMBRO/88

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Sociologia
do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro ^{L. G.} Antunes.



Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora
em 24/11/94.

novembro/1994



UNIDADE	73C
N.º CHAMADA:	7/UNICAMP
	Q753p
V.	
(C.º) 001	23116
PREÇO	2,30 94
C	0 x
PREÇOS	84 11,00
DATA	08/12/94
N.º CDD	

CM-00063467-9

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP

Graciolli, Edilson Jose
6753p A ponta de um iceberg : a greve na CSN em novembro /88 / Edilson Jose Graciolli. - - Campinas, SP : [s.n.], 1994.

Orientador : Ricardo Luiz Coltro Antunes.
Dissertacao (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas.

1. Greves e lockouts. 2. Sindicalismo. 3. Movimento operario. I. Antunes, Ricardo Luiz Coltro. II. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas. III. Titulo.

*À Márcia e Vinícius, pela paciência e estímulo,
formas concretas com que demonstraram o seu amor
nos momentos em que trabalho significou ausência.*

*À Ewerly, que pôde presenciar apenas o início
desta trajetória. A Adilson e Ednilson, pela
solidariedade e amor que continuamos a cultivar.*

"É preciso tornar a opressão real mais opressiva, acrescentando-lhe a consciência da opressão; é preciso que a vergonha se torne mais vergonhosa, apregoando-a" (KARL MARX, Critica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução)

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	05
INTRODUÇÃO	07
Capítulo I	
UM CALDEIRÃO CHAMADO CSN	11
1.1. Breve histórico da CSN: projeto, operariado e mudanças	11
1.2. A resistência operária na CSN até o Grupo de Oposição Sindical	29
Capítulo II	
O NOVO SINDICALISMO EM VOLTA REDONDA	38
2.1. O significado do Novo Sindicalismo	38
2.2. O Grupo de Oposição Sindical: organização e resistência operárias	52
Capítulo III	
A GREVE DE NOVEMBRO/88: PONTA DE ICEBERG	64
3.1. Greves antecedentes	64
3.2. Operários em movimento: causalidade e processualidade da greve	76
3.3. O significado político da greve	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	140

AGRADECIMENTOS

O resultado de três anos e meio de pesquisa é apresentado com esta dissertação de mestrado. Aos que colaboraram para a sua realização gostaria de manifestar, aqui, meus agradecimentos: inicialmente ao Prof. Ricardo Antunes, meu orientador, que, com compromisso acadêmico, paciência e solicitude, soube apontar falhas, caminhos e sugestões de aprofundamento. Pela amizade e respeito cultivados, fica a certeza de que a universidade pode e deve ser mais do que formalidade.

Aos professores Edmundo Fernandes Dias e Armando Boito Jr., pelo incentivo crítico que me prestaram desde a monografia de término de graduação, passando pelo exame de qualificação. Suas contribuições foram decisivas e, naquilo em que as incorporei, reside boa parte desta dissertação.

À Direção do Arquivo *Edgard Leuenroth* - Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL/UNICAMP), pela deferência que me foi concedida a fim de que pudesse pesquisar a Coleção Volta Redonda, sem o que este trabalho não poderia chegar ao seu final. Ao Corpo Funcional do AEL, especialmente à Elaine Marques Zanatta pelo seu empenho e auxílio.

Aos colegas da área de Trabalho e Sindicalismo: Flávia, Nise, Marta, Magali e Jesus, pela rica e coletiva experiência de orientação que realizamos.

À Jessie Jane Vieira de Sousa que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, sensibilizou-se com as dificuldades que enfrentei, em dado momento, para ter acesso a informantes e protagonistas da greve de 1988 na CSN. Sua colaboração foi fundamental para o prosseguimento da pesquisa.

A todos os que se dispuseram a fornecer informações, versões e relatos sobre o que viveram nos dezessete dias de confronto com o Exército. Um agradecimento singular à Adeláide e ao Carlos Máximo Barbosa, pelo carinho com que me receberam em Volta Redonda.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos a mim concedida, no período de março/1991 a agosto/1993.

Edilson José Graciolli

Novembro de 1994.

INTRODUÇÃO

"A coisa mais triste é você trabalhar 17 anos na CSN, contribuindo com o governo, com a melhoria do nosso Brasil, fabricando aço e mais aço, a empresa batendo recordes e mais recordes de produção, e a gente não sabendo que ele estava sendo usado para a fabricação de balas que chegariam aqui para matar três companheiros e aleijar outros".
(Entrevista com Luiz Carlos Souza, maio/1994)

Poucos acontecimentos se impõem, pela sua contundência, à reflexão da história recente do país como a greve dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em novembro de 1988. Durante 17 dias, Volta Redonda conviveu com um confronto em que resistência operária e atrocidade político-militar foram as protagonistas principais. As mortes de três operários, no dia 9 de novembro daquele ano, colocaram a nu a dramaticidade com que o movimento dos trabalhadores se processou.

Trinta e cinco dias haviam se passado desde a promulgação da Constituição, e a ordem social (definida, em seu artigo 193, como a que teria por base o primado do trabalho e por objetivo o bem-estar e a justiça sociais) revelava o imenso fosso entre a realidade e o devaneio.

Esta dissertação de mestrado pretende buscar, tanto quanto possível, a região submersa do iceberg, cuja parte visível correspondeu àquela greve. O que colocou os operários em movimento? Qual a lógica que aí predominou: a espontaneidade operária ou a organização? Como se manifestaram as dimensões econômica e política durante a processualidade da greve? A que se deveu a radicalidade da forma que a paralisação adquiriu, isto é, greve de ocupação? Enfim, qual a significação essencial lograda pela recusa dos operários da CSN em continuar a vender sua força de trabalho nas condições então vigentes?

Na tentativa de responder a estas problemáticas, percorremos uma revisão bibliográfica, tivemos acesso à *Coleção Volta Redonda* do Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP¹, perquirimos boletins sindicais e material da grande imprensa, assistimos a documentários e recolhemos depoimentos, através de entrevistas com operários de base, ativistas e dirigentes sindicais, atores, pesquisadores e observadores do movimento social, em Volta Redonda.

O resultado de toda esta pesquisa será apresentado em três capítulos.

No Capítulo I, UM CALDEIRÃO CHAMADO CSN, recuperamos um pouco da história da CSN, discutindo o seu projeto, suas formas de recrutamento e gestão da força de trabalho, as práticas vivenciadas pelo seu operariado e as mudanças havidas até proximamente aos anos em que se formou uma nova concepção para dirigir o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Pirai². Nossa preocupação central aqui foi a de apontar para os elementos explicativos da constituição do operariado da Usina Presidente Vargas.

¹ Essa coleção corresponde ao material que o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Pirai transferiu para o AEL em fins de 1989. Trata-se de uma documentação ainda em fase de organização, para posterior incorporação ao acervo deste Centro de Pesquisa e Documentação Social.

² Ao longo do texto, utilizaremos as expressões "Sindicato dos Metalúrgicos" ou, simplesmente "Sindicato" para designar essa entidade sindical.

No Capítulo II, O NOVO SINDICALISMO EM VOLTA REDONDA, mostramos os traços que nos permitem afirmar que o Grupo de Oposição Sindical, formado a partir de meados dos anos 70, articulou-se dentro da proposta do Novo Sindicalismo, bem como levantamos algumas de suas particularidades em Volta Redonda. Para tanto, discutimos o significado da emergência do Novo Sindicalismo, constituído a partir dos *sindicalistas autênticos* ou *combativos* do ABC paulista, na década de 1970. No momento seguinte, procuramos reconstituir a origem, as correntes sindicais fundantes, as motivações e os primeiros passos do Grupo de Oposição Sindical, cuja expressão mais evidente foi a do operário José Juarez Antunes. Também é objeto dessa análise, aqui, a organização operária sob o ideário do Novo Sindicalismo.

O Capítulo III, A GREVE DE NOVEMBRO DE 88: PONTA DE ICEBERG, tem início com um balanço das greves anteriores à de novembro de 1988, seguido de uma caracterização do contexto imediatamente anterior à sua deflagração. Abordamos a causalidade e a processualidade dos operários em movimento (a concretude da greve, em seus nexos determinantes; os contornos desenhados no calor do confronto com a direção da empresa, o governo, o aparato repressivo, a imprensa, as manifestações de solidariedade; as formas adquiridas pela insurgência agudizada com a invasão militar e seus desdobramentos). A rica, complexa e tensa articulação entre direção sindical e base operária é caracterizada a partir do significado político da greve (suas repercussões e abrangência no contexto da Nova República, os impactos nas eleições municipais de 1988, o salto qualitativo com a "adoção" do movimento, por parte da população de Volta Redonda, o desnudamento do papel das Forças Armadas, o peso representado pela experiência de controle operário da usina, as manifestações assumidas pela consciência de classe daqueles trabalhadores - ao menos em suas lideranças).

Nas últimas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda houve uma disputa, cujo resultado expressou uma mudança à direita dentro do

espectro sindical. Enquanto a greve, que aqui será analisada, incluiu em suas manifestações forte repúdio à privatização da usina, à conciliação como eixo do sindicalismo e à subserviência dos trabalhadores ao perfil predatório do capitalismo brasileiro, podemos ver no engajamento da atual direção do Sindicato dos Metalúrgicos, na campanha de privatização da CSN, e pelo depoimento de um atual diretor, ativista sindical em 1988, uma profunda guinada na sua orientação política: "... a conjuntura mudou, a gente tem que acompanhar a conjuntura do país, então eu acho que o sindicalismo, principalmente o daqui de Volta Redonda, está acompanhando a conjuntura, que hoje é de parceria, tem que fazer uma parceria para conseguir alguma coisa, não adianta fazer greve 30 dias. Hoje em dia não há condições de seguir essa linha mais".

Mesmo não sendo objeto desta dissertação, o processo de transformação vivido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de 1988 até hoje (do qual a desfiliação da CUT e o ingresso na Força Sindical são emblemáticos), a análise da dinâmica que se deu naquela greve pode, também a este respeito, estabelecer as referências do que, afinal de contas, metamorfoseou-se.

Ao longo das páginas que seguem, esperamos poder contribuir para a inteligência da explosiva greve de 88 na CSN. Explosiva - é o que se pretende mostrar - pela combinação de dois componentes: resistência operária de intenso significado político e truculência da ordem vigente.

CAPÍTULO I

UM CALDEIRÃO CHAMADO CSN

1.1. Breve história da CSN: projeto, operariado e mudanças

Nesta seção pretendemos abordar o contexto histórico da formação da CSN, a transformação por que passou Volta Redonda, as formas de recrutamento e gestão da força de trabalho, a articulação entre espaço fabril e espaço urbano, a elaboração da idéia da *família siderúrgica* e seu papel no disciplinamento dos trabalhadores. Trataremos, também, de mostrar o conjunto de mudanças que se verificaram em termos das propostas de racionalização da usina, bem como daquelas ensejadas pela transferência de serviços urbanos, até então assumidos pela CSN, ao poder público municipal³.

No âmbito da organização dos trabalhadores, buscaremos recuperar as correntes e propostas que a influenciaram com maior destaque.

Este itinerário de questões visa apontar para as condicionantes históricas do que denominamos *militarização do e no cotidiano da CSN*, intensificada nos anos 80, tendo sido, todavia, um elemento, por assim dizer, congênito à formação da usina Getúlio Vargas.

Um documento da própria CSN⁴ revela o projeto que as elites brasileiras tinham em relação à formação da indústria siderúrgica nos anos 30: em Volta

³ Em MOREL, Regina L. de M., *A Ferro e Fogo - Construção e crise da família siderúrgica, o caso de Volta Redonda (1941-1968)*, essas questões são detalhadamente tratadas.

⁴ Citado em MOREL, R., op. cit., pp. 2-3. Transcrevemos na íntegra o documento no Anexo 1.

Redonda deveria correr o *sangue novo* da industrialização, ou seja, a siderurgia como pressuposto essencial para a indústria de bens de capital e de consumo durável.

A Revolução de 30 significou, do ponto de vista industrial, um momento em que o Estado assumiu o papel de investidor, planejador e empresário. Tarefas como instalação da indústria de base, reaparelhamento militar e proteção das riquezas do subsolo se justificavam a partir do *nacionalismo* e da *defesa nacional*. A prioridade que o Estado deu à indústria de base objetivava garantir os pressupostos da acumulação capitalista de caráter industrial. Os interesses industriais eram apresentados como interesses nacionais. Expressivos segmentos da burocracia governamental (Forças Armadas, tecnocratas e funcionários públicos) tornaram-se importantes aliados da burguesia industrial, aliança esta que favorecia a industrialização.

Uma análise do significado da Revolução de 30 se faz necessária aqui, até porque foi em seu bojo que o projeto da CSN se gestou.

O momento ciclo agro-exportador da economia brasileira encontrou o seu eclipse com a Revolução de 30 que, por outro lado, viabilizou, paulatinamente, a emergência das condições para expansão da acumulação capitalista industrial no Brasil. Todavia, tal mudança não se efetivou através de processos profundos de superação, em que a burguesia industrial urbana tenha imposto uma derrota a outros segmentos das classes dominantes. Assistimos, em 30, a uma transição conservadora, em que interesses latifundiários foram preservados e contemplados, a ascendente burguesia industrial se alavancou e as classes subalternas não participaram do pacto de poder, ficando, portanto, alijadas das decisões sobre os novos contornos sócio-político-econômicos, então implementados.

A própria caracterização do movimento de 30, como *revolução burguesa*, demanda uma explicitação quanto ao sentido em que se pode assim adjetivá-la, tal como a que Décio Saes elaborou:

"Todavia, a despeito da participação oligárquica, a Revolução de Trinta se define igualmente, numa certa medida, como uma 'revolução burguesa'. É claro que não queremos com esta afirmação relacionar o movimento revolucionário com um projeto de industrialização do qual a burguesia industrial ter-se-ia feito agente político: a observação histórica dificilmente nos poderia fazer admitir a presença de uma burguesia industrial à procura da hegemonia política e disposta a conduzir, enquanto classe dirigente, o processo de industrialização. Mas o movimento político militar de 1930, ao destruir o monopólio oligárquico do poder político, *criou as condições institucionais indispensáveis à aceleração do processo de industrialização periférica* e ao desabrochar de uma nova classe dominante. A Revolução de Trinta substituiu o federalismo oligárquico, pela centralização político-administrativa e concede ao Estado os instrumentos institucionais indispensáveis à execução de uma política intervencionista e industrializante. *Portanto, a burguesia industrial, mais que agente político da Revolução de Trinta, foi sua criação*; e é apenas nesse sentido que se pode caracterizá-la como uma 'revolução burguesa'⁵;

A discussão sobre o Estado que se erigiu a partir da Revolução de 30 é, no que concerne à sua caracterização, intensa⁶. Aqui encampamos aquela em que o Estado varguista, não obstante a heterogeneidade presente no bloco de poder pós 30, reunindo burguesia cafeeira, burguesia agrária não-exportadora, burguesia industrial e os tenentes,

"... dentro do seu caráter nitidamente burguês, soube ir além da função de mero árbitro entre as frações dominantes agrárias e empreendeu uma política que desde logo favoreceu a industrialização brasileira. (...) O que procuramos aqui recuperar é que este Estado pautou sua atuação não como mero árbitro e mediador entre as frações dominantes, porém, mais que isso, *impôs*, ao

⁵ SAES, Décio, *Classe Média e Sistema Político no Brasil*, pp. 83-84.

⁶ A noção segundo a qual o Estado varguista seria um *árbitro entre as elites* está presente em WEFFORT, Francisco, *O populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. Já com relação ao conceito de *Estado de compromisso*, cf. SAES, Décio, *op. cit.*, e FAUSTO, Boris, *A Revolução de 1930 - Historiografia e História*, São Paulo, Brasiliense, 1976.

aproveitar-se das fissuras existentes entre as frações dominantes, um projeto que se dirigiu para a constituição de um núcleo industrializante fundamental e que, neste processo, ultrapassou inclusive aos interesses *imediatos* das classes dominantes agrárias e mesmo da burguesia industrial, formulando um projeto que garantia e preservava a expansão capitalista no Brasil"⁷.

Reformismo pelo alto (Lenin) e/ou *revolução-restauração* (Gramsci) são expressões que, ao nosso ver, sintetizam o que foi a Revolução de 30. Não podemos, no entanto, transportar mecanicamente conceitos que foram elaborados em outras circunstâncias para a realidade brasileira daquele período, em virtude, inclusive, das especificidades daqui - tal como as representadas pela origem e desenvolvimento coloniais - comparativamente à chamada via prussiana (Lenin) ou revolução passiva (Gramsci). COUTINHO parece-nos ter apreendido a experiência brasileira com acerto:

"... o Brasil experimentou um processo de modernização capitalista sem por isso ser obrigado a realizar uma 'revolução democrático-burguesa' ou de 'libertação nacional' segundo o modelo jacobino; o latifúndio pré-capitalista e a dependência em face do imperialismo não se revelaram obstáculos insuperáveis ao completo desenvolvimento capitalista do País. Por um lado, gradualmente e 'pelo alto', a grande propriedade latifundiária transformou-se em empresa capitalista agrária; e, por outro, com a internacionalização do mercado interno, a participação do capital estrangeiro contribuiu para reforçar a conversão do Brasil em país industrial moderno, com uma alta taxa de urbanização e uma complexa estrutura social. Ambos os processos foram incrementados pela ação do Estado: ao invés de ser o resultado de movimentos populares, ou seja, de um processo dirigido por uma burguesia revolucionária que arrastasse consigo as massas camponesas e os trabalhadores urbanos, a transformação capitalista teve lugar graças ao acordo entre as frações das classes economicamente dominantes, com a exclusão das

⁷ ANTUNES, Ricardo, *Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil - Da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora*, p. 69.

forças populares e a utilização permanente dos aparelhos repressivos e de intervenção econômica do Estado. Nesse sentido, todas as opções concretas enfrentadas pelo Brasil, direta ou indiretamente ligadas à transição para o capitalismo (desde a Independência política ao golpe de 1964, passando pela Proclamação da República e pela Revolução de 1930), encontraram uma solução 'pelo alto', ou seja, elitista e antipopular"⁸.

O enfrentamento do desafio da construção de uma usina siderúrgica era já antigo. Desde a década de 20, vários empresários faziam gestões para que o Estado assumisse a tarefa de desenvolver o ramo siderúrgico, visto como imprescindível à economia brasileira. O setor privado não se arriscava a tal empreendimento e desejava que o Estado o encampasse⁹.

Dentre as ações pela montagem de uma estrutura industrial de base, o governo varguista, desde os seus primeiros momentos, colocou em pauta a construção do complexo siderúrgico em Volta Redonda. Um momento importante no processo da formação da indústria de base foi a fundação da Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, em 1921, que se deu com o interesse por parte do grupo ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange), de capitais belgas e luxemburgueses, em associar-se à Cia. Siderúrgica Mineira, criada em

⁸ COUTINHO, Carlos N., *Gramsci - Um estudo sobre seu pensamento político*, p. 121. Referindo-se à mesma caracterização da Revolução de 30, Francisco de Oliveira assim se expressou: "Ao contrário da revolução burguesa 'clássica', a mudança das classes proprietárias rurais pelas novas classes burguesas empresariais industriais não exigirá, no Brasil, uma ruptura total do sistema, não apenas por razões genéticas, mas por razões estruturais. Aqui, passa-se uma crise nas relações externas com o resto do sistema, enquanto no modelo 'clássico' a crise é na totalidade da economia e na sociedade. No modelo europeu, a hegemonia das classes proprietárias rurais é total e paralisa qualquer desenvolvimento das forças produtivas, pelo fato mesmo de que as economias 'clássicas' não entravam em nenhum sistema que lhes fornecesse os bens de capital que necessitavam para sua expansão: ou elas produziram tais bens de capital ou não haveria a expansão do capitalismo, enquanto sistema produtor de mercadorias. A ruptura tem que se dar, em todos os níveis e em todos os planos. Aqui, as classes proprietárias rurais são parcialmente hegemônicas, no sentido de manter o controle das relações externas da economia, que lhes propiciava a manutenção do padrão de reprodução do capital adequado para o tipo de economia primário-exportador", OLIVEIRA, Francisco, "Crítica à Razão Dualista", in *Seleções Cebrap I*, São Paulo, Brasiliense, 1975, pp. 30-31. Consultar, ainda, VIANNA, Luiz Werneck, *Liberalismo e Sindicato no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976; SODRÉ, Nelson Werneck, *Formação Histórica do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1973; FERNANDES, Florestan, *A Revolução Burguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

⁹ MOREL apresenta uma análise, segundo a qual desde o período colonial houve tentativas de se produzir ferro e derivados no Brasil, cf. MOREL, R., *op. cit.*, pp. 5-13.

1917. Tal fundação foi a primeira superação da resistência do capital internacional em financiar a instalação de siderurgia no Brasil. Entretanto, a Belgo-Mineira não chegou a resolver o problema da siderurgia de grande porte.

Com a retomada, nos anos 30, da política de substituição de importações e com a ampliação da capacidade de intervenção do Estado no controle da força de trabalho e na implementação de medidas econômicas, o desafio de se instalar a siderurgia se avolumou¹⁰. A ideologia legitimadora da intervenção estatal se assentava no projeto nacionalista e de industrialização. O próprio âmbito das decisões das políticas que o Estado deveria adotar, ao sabor dos interesses da expansão da acumulação do capital, foi deslocado do Parlamento para as chamadas *comissões técnicas* (formadas por novos quadros no aparelho de Estado, notadamente militares, engenheiros e técnicos), comissões que se apresentavam como portadoras de propostas de caráter não-político, vale dizer, de caráter *nacional*. Na realidade, porém, como indica MOREL, as comissões técnicas eram

"... canais através dos quais os grupos e classes sociais procuravam influenciar as políticas públicas. Assim, conflitos e posições divergentes vão se enfrentar dentro do próprio aparelho do Estado. No caso da *grande siderurgia*, o processo de decisões se desenvolveu num intrincado e complexo jogo de alianças e compromissos em que as várias forças sociais envolvidas procuravam viabilizar seus interesses"¹¹.

Em maio de 1920 foi assinado um acordo entre o Presidente da República e a Itabira Iron Ore, segundo o qual a exportação de minérios estaria condicionada à construção de uma usina. Por determinação do Tribunal de Contas da União, o contrato foi suspenso e remetido à apreciação do Congresso,

¹⁰ A política do Estado varguista não se limitou, obviamente, ao âmbito econômico, sentido estrito, ou à criação de empresas públicas. Sua atuação incluiu todo o projeto de legislação trabalhista, normatização do mercado de trabalho, determinando, simultaneamente, providências com o objetivo de cercear o movimento dos trabalhadores, controlando o custo da reprodução da força de trabalho, além de alargar o espectro de respaldo político-social do regime.

¹¹ MOREL, R., op. cit., p. 13.

que levou quase dez anos para se pronunciar a respeito. O contrato só foi aprovado em 1928, mas Percival Farquhar - proprietário da Itabira Iron Ore - não conseguiu financiamento internacional para a construção da usina.

Já presente no programa da Aliança Liberal, o tema da siderurgia nacional aflorou no discurso que Getúlio Vargas pronunciou em 23 de fevereiro de 1931, no início do governo provisório, onde foi defendida a nacionalização das riquezas minerais do país. O acordo com a Itabira Iron Ore foi objeto de intensa polêmica, para a qual se apresentou solução apenas com o Estado Novo. No discurso de anúncio do Estado Novo, Vargas refere-se ao ramo siderúrgico como estratégico à criação da indústria de base. O caráter industrializante do Estado varguista, agora em seu período mais agudo de repressão política e de estruturação econômica para os pressupostos à acumulação capitalista industrial, emergia indubitavelmente.

Em 1938, o governo varguista não deixava dúvida quanto à vontade política com que encararia o projeto siderúrgico:

"Resumindo nossas considerações, podemos concluir que a instalação siderúrgica pode ser feita: 1) pelo Estado, com o levantamento de capitais estrangeiros ou mediante financiamento à base de minério exportado; 2) com capitais mistos, do Estado e de empresas nacionais; 3) por empresas particulares nacionais, com capitais próprios e estrangeiros, e controle do Estado. O Governo está disposto a resolver o problema e pronto a receber quaisquer propostas idôneas, dentro das condições indicadas"¹².

Entre fins de 30 e início dos anos 40, as pequenas usinas nacionais estavam muito longe de produzir o exigido no Brasil. A polarização na discussão sobre a grande siderurgia se dava entre, de um lado, o Estado e grupos privados nacionais e, de outro lado, grupos capitalistas alemães e norte-americanos.

O tenente-coronel Edmundo Macedo Soares, em todo esse processo, assumiu responsabilidades, quer com relação a parecer técnico, quer no que dizia

¹² Ibid., p. 18.

respeito à gestões políticas, junto aos Estados Unidos, no sentido de que fosse viabilizado o financiamento necessário¹³. Em fins de 1939, as conversações com a U.S. Steel Corp. pareciam avançar, quando teve início a Guerra na Europa, o que determinou a suspensão da cooperação que se avizinhava à construção da usina, uma vez que os EUA entraram em economia de guerra.

MOREL mostra como os EUA adiam a decisão final, quanto ao financiamento para a construção da CSN¹⁴.

O Presidente Getúlio Vargas pressionou os EUA, ao estabelecer contato com os alemães com vistas ao financiamento para a usina. Como resposta, o Eximbank autorizou o empréstimo de 20 milhões de dólares para aquisição de máquinas e equipamentos, mediante acordo de 26 de setembro de 1940. O Decreto-Lei nº 3002, de 30 de janeiro de 1941, criava a Companhia Siderúrgica Nacional. Seus estatutos foram aprovados em 9 de abril de 1941, data assumida como a da fundação da CSN.

Os EUA continuavam preocupados com a indefinição do governo brasileiro diante do conflito mundial. O ataque na base norte-americana de Pearl Harbour, em 1941, teve como resposta do governo Vargas a ruptura com o Eixo. A negociação ganhava novo patamar. Em 3 de março de 1942, foram assinados os *Acordos de Washington*, cujos termos estabeleceram créditos ao Brasil de 20 milhões de dólares e cooperação militar Brasil-EUA, em que bases no Nordeste brasileiro poderiam ser utilizadas pelas Forças Armadas norte-americanas, além do fornecimento de matérias primas nacionais aos EUA. Em 1943, outros 25 milhões de dólares foram injetados na CSN, que inaugurou sua produção em 1946.

Conforme MOREL,

"... a CSN, junto com a Fábrica Nacional de Motores, a Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Nacional de Álcalis, vão representar as primeiras incursões

¹³ Ibid., pp. 15-31.

¹⁴ cf. Ibid., pp. 25-26.

do Estado brasileiro na esfera da produção. (...) no caso da CVRD e da CSN, as intenções de *estatização* estavam subordinadas às tentativas de articular as várias frações de capital na constituição de uma base produtiva interna, encarada como garantia da independência econômica, e, portanto, condição indispensável à independência política"¹⁵.

De acordo com Guilherme Guinle, primeiro presidente da CSN, a promessa da CSN era esta: "É a idade da máquina que vai nascer para nós, e com o ferro aproveitado das nossas jazidas, encheremos de aviões nossos céus, de automóveis, ônibus e caminhões nossas ruas e estradas, de embarcações nossas águas e tratores, arados, semeadeiras, etc, lavrarão e enriquecerão nossos campos"¹⁶.

MANGABEIRA parece ter conseguido sintetizar com precisão o sentido mais profundo da CSN:

"A criação da Companhia, durante o governo Vargas, fazia parte de uma política fortemente nacionalista de promoção do desenvolvimento do parque industrial do país e sua independência econômica estrangeira (...) A criação da CSN, integrando a política econômica de Vargas, inaugurou uma nova articulação entre o setor privado e o aparelho burocrático estatal (...) o papel de agente produtivo exercido pelo Estado na década de 1940 foi instrumento fundamental para a garantia da reprodução do sistema capitalista no país, em novas bases"¹⁷.

A escolha do local para a construção da CSN não se assentou apenas em critérios de facilidade de transporte, mercados, matérias primas e segurança militar. Tal escolha

"... representava uma concessão ao estado do Rio de Janeiro, onde o genro do Presidente Vargas, Comandante Ernâni do Amaral Peixoto, era interventor Federal. O Rio de Janeiro, cuja produção industrial encontrava-se em declínio, foi

¹⁵ Ibid., p. 37.

¹⁶ Ibid., p. 40.

¹⁷ MANGABEIRA, W., *Os dilemas do Novo Sindicalismo - Democracia e Política em Volta Redonda*, p. 65.

também o local escolhido, no mesmo período, para outras duas empresas estatais, a Companhia Nacional de Álcalis e a Fábrica Nacional de Motores"¹⁸.

MOREL concluiu que "... a decisão de construir a Companhia no Rio de Janeiro representaria um importante estímulo à produção industrial do estado, convertendo o Vale do Paraíba num importante polo industrial"¹⁹. Não obstante os critérios fisiológicos, o favorecimento nepótico do episódio não pode ofuscar a dimensão de incrementação industrial desempenhada pelo Estado varguista também no que respeita àquela região do Rio de Janeiro como a escolhida para a construção da CSN.

Dados sobre os primeiros impactos na região causados pela construção da CSN são apresentados por MOREL²⁰. Queremos, aqui, recuperar um pouco da concepção subjacente ao modelo de cidade que se formou a partir da CSN.

Volta Redonda, que houvera sido região de atividade rural, foi construída concomitantemente e de forma determinada pela construção da CSN, em um modelo conhecido pelo nome de *company-town* ("cidade-companhia"). Hobsbawn, referindo-se a esse modelo, afirmou que

"a indústria pesada produziu a região industrial da mesma forma que produziu a companhia que engloba cidades, onde o destino de homens e mulheres dependia do humor e boa vontade de um único gerente, atrás do qual estava a força da lei e do poder do Estado, olhando esta autoridade como necessária e benfazeja"²¹.

As *company-town* são cidades ou regiões controladas por uma empresa, na dupla perspectiva, ou seja, de um lado, suprir, com razoável grau de garantia, as necessidades de força de trabalho, através da fixação desta pelo fornecimento de moradia e, por outro, estender o domínio da empresa ao âmbito privado dos trabalhadores, por meio de vários mecanismos de disciplinamento.

¹⁸ MOREL, R., op. cit., p. 44.

¹⁹ Ibid., p. 47.

²⁰ cf. Ibid., p. 52.

²¹ HOBBSAWN, Eric, *A Era do Capital (1848-1875)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 225, apud MOREL, R., op. cit., p. 54.

O disciplinamento da força de trabalho, com vistas à formação de um tipo de trabalhador obediente, subordinado e treinado, lançava mão de mecanismos diversos, incluindo medidas coercitivas da gestão da força de trabalho, fornecimento de um amplo sistema de serviços sociais e influência decisiva das gerências na organização do trabalho, nas seções, bem como na definição dos deveres e direitos dos trabalhadores. Neste momento e, a bem da verdade, em praticamente toda a história da CSN, havia um poder quase ilimitado de disciplina dos encarregados e supervisores dentro das seções.

As moradias reproduziam no espaço urbano a hierarquização do ambiente da usina, isto é, as moradias obedeciam a critérios de segregação de acordo com a ocupação, sexo e estado civil²² :

"as casas foram planejadas segundo 7 tipos diferentes, variando em localização, tamanho e comodidades, destinadas a engenheiros, mestres, contra-mestres e operários (...) em Volta Redonda a estruturação espacial reproduzia, com a cumplicidade da topografia, a hierarquia da empresa. Inscrevia-se, assim, no espaço urbano a hierarquia da Companhia, prescrevendo a cada um o seu lugar: as mansões nas colinas, com uma bela vista sobre o rio Paraíba do Sul, para os diretores; logo abaixo, os gerentes e engenheiros; perto da fábrica, supervisores, técnicos e pessoal de escritório, e, mais adiante, os bairros operários..."²³ .

A concessão de moradias foi um elemento fundamental à criação da imagem da Companhia *doadora*. É verdade que nem todos os operários residiam em moradias da CSN²⁴ .

O disciplinamento no âmbito da vida privada dos trabalhadores se justificava, no pensamento das classes dominantes de então, a partir de uma avaliação, segundo a qual as camadas pobres precisariam superar a sua

²² cf. MOREL, R., op. cit., pp. 58-72.

²³ MOREL, R., op. cit., p. 69.

²⁴ cf. MOREL, R., op. cit., pp. 129-132 e p. 283. A cidade de Volta Redonda foi, na verdade, dividida em duas partes: à margem direita do Rio Paraíba do Sul, a Cidade Nova, núcleo urbano desenvolvido pelo Plano de Implantação da Usina; à margem esquerda, a Cidade Velha, desprovida dos serviços criados na Cidade Nova. Muitos operários, principalmente a partir dos anos 60, foram residir na Cidade Velha.

heterogeneidade étnica e cultural, como condição imprescindível às exigências da industrialização. E, no caso da CSN, estava colocado, até como pré-requisito à produção do aço, o objetivo de produzir um tipo de trabalhador *plenamente consciente de seus deveres*:

"Assim foi o homem que fez Volta Redonda. Sua transformação em técnico moderno não se mostrou difícil. Bastou educá-lo em escolas e no trabalho. (...) A mistura inicial, para cuja heterogeneidade chamamos atenção ao iniciar estas notas, vai-se sedimentando numa Nação, com características próprias. Há uma mentalidade brasileira, um tipo nacional que se reconhece em comparação com elementos de outros países. Existem uma classe média e uma classe operária. Mas há muito a fazer, sobretudo no setor educação, para que este homem tão adaptável, se transforme em um cidadão plenamente consciente de seus deveres"²⁵.

Este projeto de se criar um tipo de trabalhador conforme aos padrões da industrialização naquele momento teve, no caso da CSN, alicerce na idéia que MOREL denominou *família siderúrgica*, onde o Estado, tutor da sociedade e construtor da nação, na realidade buscava controlar os movimentos e formas de organização dos trabalhadores, apresentando como dádivas as reivindicações populares. Espaço fabril, espaço familiar e espaço urbano, todos, precisavam contribuir com o disciplinamento. É isto que começamos a discutir.

Do interior de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo saiu a maioria dos operários para a construção e início de funcionamento da CSN. Porém, foi da Zona da Mata de Minas Gerais que veio o contingente mais

²⁵ MACEDO SOARES E SILVA, Edmundo de, "A Formação Técnica do Brasileiro", In *Carta Mensal*, Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, Rio de Janeiro, 1979, p. 6, *apud* MOREL, R., *op. cit.*, p. 77. Esta *moral burguesa do trabalho* encontrou na Igreja Católica, estabelecida em Volta Redonda, grande respaldo na tarefa de divulgação, não só quando da criação da CSN, mas ao longo de praticamente toda a sua existência. É emblemática da legitimação eclesiástica, acerca dessa moral, uma carta do bispo D. Agnelo Rossi ao general Macedo Soares, então presidente da CSN: "Dedicaremos nossa missão a educar essa gente rude. É preciso torná-los trabalhadores dóceis e isso só será possível através do Evangelho" (D. Agnelo Rossi, bispo da Diocese de Barra do Pirai, 1954. Livro de Tombo n. 2. Diocese de Volta Redonda). Sobre a presença e a atuação do catolicismo na CSN e na vida dos seus operários cf. SOUZA, Jessie J. V. de, *Valentim, o Guardiã da Memória Circulista (1947-1958)*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1992.

expressivo²⁶. Os que se deslocaram a Volta Redonda espontaneamente, poucos em relação ao total, provavelmente o fizeram com base na propaganda veiculada pela Rádio Nacional, através do programa *Hora do Brasil*, criado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Tais informações davam conta da possibilidade de escapar do serviço militar obrigatório todo jovem que viesse a trabalhar na CSN. Mas outros eram recrutados por serviços de agenciadores, que ganhavam por operário apresentado, via de regra conquistado com a promessa de emprego²⁷.

A concepção *militarizada e militarizante*²⁸, acerca do trabalho na CSN, já se fazia sentir desde o início, conforme se conclui da afirmação de MOREL:

"Tempos de guerra facilitaram para a CSN a solução do problema de fixar e atrair mão-de-obra: pelo Decreto-Lei nº 4937, de 9 de novembro de 1942, as pessoas pertencentes a fábricas consideradas de interesse militar não poderiam largar o serviço por mais de 8 dias, sob pena de serem considerados desertores. A CSN estava incluída dentre elas: ser seu empregado significava servir às Forças Armadas e colaborar na defesa da pátria. (...) As duras condições de vida e o trabalho pesado fizeram com que muitos fugissem, ainda que sob o risco de responderem processo por deserção"²⁹.

O disciplinamento, quer no recrutamento, quer nas medidas para impedir a evasão de operários insatisfeitos, era constante.

O acampamento de obras passou a ser policiado, em 1942, por um corpo de guardas - sintomaticamente chefiado por um Oficial Reformado da Força Pública de Minas Gerais, Coronel Luiz Oliveira Fonseca - com a finalidade de controlar a *promiscuidade, alcoolismo e hábitos desordeiros*³⁰. Os infratores eram retidos em uma prisão própria, visando a sua punição exemplar.

²⁶ cf. VEIGA, S. & FONSECA, I., *Volta Redonda, entre o aço e as armas*, pp. 16-18; segundo SOUZA, J., op. cit., p. 71: "... as estatísticas da empresa, referentes ao período inicial, nos dizem que 78% daqueles trabalhadores vieram das zonas rurais de Minas Gerais".

²⁷ cf. MOREL, R., op. cit., pp. 84-86.

²⁸ Esta *militarização* será analisada mais adiante.

²⁹ MOREL, R., op. cit., pp. 84 e 87.

³⁰ cf. MOREL, R., op. cit., p. 89.

Havia, inclusive, uma espécie de *ritual de iniciação* ao operário e família recém chegados:

"Quando um operário chegava a Volta Redonda ele era despido, ele e toda a sua família. E nós vestíamos roupas novas neles. Dávamos banho, passávamos pelos médicos e dávamos roupas novas. E as roupas antigas eram lavadas e guardadas. Colocadas dentro de um saco e guardadas com o nome deles, porque era gente muito suja e doente"³¹.

Aos médicos eram reservadas as funções de garantir a higienização das casas e cidade e de reeducar os costumes dos operários e familiares; assistentes sociais visitavam as famílias dos operários, com objetivos como orientar sobre arrumação da casa, conflitos domésticos e entre vizinhos; em alguns locais o namoro nas ruas era proibido após 22 horas; a polícia se encarregava de evitar ou resolver brigas entre vizinhos³². A presença da CSN, com sua ideologia, era abrangente. Do time de futebol à formação técnica, passando pelo policiamento, assistência médico-odontológica, atrito na vizinhança, o cotidiano dos operários era, em suas várias esferas, controlado pela Companhia.

O aluguel da casa era deduzido do salário, na própria folha de pagamento e correspondia a um valor muito abaixo daquele existente no mercado imobiliário da época. A moradia ocupava lugar singular na idéia da *família siderúrgica*, uma vez que atrelava ainda mais o espaço extra-usina à Companhia. Outrossim, vários serviços urbanos eram mantidos pela CSN, como conservação de estradas e ruas, manutenção de parques e jardins, horto florestal e reflorestamento, limpeza pública, manutenção de água e esgotos da cidade, manutenção das redes e distribuição de energia elétrica, transporte coletivo, policiamento e bombeiros, além da banda de música.

Na esfera fabril, havia formas diferenciadas de treinamento, ou seja, cursos rápidos ministrados na própria CSN e cursos formais, dados na Escola

³¹ Ibid., p. 96.

³² cf. MOREL, R., op. cit., pp. 98 e 135-137.

Técnica, de acordo com a ocupação. O despotismo da gerência se manifestava pelo rígido controle do tempo e através de práticas personalistas e clientelistas que presidiam a avaliação sobre a conveniência, ou não, de determinado operário ser promovido, ou punido; todo um sistema de premiação, com base no *bom comportamento*, completava o conjunto de medidas disciplinadoras dentro da CSN.

Todo esse processo que se deu na formação do operariado da CSN, que MOREL chamou de *construção da família siderúrgica*, soube articular, combinar, práticas repressivas no interior da usina e no espaço extra-fábrica com representações (elementos no plano da consciência, superestruturais) que criavam a idéia da usina-mãe (doadora de benefícios), uma espécie de prolongamento do Estado varguista, *pai dos pobres*. Portanto, em grande medida, tentava-se (com êxito, é bem verdade) camuflar a exploração com o cultivo da noção de que o futuro da *família nacional* exigia o bom funcionamento da *família da CSN*.

Entretanto, dificuldades para a manutenção e a ampliação de *benefícios* que cumpriam o papel de reforçar o *orgulho* de trabalhar na CSN começaram a emergir já na metade da década seguinte à criação da usina..

A dupla condição de instrumento de política econômica e de fator de capitalização da iniciativa privada vai se acentuar a partir dos anos 50³³. SOUZA (1992) assim expressou a respeito:

³³ Ainda nos anos 50, a CSN irá adquirir como vetor mestre de sua gestão a dupla condição de instrumento de política econômica (por exemplo, no controle de preços de seus produtos, enquanto medida governamental para estímulo aos ramos industriais de automóveis e bens de consumo duráveis em geral) e de fator de capitalização da iniciativa privada. Esta dupla condição vai trazer um desequilíbrio financeiro para a CSN, que fica-nos bem claro com a declaração do então presidente da usina, General Macedo Soares, veiculada no *Lingote*, nº 112, de 1958: "1957 foi, antes de tudo, como 1956, um ano de produção. Empregamos a fundo o equipamento que possuímos e, por isso, batemos vários *records* que foram assinalados oportunamente e, maximé, na aciaria. (...) Dois fatos, além desses porém, merecem destaque: primeiro, a CSN, em virtude do que estabeleceu a nova Lei de Tarifas perdeu as últimas prerrogativas que tinha, como empresa estatal: câmbio de custo para importação de carvão e de sobressalentes e ferramentas, estando agora nas mesmas condições das companhias congêneres particulares; segundo, em virtude de decisão superior, as alterações de seus preços não são livres, como as de qualquer empresa privada. Em consequência, medidas de grande profundidade foram e estão sendo tomadas para evitar o desequilíbrio financeiro da Companhia. Não alterar a soma (no caso, preço de nossos produtos), quanto aumentam as parcelas (no caso, salários, fretes, impostos, custos de carvão, etc.), eis o problema com que se defronta a Diretoria da CSN. Só há uma solução: adiar certas despesas, economizar gastos e aumentar a produtividade", MOREL, R., op. cit., p. 165. Os grifos são nossos.

"Num primeiro momento, de meados dos anos 50 até 1964, a empresa procura sair da crise econômica, acentuada pelas pressões de grupos de consumidores privados de aço sobre o governo. São grupos que tentam controlar os preços dos produtos produzidos pela CSN. Pressão que se agrava pela concorrência da Cosipa e Usiminas. (...) Após 1964, as dificuldades financeiras da CSN se acentuam. O controle dos preços e salários coloca as empresas públicas como meros instrumentos da política econômica atrelada aos interesses externos. Da mesma forma que os instrumentos políticos instituídos pelo Estado Novo possibilitaram a implantação da CSN, com seus métodos de gerenciamento de cunho paternalista, os instrumentos políticos autoritários gerados pelo golpe militar também marcam uma nova etapa na relação da CSN com os trabalhadores e a cidade de Volta Redonda. Em 1967, as casas da Companhia são vendidas e caberá à prefeitura, daí para frente, a administração de todos os equipamentos urbanos"³⁴.

Efetivamente, o aumento da produtividade foi colocado como a grande meta, na década de 60. A estrutura organizacional e a gestão da força de trabalho sofreram mudanças significativas. A programação da produção, o aprimoramento da eficiência, numa palavra, a busca da produtividade incrementada se colocava como meta, a qualquer custo. A combinação das formas de aumento da mais-

Historicamente, as despesas adiadas foram na sua maioria aquelas destinadas à manutenção e à ampliação dos equipamentos. Quanto aos gastos que deviam ser economizados, as medidas foram diversificadas, ficando para os anos 80 a opção primeira para contenção salarial. Por fim, e isto é o que nos interessa sobremaneira aqui, o aumento de produtividade irá exigir novas racionalizações na produção desde o início da década de 1960. Esta negligência com manutenção, ampliação e renovação de equipamentos se fará sentir com maior intensidade exatamente no período imediatamente anterior à greve de novembro de 1988.

³⁴ SOUZA, J., op. cit., pp. 2-3. Segundo a autora, após meados de 1950 passa a existir uma "... maior presença do sindicato na defesa de aumentos salariais e outras reivindicações, tais como melhoria nas condições de vida e trabalho. A ação do sindicato se intensifica e se coloca para além do espaço fabril. Essa talvez seja a característica específica do movimento sindical em Volta Redonda, cuja tradição está assentada no trato das questões urbanas". Entendemos que, em grande parte, a pauta sindical até a vitória da Oposição Sindical, em 1983, ou, pelo menos, até 1967, quando a CSN deixa de ter as responsabilidades com o espaço urbano, de fato se conformou ao trato das questões urbanas. Entretanto, como mostram as análises das greves na CSN a partir da primeira, em 1984, as lutas contra 1) a superexploração da força de trabalho, 2) condições de trabalho, 3) despotismo fabril, 4) repressão às lideranças e 5) inobservância de cláusulas de acordo coletivo vão se afirmando como eixos do movimento dos trabalhadores.

valia absoluta com as da mais-valia relativa se intensificou. O discurso da *família siderúrgica* entrava em choque com a política de classificação, hierarquização, dos operários. Prêmios para a produção e frequência de operários foram introduzidos como mecanismos para obter a adesão destes aos objetivos da empresa; a cronometragem do tempo necessário a cada operação passou a ser o critério para a premiação: "... segundo o mais genuíno espírito taylorista, definem-se padrões que representariam os tempos permitidos para a execução das operações, levando-se em conta o tempo necessário para atender a necessidades pessoais e para descanso"³⁵; a intensificação do ritmo de trabalho implicou aumento do número de horas-extras. No que respeita ao sistema de seleção e treinamento, a principal mudança foi a acentuação da separação entre planejadores e executores, com diferenciação nos cursos de treinamento³⁶; os gerentes, mestres e encarregados passaram a ter formação para saber como mandar e liderar. Essas mudanças no treinamento se orientavam pelo princípio do *homem certo no lugar certo*.

A influência das chefias nas promoções de subordinados era imensa. A CSN buscou introduzir critérios objetivos e racionais no sistema de promoções, mas isto ainda não eliminou o peso das preferências pessoais para a distribuição de cargos. Exemplo disto foi o papel da avaliação das chefias sobre o desempenho profissional de cada subordinado para o acesso ao prêmio chamado de *girafa* (modalidade que a CSN adotou como regulamentação ao dispositivo constitucional que previa participação dos trabalhadores nos lucros das empresas). A *girafa* era paga aos trabalhadores de cargos mais elevados e salários mais altos e aos que fossem mais antigos, disciplinados e assíduos. O Regime Disciplinar na CSN³⁷ reservava aos chefes poderes como aplicação de penalidades, opinião sobre conduta e competência dos subordinados³⁸.

³⁵ MOREL, R., op. cit., p. 182.

³⁶ O ensino formal passou a ser muito valorizado, o que produziu insatisfação nos operários mais antigos, cujo conhecimento era mais de natureza prática.

³⁷ Uma síntese desse regime disciplinar pode ser deduzida daqui: "No seu local de trabalho haverá relógio de ponto, onde você deverá bater o seu cartão nas horas de entrada e de saída e nos intervalos do

MOREL colheu vários depoimentos de operários da CSN³⁹ que sugerem, de fato, que o ciclo (período) em que a CSN foi a grande responsável também pelo âmbito da reprodução da força de trabalho - através do controle dos serviços públicos, das moradias e de toda uma rede de ingerências na vida dos trabalhadores - formou um novo operário, refém da ideologia da *família siderúrgica*. Entendemos que a primeira geração de operários da CSN, que foi aquela compreendida entre 1941 até início da década de 70, esteve por demais exposta aos desdobramentos (no plano do disciplinamento) de tal ideologia. À frente discutiremos em que medida este ciclo - encerrado poucos anos antes dessa primeira geração deixar a usina - pode ser apontado como um dos fatores pela ausência de uma das principais formas de luta operária, a saber, a greve, ao longo de 43 anos (1941 até 1984, ano em que ocorreu a primeira greve na CSN).

MANGABEIRA, referindo-se a essa primeira geração de trabalhadores na CSN, afirma que

"com a aposentadoria desse grupo de trabalhadores extinguiu-se também uma geração de operários altamente identificados com a Companhia, devido ao seu passado paternalista e, principalmente, terminava uma geração que construíra sua identidade profissional dentro da usina.(...) em nítido contraste com essa geração pioneira, a segunda e terceira gerações de trabalhadores revelou muito menos envolvimento com a Companhia"⁴⁰.

A década de 60 foi, efetivamente, um momento de crise para a CSN, tanto porque, a partir de então, ela funcionará como importante subsidiadora do mercado consumidor de aço, como pela concorrência introduzida pela USIMINAS e pela COSIPA.

Nas palavras de MANGABEIRA:

almoço. Antes de marcar o ponto, verifique bem se o está fazendo em seu próprio cartão, para evitar dúvidas depois. Em casos de atraso, você terá de se justificar ao seu chefe. Esforce-se sempre para que isso não aconteça, pois atrasos contam pontos negativos para promoções, participação nos lucros, concessão de prêmios e outras vantagens". MOREL, R., op. cit., p. 210.

³⁸ cf. MOREL, R., op. cit., pp. 149-219.

³⁹ cf. MOREL, R., op. cit., capítulo VIII.

⁴⁰ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 68.

"a empresa produtiva estatal é, a um só tempo uma unidade produtiva capitalista e um *instrumento de política econômica* do governo. O setor estatal do aço vinha sendo objeto, há muitas décadas, de rígidas políticas de contenção de preços. A contradição desse duplo papel tem atingido de modo particular a Companhia Siderúrgica Nacional durante toda a sua história; sempre foi um dos seus principais problemas"⁴¹.

Esta incursão, ainda que breve, pela história da CSN, até fins da década de 60, interessou-nos precisamente para, de um lado, levantar elementos à compreensão do perfil da primeira geração de operários dessa usina e, de outro, identificar as raízes da militarização vivenciada no cotidiano dos operários dessa usina.

1.2. A resistência operária na CSN até o Grupo de Oposição Sindical

As formas de resistência operária na CSN foram diversas e estiveram presentes desde a sua construção:

"Os conflitos eram muitos. *Arigó* freqüentemente matava as chefias, mas em grande número mesmo; revoltava-se e faltava ao trabalho. E também nas filas do refeitório os conflitos eram intensos, já que a comida que a empresa servia era - ao contrário do seu discurso - de péssima qualidade e sabor. Nos boletins de serviço podemos perceber um número enorme de punições, o que pode ser um indício da resistência oferecida pelos trabalhadores"⁴².

⁴¹ Ibid., p. 67.

⁴² VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 20-21. Esta é a explicação para o uso da expressão *arigó* aos primeiros trabalhadores da CSN: "Arigó é o nome que se dá ao pássaro de arribação. Significa aquele que vem e não volta. É o nome que os primeiros trabalhadores da CSN assumem para si. (...) Aquilo que o general Edmundo de Macedo Soares chamou de 'mundo heterogêneo' parece ter sua unidade construída a partir da visão de que todos são arigós, pássaros que migram. Uma palavra que simbolizará a constituição daqueles primeiros 7.000 homens num processo que se fez historicamente nos canteiros de obra da CSN. Portanto, 'ser arigó' é o que homogeneizará aquele universo cultural, o que lhe dará unidade ideológica. Será a partir da vivência coletiva de 'ser arigó' que os trabalhadores sistematizarão a

MOREL dedica boa parte de sua tese à questão das formas de resistência oferecidas pelos operários da CSN, no período que analisa (1941-1968)⁴³. Até o início dos anos 60, as principais reivindicações dos operários diziam respeito à luta para obrigar a CSN a

"... reconhecer ou ampliar os direitos concedidos pela CLT. (...) ainda que a Companhia contasse com amplo sistema de serviços sociais, ela muitas vezes agia como se estivesse *acima* das leis trabalhistas. (...) As reclamações apresentadas pelo Sindicato contra a CSN atingiram seu ápice na década de 1960, quando o modelo de *company-town* começou a ruir e os benefícios oferecidos pela Companhia foram sendo progressivamente eliminados"⁴⁴.

experiência vivida, construindo sua resistência". CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. *Arigó, o pássaro que veio de longe*, p. 14.

⁴³ cf. MOREL, R., op. cit., pp. 291-352 e 380-402. Segundo Morel, aquilo que a CSN buscava apresentar como dádiva, os operários acabaram por redimensionar enquanto direitos, redimensionamento que, em vários momentos, determinou a ação do Sindicato dos Metalúrgicos. Um bom resumo da história do Sindicato dos Metalúrgicos pode ser encontrado em VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 34-37: "Em Barra Mansa, onde já existia a Siderúrgica Barra Mansa, é fundada, em 1943, a Associação profissional dos Metalúrgicos, cuja maioria da diretoria é integrada por getulistas que participarão do núcleo de fundadores do Partido Social Democrático (PSD) no pós-45. Em 1946 a associação é reconhecida e formalizada, pelo Estado, como Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa. É dirigido por uma junta governativa que tem à frente Antônio Frizzas. Um ano depois o sindicato vai para Volta Redonda. Para se ter uma idéia da intervenção da CSN na formação do sindicato, basta dizer que a primeira reunião do sindicato, em Volta Redonda, foi num barracão da CSN, no Laranjal, com representantes da empresa. (...) O PTB e o PSD começam um trabalho mais vigoroso de estruturação dos sindicatos com a finalidade destes se constituírem na base que propiciaria o retorno de Getúlio Vargas ao poder. O sindicato vem para Volta Redonda nessa maré, promovida pelo petebismo, trabalhismo, pessedismo, com participação do PCB e da CSN. E por que da CSN? Porque o sindicato seria o espaço regulador dos conflitos dos trabalhadores com a empresa, que eram constantes. (...) A primeira eleição para o sindicato se dá em 1951, e vence a chapa de Alan Cruz, que era do PSD (...). O aparelho assistencialista do sindicato é montado. (...) A chapa que vence a eleição de 53 para o sindicato tem Walter Millen como presidente. É uma gestão que terá ainda o domínio do PSD e de Alan Cruz (...). Chegam as novas eleições para o sindicato. Vence a chapa de José Cláudio Alves, Nestor Lima, José Bonifácio da Silva, ligado ao PCB, e Rubem Trota, numa aliança, no mínimo, muito estranha, uma vez que José Cláudio era simpatizante dos integralistas. As contradições dentro da diretoria afloram, e José Cláudio, prevendo que seria derrotado nesta briga, promove, com o apoio do Macedo Soares, uma intervenção no sindicato pelo Ministério do Trabalho, do governo Café Filho. O interventor, entretanto, não consegue assumir, porque houve uma mobilização dos operários - puxada pelo PCB - que fazem uma vigília no sindicato, tomam literalmente o sindicato e não deixam ninguém entrar. É convocada uma assembléia onde o presidente, José Cláudio, é destituído; assume a presidência Nestor Lima. (...) Nestor Lima também tinha a ideologia desenvolvimentista e nacionalista; como iria bater de frente com a CSN, símbolo maior desta ideologia?". O próximo presidente do Sindicato foi Othon Reis Fernandes, que fora chefe do Departamento Pessoal da CSN, legítimo representante do sindicato governista, que iniciou uma predominância do PTB no Sindicato de 1957 a 1962. Cf. também, a respeito da história do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, MANGABEIRA, W., op. cit., pp. 75-77.

⁴⁴ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 67.

Em 1962, quase ocorreu uma greve na CSN, durante a gestão de Lima Neto no sindicato:

"foi na gestão de Lima Neto que Volta Redonda ouviu pela primeira vez a palavra *greve*, uma vez que a palavra de ordem da campanha de 64 era: 50% ou greve. E no Cine Avenida realizou-se uma assembléia com mais de 6 mil metalúrgicos. A greve só não aconteceu porque Jango se antecipa e atende as reivindicações"⁴⁵.

SOUZA, referindo-se ao período de 1954 a meados da década de 60, indica as três principais correntes presentes no movimento sindical em Volta Redonda, qual sejam, petebistas, comunistas e católicos:

"o movimento sindical em Volta Redonda formula novas propostas, conformadas, principalmente, pela ação dos comunistas, e que trazem, como consequência, a legitimação do Sindicato dos Metalúrgicos como um dos canais de expressão dos conflitos vividos no mundo fabril e extra fabril. Todavia, os comunistas, aliados a setores do PTB, não são os únicos atores na cena política; a presença católica deve ser incorporada à análise..."⁴⁶.

⁴⁵ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 39.

⁴⁶ SOUZA, J., op. cit., p. 2. Essa dissertação de Mestrado demonstra o significativo papel da Igreja Católica em Volta Redonda: "a presença católica imediatamente se impõe a todos aqueles que tomam contato direto com a realidade política de Volta Redonda. É uma presença marcante e, numa avaliação apressada, definidora. Os agentes pastorais estão presentes em todos os espaços, inclusive nos partidários já que o PT é, em Volta Redonda, essencialmente um partido clerical", p. 3; mais adiante, referindo-se aos Círculos Operários, avança na análise: "o Círculo corporifica a forma católica hierárquica de intervenção junto ao operariado local. A Igreja católica tem toda a sua estrutura material montada pela CSN e estrutura-se política e materialmente para ser um dos coadjuvantes do projeto de dominação do Estado a ser realizado através dessa empresa", p. 4; e conclui que o Círculo Operário "... sinaliza a existência de um tempo em que a Igreja Católica local já buscava construir-se enquanto alternativa para o movimento social. Uma organização que tentava trazer para si o monopólio da representação dos trabalhadores e que concorria com os comunistas e petebistas", p. 5. Jessie Jane Vieira de Souza chega a afirmar que "... o circulismo hoje move-se no campo da CUT e trabalha em consonância com as diversas pastorais", p. 39. O que, em nossa avaliação, precisa ser levado também em conta é que setores mais jovens da militância católica em grande medida distanciaram-se do ideário dos círculos operários, fundamentalmente em seu papel de disseminação da obediência à ordem vigente; referimo-nos à nova relação estabelecida entre Igreja e trabalhadores, ensejada pela orientação progressista imprimida pelo Bispo D. Waldir Calheiros, vinculado à Teologia da Libertação que, teórica e praticamente, diverge em muito dos setores conservadores do catolicismo. Com esta posição, queremos manifestar uma reserva em estender a influência dos Círculos Operários aos militantes sindicais vinculados às propostas da Teologia da Libertação. SOUZA, após caracterizar os anos de 1964 a 1976 como aqueles em que o circulismo forneceu quadros para as direções intervencionistas no Sindicato (anos em que, segundo D. Waldir

Ainda analisando o mesmo período (1954 até a metade da década seguinte). SOUZA, em meio à discussão sobre a crise vivida pela CSN, em virtude da concorrência com a Cosipa e a Usiminas e da política de preços aplicada na CSN, sustenta que o Sindicato se fez mais atuante nas reivindicações salariais, bem como nas relacionadas à condições de trabalho e vida. O Sindicato teria agido de forma mais intensa no espaço extra-fábrica, urbano. E a inclusão das questões urbanas na ação sindical é vista como a especificidade desse movimento em Volta Redonda⁴⁷.

A influência do circulismo na subordinação ideológica dos operários da CSN foi decisiva:

"... a CSN se apropria do universo simbólico dos operários e os reinventa no mundo do trabalho. Forjar uma Cruz de Ferro na primeira corrida do aço da Usina e transformá-la, pelas mãos da Igreja via Círculo, em algo sagrado significa a sacralização da empresa e do que ela produz. Simbologia associada ao mundo dos homens e expressa na Procissão dos Homens"⁴⁸.

A harmonia e união de todos os membros da grande *família siderúrgica* eram reforçadas como as condições indispensáveis ao progresso nacional. As bênçãos eclesiais chancelavam os momentos em que, liturgicamente, elementos de tal ideologia eram reafirmados⁴⁹.

Calheiros, vários cristãos descontentes se afastaram dos círculos operários), afirma que de 1976 a 1992 "o movimento circulista se reestrutura e se alia às novas organizações", p. 54.

⁴⁷ SOUZA, J., op. cit., p. 2.

⁴⁸ SOUZA, J., op. cit., p. 90. LENHARO, Alcir, *A sacralização da política*, p. 171, expressou bem o sentido de momentos como esse citado por SOUZA: "(...) O Cristo que vela, passa a ser visto como o Cristo que vigia, admoesta, policia. Através dessa imagem, a Igreja não somente explica o que pensa das relações de trabalho; ela faz da imagem o seu recurso de intervenção nas mesmas relações. O discurso da atividade eclesial amplia um pouco mais a sua significação quando a imagem da cruz é projetada no espaço da nação, o lugar definitivo do trabalho...".

⁴⁹ Sobre a trajetória que o circulismo realizou no disciplinamento dos trabalhadores e suas famílias, SOUZA, J., op. cit., pp. 118-119, apresenta este balanço: "A ação circulista sobre o núcleo familiar teve uma lenta diferenciação ao longo dos anos. No início centrava-se na organização dos núcleos de bairros e de atividades de cunho cultural-recreativas onde as mulheres, crianças e jovens tinham relevante participação. Eram momentos de grupalização e socialização da *família siderúrgica*, com um forte tom moralizador e integrador. Com o tempo esse trabalho ampliou-se com a construção do Colégio Circulista, onde os filhos dos operários eram rigorosamente formados dentro dos preceitos da moral e da ordem. E no final da década, aliam-se a estes procedimentos os programas de rádio. Tudo isto reflete também mudanças na família siderúrgica, que sai do campo e se socializa no espaço fabril. No início, Volta Redonda era uma *cidade de solteiros* e onde todos passavam por incríveis rituais de iniciação:

No início da década de 60, será introduzida uma diferenciação entre operários estratégicos e operários periféricos na CSN⁵⁰. Esta distinção entre trabalhadores estratégicos e periféricos fazia parte de uma política mais ampla, a saber, a da redução do número de empregos, para o que também se demitiu um contingente de operários mais antigos. No entanto, a principal medida neste sentido foi a a transferência das atividades chamadas de *externas* à produção do aço para empresas subcontratadas:

"isso provocou a reorganização da divisão do trabalho na usina e a criação de uma diferenciação entre operários estratégicos e periféricos. Embora a maior parte dos postos periféricos estivesse ligada a tarefas de limpeza ou construção, executadas por operários não-qualificados ou semi-qualificados, a Companhia também transferiu para as empresas subcontratadas alguns postos"⁵¹.

A conseqüência desta diferenciação foi a existência de dois segmentos salariais no interior da CSN, onde os operários estratégicos recebiam salários mais elevados em relação aos recebidos pelos operários periféricos, que, no mais, também trabalhavam em condições muito piores. MANGABEIRA ressalta que

"... a criação de dois mercados de trabalho na Companhia - um para operários *estratégicos*, outro para operários periféricos - não acarretou a divisão política da força de trabalho; ao contrário reforçou sua identidade comum como *peões*. A criação dos mercados de trabalho integrava um conjunto de outras medidas por meio das quais a CSN e o governo procuravam eliminar o *status* especial de

todos ganhavam uniformes, eram classificados e individualizados segundo o grau de instrução, ofício, formação religiosa, local de origem. Em relação à religiosidade também houve mudanças sensíveis e a mais forte é a crescente penetração das seitas protestantes a partir dos anos 70. Mas até os anos 60 a Igreja Católica exercia um poder totalmente hegemônico".

⁵⁰ Tal distinção se inseria em uma série de medidas levadas a termo para o que, no dizer da Diretoria da CSN, seria a modernização exigida para os novos tempos. modernização essa decorrente do *plano de expansão D*: "... o processo Siemens-Martins foi substituído por outro de oxigênio básico para a produção do aço, e a expansão dos controles de processo aumentou significativamente o nível de automação e integração da usina. Dentre as inúmeras medidas de modernização citadas nos arquivos da Companhia (...) dois conjuntos sobressaem: 1) a modernização e racionalização do sistema administrativo da Companhia e da usina propostas pela firma de consultoria Arthur D. Little, 2) as alterações na composição da força de trabalho, com a delimitação de trabalhadores *estratégicos* e *periféricos*". MANGABEIRA, W., op. cit., p. 69.

⁵¹ MANGABEIRA, W., pp. 69-70.

'trabalhador de empresa estatal'. (...) Um dos efeitos da perda de *status* dos trabalhadores das estatais foi uma mudança nas características de sua identidade. Se, no passado, sua identidade se apoiava na história da Companhia e nas diferenças entre seus empregados e outros setores da classe trabalhadora, ela agora os aproximava de outros grupos operários fora da usina. A identidade das gerações mais jovens já não se construía em torno da noção de trabalhador de empresa estatal, mas da concepção de operário metalúrgico, igualmente como ocorria com outros grupos no país"⁵².

O movimento, deflagrado pela empresa, de racionalizar (da ótica do critério orientador da lucratividade) a produção de aço, através de uma forma de terceirização, encontrou um momento de consciência mais crítica (vale dizer, menos refém do discurso oficial) por parte de alguns operários, no sentido de que trabalhadores da CSN - estratégicos ou periféricos - passavam a perceber que tinham objetivamente, em comum, a condição de produtores diretos do aço daquela usina.

Esta diferenciação, com sua conseqüência apontada por MANGABEIRA, que acabamos de mencionar, trouxe ainda mais elementos aos conflitos já existentes em decorrência, principalmente, do despotismo da gerência e das más condições de trabalho⁵³.

Em 1962, foi eleito Lima Neto, peão da FEM (Fábrica de Estruturas Metálicas), inaugurando um período em que o PCB esteve à frente do Sindicato,

⁵² Ibid., pp. 88-89.

⁵³ É relevante recordar que o despotismo se articulava com o projeto mais global daquele momento na CSN, isto é, o do aumento da produtividade. Aqui, parece-nos pertinente resgatar o que MARX disse acerca do despotismo fabril: "Se a direção capitalista é dúplice em seu conteúdo, em virtude da dupla natureza do processo de produção a dirigir que, ao mesmo tempo, é processo de trabalho social para produzir um produto e processo de produzir mais valia - ela é, quanto à forma, despótica. (...) Do mesmo modo que um exército, a massa de trabalhadores que trabalha em conjunto sob o comando do mesmo capital precisa de oficiais superiores (dirigentes, gerentes) e suboficiais (contramestres, inspetores, capatazes, feitores), que, durante o processo de trabalho, comandam em nome do capital" MARX, K., *O Capital*, Livro I, Volume I, p. 380-381. É impossível dissociar relações despóticas no mundo fabril daquele que é o objetivo último do sistema capitalista, a permanente valorização do capital, o que indubitavelmente sempre esteve presente na CSN.

mesmo numa diretoria hegemônica pelo PTB⁵⁴. Lima Neto foi, até aquele momento, a liderança sindical com maior representatividade junto à base da CSN. Apesar de uma direção mais agressiva na luta reivindicatória, o Sindicato dos Metalúrgicos manifestava adesão ao sindicalismo oficial e subordinação ideológica, ao que se acrescentam, como fatores de inibição à emergência de instrumentos mais agudos de luta e resistência operária, os mecanismos de disciplinamento e controle há décadas impostos sobre os operários da CSN⁵⁵.

⁵⁴ A vitória de um comunista, Nestor de Lima Neto, não significou uma superação das ambiguidades das lutas sindicais do Sindicato dos Metalúrgicos. Se as reivindicações por melhores salários e condições de trabalho, bem como a ampliação e consolidação de direitos, chegaram, como dissemos anteriormente, a fazer brotar, inclusive, a proposta de greve, é preciso reconhecer que a ênfase do PCB, naquele momento, recaía na defesa da CSN, pela sua condição de empresa pública, e, mais ainda, na sintonia com a política nacionalista, empreendida por Getúlio Vargas. MOREL relata um episódio exemplar do que chamamos adesão das diretorias do Sindicato dos Metalúrgicos ao sindicalismo oficial, mesmo nessa gestão encabeçada pelo PCB: "Em dezembro de 1963, os trabalhadores reunidos em Assembléia do Sindicato reivindicaram, entre outras coisas, 50% de aumento de salários; a Companhia propôs 35%. Tal fato deu origem a intensa mobilização, declarando-se os trabalhadores em Assembléia permanente. No mês seguinte, o Presidente do Sindicato, Lima Neto, e a Comissão de Salários foram a Petrópolis, conversar com o João Goulart que, inicialmente, propôs 45%, mas acabou concordando com a demanda de 50%. Em Assembléia realizada a 14 de janeiro de 1964, Lima Neto comunicou o êxito dos entendimentos aos associados, conforme a descrição da Ata: 'Agradeceu aos parlamentares que compareceram e prestigiaram a nossa luta, mas fez questão de frisar a posição de independência do Sindicato em questões político-partidárias. Ressaltou a importância da unidade dos trabalhadores, e atribuiu a este fato a causa fundamental de nossa vitória. (...) Em seguida, como homenagem ao Senhor Presidente da República, e ao Senador Vasconcellos Torres, encaminhou à Assembléia uma proposição no sentido de que fosse conferido a ambos o título de Metalúrgico Honorário, pelos inestimáveis serviços prestados à nossa causa'", MOREL, R., op. cit., pp. 397-398. Nessa fala evidencia-se a idéia de *ligação direta* entre operários da CSN e Presidente da República (sugerida por MOREL), exemplificação da dependência da ação sindical, em relação ao Estado.

⁵⁵ Referindo-se às correntes que disputavam a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, SOUZA, J., op. cit., p. 103, assim se posicionou: "As disputas políticas travadas entre petebistas, comunistas e católicos pelo comando dos sindicatos estão referidas a diferentes concepções que, mesmo difusas, lhe conferem determinadas representações... Para os católicos, os sindicatos eram corporações. Os petebistas foram constituídos como partido, a partir da própria estrutura sindical corporativa. Os sindicatos eram essencialmente espaço de disputas partidárias. Mas sua visão tinha dupla dimensão: aquela dos ministerialistas que viam o sindicato como correia de transmissão da política governista e aqueles que acreditavam nos sindicatos como entidades autônomas. Estes últimos comumente aliados aos comunistas - que oscilavam de uma visão bolchevique à trabalhista - impuseram nos anos 50 direções mais aguerridas aos sindicatos: no caso de Volta Redonda, dos anos 58 a 62 foram os ministerialistas que dominavam". SOUZA ainda enfatiza a principal característica da linha de ação sindical dos católicos: "No caso de Volta Redonda, onde a presença petebista era mais forte do que a dos comunistas, o Círculo desde o início se colocou na busca da representação sindical e de não forjar qualquer estrutura paralela. A presença circulista já estava garantida através da assistência social exercida em parceria com a empresa. Tratava-se, portanto, de dificultar o domínio sindical pelos petebistas e comunistas. Para tanto, os circulistas se envolvem na disputa político-sindical. Mas o fazem de forma a não comprometerem sua imagem pública de neutralidade e apolíticos. Na realidade, agem como atores políticos, procurando derrotar aqueles que consideram o mal introduzido no meio dos trabalhadores", p. 104.

Após o golpe militar de 1964, houve duas intervenções com prisões e torturas sobre diretores do Sindicato:

"na década de 70 o sindicato se afina com o novo regime. (...) Novamente seu caráter de sindicato governista se afirma, deixando de ser regulador dos conflitos no mundo da fábrica e assumindo os novos papéis impostos pela ditadura. O sindicato evoca para si o papel de policial no meio operário. Em 1974, com o apoio da Igreja e de dom Waldir Calheiros, assume o sindicato a chapa de Waldemar Lustosa, que permanecerá por três gestões, até 1983"⁵⁶.

O período em que Waldemar Lustosa esteve à frente do Sindicato dos Metalúrgicos representou o ponto alto do assistencialismo e da burocratização⁵⁷, com a conseqüente distância em relação à base da categoria.

Entre 1968 e 1978, o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda não fugiu à regra geral no movimento sindical brasileiro: sua ação praticamente se restringiu ao assistencialismo, tendo ficado sob intervenção do Ministério do Trabalho de 1964 a 1973⁵⁸. No caso da CSN, a presença militar ficou mais ostensiva já uma semana após o golpe de 64:

⁵⁶ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 42.

⁵⁷ O relato de VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 48 sintetiza bem o que foi esse período: "o presidente do sindicato era Waldemar Lustosa, junto com Sabiá, José Israel, Odir, etc. O sindicato estava nas mãos de uma *pelegada* há nove anos. Quem negociava pela empresa era o diretor industrial Hélio Haydt, e a presidência da CSN estava entregue a um militar, general Benjamim Batista. Foi uma época ruim para os trabalhadores, que não tinham para onde correr. Os acordos eram feitos a bel-prazer da empresa, mas de uma forma armada para não deixar o sindicato muito mal. Para se comunicar com o interior da usina o sindicato utilizava a figura do delegado sindical, que exercia o papel de correia de transmissão da política da direção sindical, distribuindo inclusive os cartões de consultas médico-odontológicas e convites para festas". Assim, a ação operária na CSN - como no resto do país - estava seriamente comprometida pelos limites impostos pelo regime militar; a ausência de greve na CSN, naquele momento, correspondia à regra geral.

⁵⁸ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 76, assim resumiu esse período: "De 1964 até 1968 e desta data até 1973, acompanhando um padrão nacional, o Sindicato dos Metalúrgicos permaneceu sob intervenção do Ministério do Trabalho. Isso significou que a diretoria foi ocupada por um 'interventor' nomeado pelo ministério. Finalmente, em 1973, realizaram-se eleições livres para a diretoria. Nessa época, a antiga liderança tinha-se retirado da vida pública e ainda não aparecera uma nova geração de líderes. Apenas um grupo, chefiado por Waldemar Lustosa - um empregado da CSN -, sem passado ou ligações políticas claras - apresentou-se como candidato". Na verdade, Waldemar Lustosa era um ativista católico (daí o apoio que recebeu, num primeiro momento, de D. Waldir Calheiros). A simpatia que a chapa encabeçada por Waldemar obteve dos militantes católicos, que lhe conferiram expressiva votação, explica-se precisamente pela sua origem religiosa. Lustosa permaneceu no Sindicato até 1983, graças ao seu perfil plenamente afinado com os padrões ditatoriais do período, sintetizado pelos seus críticos na expressão *pelego do tempo da ditadura*, cf. Centro de Memória Sindical, op. cit., p. 57.

"... a Diretoria da CSN (...) doava 16 casas para o 1º Batalhão de Infantaria Blindada, de Barra Mansa: 'foi verificado que haverá necessidade de aumentar urgentemente o efetivo do BIB e com isso o número de oficiais e sargentos para a adequada proteção da Usina, já grande demais para o efetivo daquele batalhão. É de toda a conveniência para a Usina manter e incentivar a residência dos elementos mais graduados do BIB em Volta Redonda, fazendo-os integrar-se à família siderúrgica para conhecerem os nossos hábitos e a nossa gente, mantendo contacto mais intenso com a nossa supervisão"⁵⁹.

É importante destacar que até início dos anos 60 os salários pagos pela CSN eram melhores do que os praticados pelas indústrias metalúrgicas privadas. O arrocho salarial fez-se sentir a partir de meados da década de 60, quando a ditadura militar, principalmente de 1968 em diante, controlou acirradamente o movimento sindical.

⁵⁹ MOREL, R., *op. cit.*, p. 401.

CAPÍTULO II

O NOVO SINDICALISMO EM VOLTA REDONDA

2.1. O significado do Novo Sindicalismo

Ao olharmos para a trajetória de lutas dos trabalhadores da CSN, uma pergunta é inevitável: **por que as modalidades de resistência dos operários da CSN não incluíram a greve até 1984**, 43 anos após a criação da usina, (não obstante as más condições de trabalho, o despotismo fabril, as formas de exploração da força de trabalho e as questões salariais)? A ausência de greves na CSN é uma problemática que precisa ser enfrentada.

MANGABEIRA defende a seguinte explicação para este fenômeno:

"Embora MOREL e Pimenta (1989) tenham observado que os trabalhadores, nesse período inicial, não permaneceram passivos diante dessas políticas, o estilo de gestão corporativo-paternalista da empresa, que encontrava reforço no corporativismo das relações trabalhistas em âmbito nacional, pode explicar a ausência de greves e de ação militante radical entre os trabalhadores"⁶⁰.

⁶⁰ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 66. Mangabeira se refere às redes clientelistas como critério à promoção, bem como ao despotismo das gerências na CSN.

MOREL sustenta que

"esta é uma questão intrigante para quem estuda os trabalhadores da CSN; apesar do intenso movimento grevista no setor público (...) não se registraram greves na CSN nesse período. ANDRADE, 1974, observou que, a partir de 1959 e até 1964, 55% das greves noticiadas ocorreram no setor público, cujo operariado constituiu a base das principais greves políticas do período; ele assinalou também que o apoio desse operariado ao governo não era simples resultado de uma *manipulação* ou do *atraso* das massas, mas decorria de uma série de fatores, inclusive de concessão de importantes vantagens materiais. Havia, de fato, um certo grau de reconhecimento e participação, acesso a Presidentes da República e um poder maior no processo de negociações com instâncias do governo e com a administração da empresa. No caso do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, o Presidente da República - sobretudo na gestão de João Goulart - era visto como um aliado, e os trabalhadores se aproveitavam disso para obter vantagens e concessões, sobretudo nos momentos de conflito com a diretoria da CSN. Como sintetiza um militante sindical sobre o Presidente do Sindicato na época, Lima Neto: 'Agora, o único enfrentamento mesmo com a Siderúrgica foi o do Lima Neto. (...) Ele entrou com garra, coragem, teimoso mesmo, muito firme. (...) Sem desmerecer o enfrentamento dele, é bom dizer que na grande Assembléia que houve aqui no Cinema Avenida com mais de 6 mil operários, quando a CSN devia ter uns 13 mil operários. É bem verdade que o governo era do nosso lado, João Goulart mandava reivindicar para fazer greve ou fazer para poder justificar uma concessão ou benefício'"⁶¹.

MANGABEIRA e MOREL assumem como eixo principal para a explicação da ausência de greves, na CSN, por 43 anos, a gestão corporativo-paternalista da empresa, em que benefícios, serviços e ideologia da família siderúrgica, aliados à repressão no mundo fabril e ao disciplinamento no espaço

⁶¹ MOREL, R., op. cit., pp. 394-395.

extra-fábrica, desempenhavam o papel de moderadores das reivindicações dos operários.

Entendemos que a ausência de greves na CSN, até 1984, se deve a um conjunto de determinantes, isto é, não é possível atribuir a uma única causa essa inexistência de movimentos grevistas. Além disto, é necessário periodizar esses 43 anos, visto que não se pode explicar a ausência de greve entre 1968 e 1978 da mesma forma em relação ao período 1941 a 1968.

No período que vai da criação da CSN até final da década de 60, o que MANGABEIRA chama de gestão corporativo-paternalista da CSN intensificou sobremaneira o efeito desorganizador e desmobilizador da estrutura sindical oficial sobre as lutas dos operários na CSN. Também o atrelamento das diretorias do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, não só aos elementos do sindicalismo oficial⁶², como também às especificidades que cada governo lhe

⁶² A estrutura sindical, denominada por Armando Boito Jr. de *sindicalismo de Estado*, foi o balizamento em que se deu a ação Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. Segundo BOITO Jr., as principais características do *sindicalismo de Estado* são estas: "A estrutura sindical é o sistema de relações que assegura a *subordinação dos sindicatos (oficiais) às cúpulas do aparelho de Estado - do Executivo, do Judiciário ou do Legislativo*. O elemento essencial da estrutura sindical brasileira é a necessidade de reconhecimento oficial-legal do sindicato pelo Estado. Todas as demais relações que asseguram a subordinação dos sindicatos oficiais às cúpulas do Estado dependem desse elemento de base. (...) A necessidade de registro-reconhecimento permite que falemos numa *representação sindical outorgada pelo Estado*. (...) (a estrutura sindical) compreende, além da representação sindical outorgada, a unicidade sindical (= sindicato único por força de lei), as contribuições sindicais obrigatórias e a tutela do Estado, particularmente da Justiça do Trabalho, sobre a atividade reivindicativa dos sindicatos. A outorga da representação sindical pelo Estado sob a forma de monopólio - já que existe a unicidade sindical -, as contribuições sindicais compulsórias e a tutela da Justiça do Trabalho sobre a ação reivindicativa tornam, no limite, o sindicato oficial - que é o aparelho organizativo que se constitui numa espécie de célula da estrutura sindical - independente dos trabalhadores e dependente do Estado", BOITO Jr., A., "Reforma e Persistência da Estrutura Sindical". In *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*, pp. 50-52. Ainda conforme o mesmo autor, a função principal da estrutura sindical vigente é a de "... manter a hegemonia burguesa sobre o movimento sindical: o sindicalismo de Estado separa a luta sindical da luta revolucionária e - o que não decorre necessariamente dessa separação - debilita a ação sindical reivindicativa", BOITO Jr., A., *O Sindicalismo de Estado no Brasil*, p. 293. Essa análise, em resumo, sustenta que a função da estrutura sindical é a de desorganizar e moderar a luta dos trabalhadores. A ação do Sindicato dos Metalúrgicos, ao longo desses anos, se deu nos marcos da estrutura sindical oficial: cf. MOREL, R., op. cit., pp. 304-352, onde se indica a principal forma de ação do Sindicato, isto é, a entrada com processos na Justiça do Trabalho. MANGABEIRA, W., op. cit., à página 75, também concluiu no mesmo sentido: "Embora o Sindicato não tenha permanecido inteiramente passivo ao longo das décadas de 1940 e 1950, e tenha liderado movimentos importantes em defesa do reconhecimento dos direitos concedidos pela CLT, seus dirigentes organizaram o Sindicato segundo as normas estabelecidas pelo Ministério do Trabalho e relegaram a um segundo plano a militância direta e a organização dos trabalhadores". E isto, sem dúvida, representou limites sérios à ação sindical, notadamente à greve, em uma empresa, a CSN, absolutamente estratégica à acumulação capitalista e ao desenvolvimento da indústria no país. O cuidado que devemos ter, ao incorporar a

imprimia, foi fator de contenção no avanço das lutas reivindicativas do operariado da CSN. Já nos anos compreendidos entre 1968 e 1978, como dissemos anteriormente, o Sindicato dos Metalúrgicos não constituiu exceção à regra geral: burocratização e assistencialismo foram suas características, em um período em que as greves não ocorreram no país como um todo.

Porém, a **emergência de propostas e práticas vinculadas ao chamado Novo Sindicalismo** parece-nos ter sido o fator principal para que o Sindicato dos Metalúrgicos e o movimento sindical de Volta Redonda ganhassem outros contornos, mais combativos e de maior agudeza no que se relaciona à mobilização dos trabalhadores.

Por isto, nesta seção buscaremos explicitar o que significou o Novo Sindicalismo, quais as suas particularidades em Volta Redonda e em que medida ele pode ter contribuído para mudanças no rumo do Sindicato dos Metalúrgicos. Reservamos a próxima seção para a análise da ascensão do Grupo de Oposição Sindical e as repercussões organizativas nascidas daí.

Os anos que antecederam o Novo Sindicalismo se caracterizaram pelo acirramento de práticas repressivas e intervencionistas do Estado no movimento sindical, como decorrência do próprio regime político instaurado pelo Golpe militar de 1964. A legislação sindical facultava tais práticas. De 1964 a 1970, o Ministério do Trabalho interveio em 536 oportunidades, sendo que, destas, 432 (80,6%) intervenções se deram nos dois primeiros anos do período. A relação entre área privilegiada em que se praticaram destituições de diretorias sindicais e concentração de poder econômico foi evidente: só no Estado de São Paulo, 115 sindicatos e 7 federações foram alvos do padrão militar de gestão da estrutura sindical⁶³.

contribuição de BOITO Jr., é o de que o *sindicalismo de Estado*, por si só, não basta para explicar a ausência de greves, uma vez que elas ocorreram em tantas outras empresas e/ou categorias, a despeito da estrutura sindical oficial dentro da qual também desenvolveram suas ações - sujeitas, portanto, aos mesmos efeitos moderadores na luta reivindicativa.

⁶³ cf. ALMEIDA, M. H. T. de, "O sindicalismo brasileiro entre a conservação e a mudança", In: vários autores, *Sociedade e Política no Brasil pós-64*, p. 199.

Após as greves no distrito industrial de Contagem-MG e uma greve em Osasco-SP, violentamente reprimidas pelo governo, o movimento sindical entrou em refluxo, principalmente com relação ao instrumento grevista.

Em 1973 o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo iniciou um processo de crítica sobre a política social e econômica do governo federal que, para ALMEIDA, foi "contudente e inovadora, já que radicalmente diversa, na retórica e nas demandas, do discurso típico do sindicalismo populista"; tal crítica "... representava um segmento expressivo da moderna classe operária brasileira: os trabalhadores das grandes empresas automobilísticas, que lideraram o 'milagre econômico' brasileiro. Nascia aí o *novo sindicalismo*, também chamado *sindicalismo autêntico*"⁶⁴.

No período iniciado com o Novo Sindicalismo, aflorou um conjunto de fenômenos de mobilização, tais como: o ressurgimento intenso das greves, a penetração no universo sindical de trabalhadores assalariados intermediários e da área de serviços, a criação das centrais sindicais, experiências de organização nos locais de trabalho, incremento do sindicalismo rural (articulado com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra), entre outros.

⁶⁴ Ibid., p. 201. As principais características presentes quando do surgimento do Novo Sindicalismo, segundo ALMEIDA, podem ser resumidas nas seguintes: oposição à política governamental de reajustes anuais para os salários, negociação coletiva entre sindicatos e empresas, defesa do direito irrestrito de greve e do princípio de liberdade e autonomia sindicais, criação de organizações sindicais nos locais de trabalho, enfim, um sindicalismo mobilizador, participacionista e democrático. Ainda conforme ALMEIDA, esses traços distintivos, entretanto, não lograram plena superação do sindicalismo moldado no período varguista, uma vez que "o sopro renovador do novo sindicalismo não foi forte o suficiente para criar uma nova ordem, na qual o Estado não fosse força ativa e sindicatos autônomos, democráticos e representativos pudessem afirmar-se no jogo livre da negociação coletiva. Todavia, marcou definitivamente o movimento sindical brasileiro com as imagens de um sindicalismo de participação de massas, democrático nos projetos e procedimentos. Para além de sua força simbólica abriu um espaço real de organização e livre contratação nas empresas", Ibid., pp. 202-213. Na análise que ALMEIDA faz acerca das forças mais representativas que se faziam presente na crítica ao sindicalismo oficial, três linhas de atuação são identificadas: 1) a das *oposições sindicais* (compostas por militantes católicos e de alguns grupos à esquerda dos comunistas), que investiram esforços na formação de sindicatos paralelos e de comissões nos locais de trabalho; 2) a das lideranças do Novo Sindicalismo, que emergiram a partir dos sindicatos oficiais, com um aprofundamento de propostas no sentido da transformação radical da estrutura sindical e das relações trabalhistas; 3) a dos comunistas, inicialmente próximos, apesar das divergências, aos líderes do Novo Sindicalismo, mas que aos poucos se mostraram reticentes quanto às ações efetivas que o Novo Sindicalismo empreendia. Em RODRIGUES, Leôncio M., "As tendências políticas na formação das Centrais Sindicais", In BOITO Jr., A. (org.), *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*, há uma síntese dos principais momentos à formação do Novo Sindicalismo, bem como dos desdobramentos, até a criação das centrais sindicais.

Movimentos sociais diversos, campanha das Diretas-Já, manifestação eleitoral e, principalmente, greves são indicadas como expressões de descontentamento social e político. Os próprios rumos do *pacto pelo alto* foram afetados pela pressão das classes subalternas, com destaque para a classe trabalhadora em seu segmento operário, como, por exemplo, ocorreu com a reforma dos partidos políticos de 1979. Ao desgaste do bipartidarismo (ARENA/MDB) o governo respondeu com uma proposta (engendrada basicamente pelo Golbery do Couto e Silva) que, rigorosamente, não previa a criação do Partido dos Trabalhadores-PT e, em certa medida, do próprio Partido Democrático Trabalhista-PDT. A criação da Central Única dos Trabalhadores também se apresentou como processo indesejável pela ordem vigente, notadamente pelos traços de politização do movimento sindical (traços visíveis com a inclusão em seus estatutos e/ou documentos de congressos de pontos como a luta pela reforma agrária sob controle dos trabalhadores, rompimento dos acordos com o Fundo Monetário Internacional, fim do regime militar e de sua política econômica)⁶⁵.

Do ponto de vista da análise do que foi comum a todos esses fenômenos, ou seja, do que nos permite apreender os elementos de causação e aqueles referentes ao significado do Novo Sindicalismo, ANTUNES afirma que

"... a causalidade essencial do movimento sindical - e também do movimento grevista - foi voltar-se contra os níveis intensificados de sub-remuneração da força de trabalho, cuja cotidianidade, no mundo da produção, é marcada pela superexploração do trabalho. Foi também intensa a ação sindical visando maior autonomia e independência frente ao Estado. Foi, portanto, um movimento - sindical e grevista - que mesclou causalidade econômica no seu desencadear, e

⁶⁵ À compreensão desse aspecto, Sader contribui, uma vez que entende que "os movimentos sociais foram um dos elementos da transição política ocorrida entre 1978 e 1985. Eles expressaram tendências profundas na sociedade que assinalavam a perda de sustentação do sistema político instituído. Expressavam a enorme distância existente entre os mecanismos políticos instituídos e as formas da vida social. Mas foram mais do que isso: foram fatores que aceleraram essa crise e que apontaram um sentido para a transformação social", SADER, E., *Quando Novos Personagens entraram em cena - experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*, p. 313.

significação política no seu desdobramento imediato. (...) Depois de tantos anos sob a ditadura militar, o movimento sindical e grevista recolocou a classe trabalhadora na cena social e política do país. A particularidade do confronto no capitalismo brasileiro politiza imediatamente, mesmo quando a luta é de motivação predominantemente econômica"⁶⁶.

Há todo um debate sobre o significado do Novo Sindicalismo, no que tange a saber se ele trouxe, ou não, rupturas e/ou descontinuidades com o modelo sindical vigente desde Vargas⁶⁷.

Entendemos que, pelo recorte classista, pela luta contra a superexploração⁶⁸ da força de trabalho, pela oposição à ditadura militar e à Nova República, pelas tentativas de organização junto às bases nas fábricas e outros locais de trabalho, ao menos durante os primeiros anos de CUT, e pela retomada da greve como instrumento de luta, o novo sindicalismo trouxe rupturas com os projetos das classes dominantes relativamente ao âmbito sindical, em cujo contexto pode-se dimensionar adequadamente o sindicalismo de Estado.

Referindo-se à questão de como o novo sindicalismo se posicionou diante da estrutura sindical oficial, BOITO Jr. sustenta que

"o movimento sindical organizado fundamentalmente no próprio interior da estrutura sindical oficial impôs, na conjuntura do advento da *Nova República*, em

⁶⁶ ANTUNES, R., *O Novo Sindicalismo*, p. 80.

⁶⁷ A este respeito cf. ALMEIDA, M. H. T de, "Sindicato no Brasil: novos problemas, velhas estruturas", *Debate e Crítica* 6, jul., 1975, pp. 49-74; "Desarrollo Capitalista y acción sindical", *Revista Mexicana de Sociología* 2/78, Ano XL, Vol. XL, abr.-jun. 1978, pp 467-492; "Tendências recentes na negociação coletiva no Brasil", *Dados* 2, vol. 24, 1981, pp. 161-190; RODRIGUES, L. M. "Tendências futuras do sindicalismo brasileiro", In RATTNER, H. (org.), *Brasil 1990, caminhos alternativos do desenvolvimento*, São Paulo, Brasiliense, 1979, pp. 121-142; ANTUNES, Ricardo, *O novo sindicalismo*, São Paulo, Brasil Urgente, 1991; *A Rebeldia do Trabalho - o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80*, São Paulo, Ensaio, 1988; BOITO Jr., Armando, *O sindicalismo de Estado no Brasil - uma análise crítica da estrutura sindical*, São Paulo, Hucitec, 1991, e *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

⁶⁸ Utilizamos, aqui, o conceito superexploração para designar um patamar em que a força de trabalho - para além da exploração inerente ao capitalismo (em que o valor de troca criado pela dispêndio de força de trabalho é superior ao seu valor de troca) - é remunerada aquém daquele conjunto de mercadorias e serviços imprescindíveis à sua produção e reprodução, enquanto força de trabalho no sistema assalariado. O quadro brasileiro de arrocho salarial, que já se prolonga por décadas, é de superexploração da força de trabalho, uma vez que o aviltamento salarial determina um remuneração atrofiada da mercadoria força de trabalho. Por isto, a luta contra o arrocho salarial é a manifestação concreta da luta contra a superexploração da força de trabalho.

1985, a eliminação do modelo ditatorial de controle do sindicalismo de Estado. Nesse processo, o ministro do Trabalho Almir Pazianotto, quando agiu de modo reformista, regra geral consagrou no plano da lei e das instituições aquilo que os sindicalistas mais combativos já vinham praticando desde o período do governo militar. As correntes sindicais, como o novo sindicalismo de São Bernardo e os comunistas do PCdoB, que afirmavam que iriam 'arrebentar a estrutura sindical por dentro', demonstraram, num certo sentido, que sua estratégia era viável. Elas arrebentaram por dentro aquilo que, de fato, queriam arrebentar: não a estrutura sindical contra a qual não lutaram, mas o modelo ditatorial de sindicalismo de Estado, os efeitos dessa estrutura, que é o que lhes interessava suprimir"⁶⁹.

ANTUNES entende que "no plano da estrutura sindical, em especial no que se refere a uma maior independência dos sindicatos frente ao Estado, o desrespeito crescente da Central às leis restritivas fez com que, pouco a pouco, muitas delas fossem se tornando obsoletas"⁷⁰.

Reconhecemos que a luta pelo fim da estrutura sindical oficial não foi assumida plenamente nem mesmo pela CUT; entretanto isto não quer dizer que o Novo Sindicalismo não tenha representado rupturas com o projeto de organização sindical de controle, moderação, restrição às lutas dos trabalhadores, uma vez que o seu ideário e a sua prática se contrapuseram tanto à superexploração da força de trabalho (composta pela intensificação do ritmo de trabalho e prolongamento da jornada de trabalho com medidas de arrocho salarial), quanto a importantes elementos do modelo sindical, até então hegemônicos (como o padrão burocrático de gestão dos sindicatos, o fosso entre diretorias e base da categoria, as resistências à criação de central sindical e à luta pela unificação dos vários segmentos de assalariados, o atrelamento às políticas oficiais de reajuste salarial).

⁶⁹ BOITO Jr., A., "Reforma e persistência da estrutura sindical", p. 72.

⁷⁰ ANTUNES, R., *O novo sindicalismo*, p. 50.

Neste sentido, MANGABEIRA, referindo-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, argumenta que

"... o Sindicato, no 'novo sindicalismo', rompeu com o antigo formato burocrático que predominou nas organizações de trabalhadores no país, ainda que não se possa considerá-lo completamente democrático. O novo tipo de sindicato é, de fato, mais militante, criou formas de representação no chão-de-fábrica, permitiu a emergência de uma liderança intermediária e promoveu a ampliação dos direitos sociais e políticos dos trabalhadores"⁷¹.

O Novo Sindicalismo, conforme MANGABEIRA, pode ser visto como representado, ou, melhor, iniciado, em Volta Redonda exatamente pelo fato do Grupo de Oposição Sindical ter três áreas de confluência com o ideário dos *sindicalistas autênticos*:

- 1) prioridade atribuída aos conflitos internos nas pautas de reivindicações;
- 2) questionamento da legislação corporativista;
- 3) busca de um novo tipo de gestão sindical e as formas de prática cotidiana de um sindicalismo que enfatizava a mobilização e a participação dos trabalhadores, em contraste com o assistencialismo e clientelismo típicos dos sindicatos burocratizados, uma vez que conformados aos moldes da estrutura sindical oficial⁷².

Se, por um lado, estes três aspectos, também presentes na experiência do Grupo de Oposição Sindical, permitem-nos admiti-lo como expressão do Novo Sindicalismo, o que seria particular deste em Volta Redonda?

Certamente o operariado de uma siderúrgica como a CSN (estatal, de importância singular para a acumulação de capital no país) foi gestado com diferenças em relação aos operários da indústria automobilística do ABC

⁷¹ MANGABEIRA, W., op. cit., pp. 199-200.

⁷² cf. Ibid., p. 90.

paulista. O seu perfil foi fortemente influenciado pelo projeto econômico-ideológico da *empresa mãe*, que deveria garantir o progresso nacional⁷³.

Como já citamos, no Capítulo I, a primeira geração de trabalhadores da CSN (que ingressou em fins da década de 40 e início dos anos 50, aposentando-se até meados de 1970) foi fortemente marcada pelo envolvimento, pela identificação, com a Companhia. Tal característica diluiu-se significativamente com os operários da segunda geração que - até em virtude de um mercado nacional, regional e local para o ramo siderúrgico - portavam muito mais a noção de que eram metalúrgicos como outros tantos, e não envoltos por uma condição especial, a de membros da *família siderúrgica*. A segunda geração já era de operários como os do ABC paulista. E foi com essa base que apareceu o Novo Sindicalismo, junto à CSN.

Não obstante essa mudança ter se dado com três ou quatro anos antes do início do Grupo de Oposição Sindical, práticas e padrões de relação sobre os operários se prolongaram por muito mais tempo. Estamos nos referindo ao que pode ser denominado de **militarização do cotidiano operário na CSN**.

A CSN desempenhou uma dupla função, de importância estratégica, para a acumulação de capital no Brasil. Em primeiro lugar, o tipo de resultado industrial ali produzido constituiu a base para a expansão da indústria de bens de consumo durável e de bens de capital; outrossim, enquanto empresa estatal, funcionou como instrumento de política econômica, representando, portanto, fonte de subsídio aos ramos industriais consumidores dos produtos siderúrgicos.

A formação de um novo tipo de trabalhador para a CSN foi assumida como tarefa primordial desde o início, ainda mesmo quando da sua construção,

⁷³ Entendemos que essa influência agudizou a subordinação dos operários aos padrões paternalistas de exercício do poder, inclusive da representação sindical. Em que pese a origem autenticamente fabril (como tentaremos sustentar mais adiante) para o carisma da principal liderança da oposição sindical em Volta Redonda, José Juarez Antunes, sua ascendência sobre os trabalhadores foi facilitada, em grande medida, por esse aspecto.

tarefa esta levada a efeito como *missão civilizatória*, através do que o *povo sem formação* deveria ser *educado* para os objetivos de industrialização no Brasil⁷⁴.

Este era o desafio: educar, vigiar e controlar o trabalhador, **dentro e fora da fábrica**. A respeito desta **adaptação dos costumes às necessidades do trabalho**, o ensaio *AMERICANISMO e FORDISMO* de Gramsci apresenta muitos elementos que contribuem para a inteligência do que se deu na CSN⁷⁵ em termos de militarização.

Na sociedade americana de então, ao padrão fordista de racionalização do âmbito da produção e do trabalho, combinou-se "habilmente ao uso da força (destruição do sindicalismo de base territorial) e da persuasão (altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica e política habilíssima) para, finalmente, basear toda a vida nacional na produção"⁷⁶. A chamada gestão paternalista da força de trabalho na CSN foi, precisamente, uma modalidade que articulou práticas coercitivas com elementos da persuasão.

O *povo sem formação*, na visão que Macedo Soares repercutia, deveria ser adaptado para a emergência do *cidadão trabalhador*⁷⁷. Sobre a importância que o

⁷⁴ Sobre este aspecto, cf. MOREL, R.. "Os soldados do trabalho", In CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, op. cit., pp. 27-28: "Edmundo Macedo Soares, engenheiro e especialista em metalurgia, que participou do movimento tenentista e foi entusiástico defensor da Revolução de 1930, foi o principal idealizador da Companhia e o responsável pelo complicado jogo de negociações, em nível interno e externo, que viabilizou sua criação. Para ele, o problema do Brasil era o povo sem formação para construir no país os instrumentos de grandeza com que sonhavam as elites que tinham passado pelas escolas superiores. Imbuída dessa missão civilizatória, a CSN pretendia construir, através da educação e do trabalho, o verdadeiro cidadão trabalhador. Para isso a empresa utilizará diversas estratégias visando a educar, vigiar e controlar o trabalhador, dentro e fora da fábrica. Médicos, arquitetos, engenheiros e assistentes sociais seriam agentes fundamentais na montagem desse bem elaborado sistema de dominação e disciplinamento: do traçado da cidade ao interior das casas, passando pelo hábitos cotidianos do trabalhador e de sua família, tudo seria cuidadosamente planejado. Volta Redonda deveria ser uma cidade-modelo, habitada por trabalhadores-modelos".

⁷⁵ Em SOUZA, Angela Tude, *Sobre o americanismo e fordismo de Antonio Gramsci*, da série TEXTOS DIDÁTICOS (número 5, fevereiro de 1992) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, há uma importante contribuição à compreensão do ensaio gramsciano. Pensamos que, na medida em que a CSN se formou no modelo de *company-town*, é possível recorrer ao texto *Americanismo e Fordismo*, uma vez que "... aquilo que as cidades-fábricas haviam obtido de maneira pontual para seus coletivos operários a produção fordista ampliou de modo globalizante para o conjunto do proletariado industrial norte-americano", SOUZA, A. T., op. cit., p. 27.

⁷⁶ GRAMSCI, A., *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*, p. 381.

⁷⁷ SOUZA, A. T., op. cit., pp. 18-20. analisa como o fordismo adotou estratégias para, da heterogeneidade existente entre os trabalhadores, criar um tipo de trabalhador adaptado às suas exigências: "Caracterizado por uma profunda heterogeneidade interna, o antigo operariado era formado por trabalhadores nativos e imigrados, de origem tanto urbana quanto rural, estando perpassado pela

âmbito da reprodução da força de trabalho tem no adestramento dos trabalhadores, no modelo fordista, Gramsci disse que

"deve-se destacar o relevo com que os industriais (especialmente Ford) se interessaram pelas relações sexuais dos seus dependentes e pela acomodação de suas famílias; a aparência de *puritanismo* assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não é possível desenvolver o novo tipo de homem solicitado pela racionalização da produção e do trabalho, enquanto o instinto sexual não for absolutamente regulamentado, não for também racionalizado"⁷⁸.

Em relação à CSN, o disciplinamento enfatizou as práticas coercitivas, não deixando de lado os elementos de persuasão. A militarização permeou inclusive a caracterização da usina como fábrica de interesse militar:

"Além da jornada de 10 horas, justificada pelo *estado de guerra*, os trabalhadores de empresas civis consideradas de *segurança nacional* tinham suspenso seu direito à férias. Isso conferia ao sistema de dominação, implantado na Companhia, traços de militarização. (...) De fato, a CSN foi pensada como modelo, uma empresa exemplar para o resto do país: além de toneladas de aço, ela deveria produzir um novo tipo de trabalhador: saudável capaz e disciplinado. A imagem da *família* aparece com frequência nos discursos oficiais durante o Estado Novo - o povo constituiria a *família*, protegida pelo Presidente, o *pai dos pobres*, expressando assim a relação de tutela e os laços corporativos em que o

mistura de culturas dada pela presença de diferenças sociais, étnicas e geracionais. Sobre a base dessas diferenças se ergueria todo um processo de seleção-diferenciação *natural* do operariado, que se revelaria, mais tarde, como matéria-prima das estratégias *fordistas* de educação e de inculcação do *espírito americano*. Através destas, a classe operária era convidada 'a esquecer sua memória, suas tradições de luta', sendo com isso obrigada 'a reconstituir, em todos os aspectos, suas organizações'. (...) O novo trabalhador, o operário fordiano, deveria dar lugar ao novo tipo de *humanidade* que se tratava de criar; não era este um tipo humano qualquer, marcado pela individualidade e a originalidade de suas características pessoais. Era 'de seu interesse ter um quadro de trabalhadores estável, um conjunto permanentemente afinado, porque também o complexo humano (o trabalhador coletivo) de uma empresa é uma máquina, que não deve ser desmontada com frequência e ter suas peças desmontadas constantemente sem perdas ingentes'. (...) As peças centrais desta política de *estímulo e adestramento* foram os altos salários, a mecanização do trabalho e a implantação de diversos serviços de acompanhamento e *orientação do trabalhador Ford*, dentro e fora dos locais de produção".

⁷⁸ GRAMSCI, A., op. cit., p. 392.

Estado pretendia controlar os movimentos populares. Em seus documentos e publicações, a CSN também se refere à *familia siderúrgica*, aludindo aos laços sociais que deveria unir dirigentes e operários, reforçando a idéia de um Estado neutro, acima das classes, que confere benefícios e zela pelos cidadãos"⁷⁹.

A presença de militares em quadros de comando (inclusive em várias oportunidades na presidência da Companhia) e a *convivência* de oficiais militares nas moradias da usina, pós-64, atestam uma outra dimensão da militarização, exatamente aquela de participação direta de militares na gestão da CSN.

Para manter o que o jornalista Jânio de Freitas denominou de *sucursal do inferno*⁸⁰, referindo-se ao ambiente de uma siderúrgica, em uma realidade de intensa superexploração da força de trabalho - dada pela combinação de jornadas extenuantes de trabalho, realização de horas-extras, com intenso ritmo de trabalho e salários arrojados - o aparato repressivo abrangia do despotismo das chefias à ameaça militar a qualquer risco que pudesse surgir àquela área de segurança nacional, tudo isto acompanhado com o controle sobre o espaço externo à usina, no cotidiano dos operários.

Esse cotidiano militarizado (na usina e fora dela) constituía o explosivo terreno em que se construiu a alternativa sindical do Novo Sindicalismo em Volta Redonda.

Uma questão à qual já nos referimos, diz respeito à inclusão das demandas urbanas nas lutas reivindicatórias do Sindicato dos Metalúrgicos. Quando, em novembro de 1988, a greve foi violentamente reprimida pelo Exército, a

⁷⁹ MOREL, R., "Os soldados do trabalho", In CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, op. cit., pp. 29-30. No caso do americanismo, "... a empresa se erigia como o espaço da concreção da *grande família industrial*", SOUZA, A.T., op. cit., p. 32.

⁸⁰ "Uma siderúrgica é uma sucursal do inferno. Os fornos exalam um calor inimaginável. O ar tem cor. É vermelho, de um vermelho lindo e horrorizante. O barulho é a soma de todos os barulhos abomináveis: o som esfaqueante do ferro batendo em ferro, a estridência aguda das roldanas e guindastes que relinham como cavalos de metal, o ronco mongolóide de motores brutais. À volta, nos pátios, o chocalhar dos vagões de carga, montanhas tétricas de minério e carvão, que não cessam de subir e descer numa zoeira infernal, a tudo envolvendo em nuvens opacas de poeira mineral, de que os olhos, os pulmões, a boca e a pele não têm como se defender. E, mesmo neste lado de fora, o ar tem cor: percorre, dependendo da incidência do sol, todos os matizes entre o ferrugem e o negro...", Folha de São Paulo, 11 de novembro de 1988.

população de Volta Redonda se engajou em grandes atos de apoio àquele movimento. A tentativa de compreender essa participação permanece inconclusa se não nos remetermos ao fato de que, em Volta Redonda, o espaço urbano (onde a reprodução da força de trabalho se dá) não foi apenas alvo do disciplinamento e da militarização; ele também se fez presente nas lutas sindicais. E isto a ponto de se ter uma imbricação entre movimento sindical e movimentos populares, bem mais efetiva do que na maioria das cidades brasileiras.

Além desses aspectos, uma outra especificidade deve-se reconhecer: a influência que a militância oriunda da Igreja católica exerceu no movimento sindical da cidade do aço, também com relação ao período em que gestou e atuou a nova orientação, cuja concretização foi o Grupo de Oposição Sindical⁸¹. Queremos enfatizar, todavia, que mudanças profundas ocorreram na orientação da leitura da realidade - bem como na intervenção sobre esta - que os militantes católicos (principalmente os mais jovens) tiveram com a emergência da Teologia da Libertação, processo em que se insere o bispo D. Waldir Calheiros⁸². Como veremos na próxima seção, a vertente de inspiração na Igreja, como a Pastoral Operária e mesmo a Ação Católica Operária, foi decisiva para a formação da oposição sindical - como, de resto, os segmentos dessa teologia investiram no mesmo sentido, em todos os espaços em que atuou o Novo Sindicalismo - sendo, a rigor, no caso de Volta Redonda, aquela em que os militantes mais se preocuparam com a criação das comissões nos locais de trabalho.

⁸¹ A dissertação de mestrado de Jessie Jane Vieira de Souza, já citada em várias passagens, apresenta uma profunda análise quanto à influência do catolicismo, em Volta Redonda, particularmente no período estudado, 1947 a 1958. Sua pretensão, entretanto, extrapola os anos estudados: "A presença católica imediatamente se impõe a todos aqueles que tomam contato direto com a realidade política de Volta Redonda. É uma presença marcante e, numa avaliação apressada, definidora. Os agentes pastorais estão presentes em todos os espaços, inclusive nos partidários já que o PT é, em Volta Redonda, essencialmente um partido clerical". SOUZA, J., op. cit., p. 3.

⁸² cf. CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, op. cit.

2.2. O Grupo de Oposição Sindical: organização e resistência operárias

Um conjunto de lutas sociais ocorridas na região de Volta Redonda contribuiu para a criação e a vitória do Grupo de Oposição Sindical, tais como: a greve dos professores do Estado do Rio de Janeiro, em 1979, que contou com apoio por parte dos moradores de Volta Redonda; a greve dos trabalhadores da construção civil, das empreiteiras que operavam na expansão da CSN, que durou 10 dias e foi violentamente reprimida. Essa greve dos trabalhadores das empreiteiras obteve apoio popular em Volta Redonda, mas ainda permaneceu distante de conseguir o engajamento dos operários da CSN. Não obstante, tais movimentos foram formando um quadro, onde a idéia de greve ganhava força, enquanto instrumento de luta e organização.

Como nasceu o Grupo de Oposição Sindical? O processo de gestação desse grupo se deu, inicialmente, de forma lenta. Oscilando entre 1976 e 1978, relativamente ao começo desse movimento de oposição sindical, pesquisadores e protagonistas concordam em um aspecto, qual seja, o do âmbito do seu surgimento: **dentro da fábrica**. Insatisfeitos com as péssimas condições de trabalho, com os salários arrojados, com o despotismo fabril, os operários da CSN - em sua grande maioria pertencentes já à segunda geração, bem menos cativa da imagem da família siderúrgica e, por outro lado, mais próxima da consciência de pertencer ao universo de trabalhadores metalúrgicos - possuíam ainda outros dois catalisadores⁸³ para iniciar uma mobilização: o fim da estabilidade no emprego, com a imposição repressiva da opção do FGTS e a inoperância do Sindicato, inclusive no que se relacionava a uma luta dos velhos operários pelo pagamento do tempo anterior⁸⁴.

⁸³ O uso do termo catalisador é intencional. O conjunto de elementos hostis à mobilização dos trabalhadores no interior da usina somente encontrou uma resposta mais efetiva, no caso o surgimento do Grupo de Oposição Sindical, quando alguns operários tomaram a iniciativa de se reunir, de conversar com companheiros. Mas esse processo se acelerou com os dois novos ingredientes que apontamos.

⁸⁴ cf. CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, op. cit., p. 57; MOREL, R., op. cit., p. 452, explica o que era essa luta pelo tempo anterior: "No final da década de 60 e início de 70 grande número de trabalhadores da CSN alcançava tempo para se aposentar. Entre 1967 e 1973 a empresa, obedecendo

O depoimento de um dos operários que iniciaram a oposição respalda a afirmação de que o movimento brotou de dentro da fábrica, mais especificamente na Superintendência de Oficinas Mecânicas (SOM):

"... existia o Juarez, que trabalhava na aciaria; em 76 ele começou a fazer um movimento na SOM, era o Juarez, eu, o Roberto Silva, um grupo, começamos a fazer um movimento no horário do almoço dentro da SOM. Esse movimento foi crescendo, não tinha condições mais de reunir dentro da fábrica, porque a gente já estava sendo olhado lá dentro, então expandiu. Nós conseguimos a Igreja, lá na Rua 4, nos fundos da Igreja, e o Juarez era do PT naquela ocasião, eu me filiei ao PT, e nós expandimos a oposição sindical na Igreja da Rua 4"⁸⁵.

A revolta crescente dos trabalhadores desembocou em pequenas, mas também progressivas, operações tartarugas. Dois movimentos, ou, melhor, duas faces da mesma resistência foram se manifestando. De um lado, a recusa prática à vigente intensidade do trabalho sob aquelas condições dadas e, de outra parte, a busca de espaços onde se pudesse articular alguma possibilidade de luta mais efetiva.

Em meados de 1976, no início da crise da auto-reforma do regime militar, havia algumas forças políticas já se gestando em Volta Redonda. Dentro do MDB existia um segmento que discutia o mundo do trabalho (Departamento Trabalhista)⁸⁶, de onde - em meio à luta pela anistia e também pela anistia dos operários dentro da CSN - saíram alguns membros para a oposição sindical. De dentro do MDB começaram a vir para Volta Redonda grupos de esquerda. A

determinações da lei que criou o FGTS, tinha como política entrar em acordo com eles, pagando o tempo proporcional ao tempo de serviço efetivo até 1967. Porém, diante de problema ligado à escassez de recursos para pagar as indenizações, acabou suspendendo os acordos em 1973. Esta suspensão dos acordos deu início a um movimento de cerca de 400 trabalhadores antigos que ficou conhecido como 'a luta pelo tempo anterior'; hoje, cerca de 89 deles ainda buscam através da Justiça do Trabalho reaver o pagamento devido pelo tempo trabalhado até 1967".

⁸⁵ Depoimento de um operário de base, à época da greve de novembro de 1988, e que hoje é membro da Diretoria do Sindicato. A Igreja à qual o depoimento se refere é a Igreja do bairro Conforto.

⁸⁶ A filha de Othon Reis Fernandes, Rosalice Fernandes, participava desse Departamento Trabalhista. Rosalice, hoje no PDT, posteriormente se filiou ao PT, tendo disputado, juntamente com outras duas candidaturas petistas (a do próprio Juarez Antunes e a da Marlene Fernandes) as eleições para a Assembléia Legislativa de 1982. À frente abordaremos, de passagem, as relações dos partidos políticos com o movimento sindical de Volta Redonda.

Convergência Socialista (CS) foi a primeira, através dos militantes do movimento estudantil da universidade rural; posteriormente, o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP) - que hoje se denomina Força Socialista, uma corrente do PT - aglutinou mais operários à oposição sindical. Além disso, os setores ligados à Igreja Católica - em suas correntes mais progressistas - desempenharam papel importante para a articulação desse grupo, principalmente aqueles operários oriundos da Ação Católica Operária (ACO), Pastoral Operária (PO) e Juventude Operária Católica (JOC). Operários independentes, isto é, sem vínculo com alguma corrente ou entidade, completavam o universo dos primeiros participantes da proposta que, em 1983, derrotaria Waldemar Lustosa⁸⁷.

A presença da Igreja, vale dizer, dos seus setores afinados com a Teologia da Libertação, foi destacada por vários entrevistados, dos quais selecionamos estes depoimentos:

"Dom Waldir Calheiros teve um papel fundamental. Ele tinha os padres que organizavam isso, mas sob seu conhecimento, a ACO não tinha vida autônoma. Ele era um dos atores principais nessa história, embora não fizesse o trabalho diretamente. Era o padre Jackson que fazia esse trabalho na ACO"⁸⁸;

"A importância da Igreja para o movimento foi grande. Porque nós tivemos o apoio, tivemos o local onde fazer reunião, a gente não tinha nem local. A Igreja deu apoio para a gente, inclusive em alimentação depois. Na ocasião a Igreja foi fundamental. Aí foi formada a oposição sindical"⁸⁹.

A Oposição Sindical incluía operários de outras empresas, além da CSN. Diante das ameaças de demissão e das retaliações aplicadas pela Diretoria da CSN, e mesmo das demais empresas, havia um grande cuidado para convidar

⁸⁷ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 77. diz que "a Oposição Sindical agregou operários de diferentes origens, alguns dos quais eram até então desconhecidos. Foi esse o caso de Juarez Antunes, antigo operador de alto-forno da usina siderúrgica SM, que não tinha experiência política anterior, mas dispunha de um grande potencial como orador e líder carismático".

⁸⁸ Entrevista com Marlene Fernandes, uma das candidatas do PT a deputado federal em 1982, tendo sido Secretária da Educação da gestão Juarez Antunes na prefeitura de Volta Redonda.

⁸⁹ Entrevista com operário que fez parte da Oposição Sindical desde as primeiras reuniões na SOM.

potenciais adeptos, simpatizantes, do grupo que se constituía aos poucos com o claro objetivo de contestar e derrotar Waldemar Lustosa.

Com o avanço da organização do Grupo de Oposição Sindical, uma questão ganhou espaço, pois tratava-se de definir a estratégia que iria se adotar. Referimo-nos à escolha entre trabalhar ou não por dentro da estrutura sindical. Os defensores da proposta de uma militância por dentro dos sindicatos oficiais venceram, argumentando que o Sindicato dos Metalúrgicos era um espaço que gozava de legitimidade junto dos trabalhadores⁹⁰.

O lugar e o papel da principal liderança do Grupo de Oposição Sindical, José Juarez Antunes, merecem uma menção própria, uma vez que, do início desse grupo aos dias atuais, suas posições foram fundamentais para o processo sindical e político-eleitoral de Volta Redonda, bem como ainda são objeto de polêmica.

Filho de uma família de trabalhadores rurais em Estrela D'Alva, interior de Minas Gerais, Juarez Antunes foi candeeiro de carro de boi em sua infância e adolescência. Em meados dos anos 50⁹¹, Juarez começou a trabalhar na CSN, aos 21 anos, como auxiliar de cozinha num de seus refeitórios. Seu percurso como siderúrgico culminou com a condição de mestre de forno na aciaria, tendo obtido, inclusive, premiação pela produção de aço e se tornado supervisor da aciaria. Mesmo como operário da CSN, Juarez manteve seus vínculos com Estrela D'Alva, tanto que, em 1976, disputou as eleições municipais ao cargo de Prefeito, faltando-lhe apenas seis votos para a vitória⁹².

O ano de 1979 foi aquele em que a Oposição Sindical intensificou sobremaneira a pressão contra a diretoria do Sindicato, encabeçada por Lustosa.

⁹⁰ Sobre a discussão em se atuar, ou não, e com quais perspectivas, por dentro dos sindicatos oficiais, cf. BOITO Jr., op. cit., e COMITÊ DE LUTA PELA CONSTRUÇÃO DO SINDICATO LIVRE, *Construir o Sindicato livre*, São Paulo, 1983.

⁹¹ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 49, falam em 1956.

⁹² Segundo Mangabeira, Juarez "... não tinha experiência política anterior, mas dispunha de um grande potencial como orador e líder carismático", MANGABEIRA, W., op. cit., p. 77. Entendemos que Juarez já trazia algum acúmulo de trajetória política, quer pela disputa eleitoral que empreendeu no ano de 1976, como candidato a prefeito em Estrela D'Alva, quer, principalmente, pelas suas participações em comissões de negociação salarial com a Direção da CSN, durante a ditadura militar, cf. ANTUNES, J., *A explosão da siderúrgica*, p. 301. No entanto, indubitavelmente foi como membro do Grupo de Oposição Sindical que Juarez se plasmou como líder de massas.

Foram convocadas grandes assembléias por esse grupo. Juarez surge em uma dessas assembléias como liderança de massa, revelando uma grande capacidade de intervenção, resultado da sua capacidade de ser liderança no interior da fábrica, onde Juarez vinha se gestando.

O depoimento a seguir fornece uma noção da origem e liderança de Juarez:

"... ele trabalhava na aciaria velha, e era um tipo de supervisor que não pressionava ninguém e ali saía produção. Todo mundo gostava dele por isso, a produção saía e ele não pressionava ninguém. Inclusive, na época, o Juarez estudava, e os próprios trabalhadores compravam jornais e livros para ele estudar. Juarez vivia mais dentro da usina do que em casa. Então, na época de folga, dentro da usina, os trabalhadores o ajudavam. O seu carisma vem desde antes de ser diretor do Sindicato. E assim foi, até ser prefeito da cidade. Para você ter uma idéia, numa assembléia chuvosa, todo mundo com guarda-chuva, o Juarez pedia para fechar o guarda-chuva e todo mundo fechava (...) Era um grande carisma que ele tinha; inclusive, na greve de 88, o pessoal não tinha a mínima intenção de sair de dentro da aciaria. Foi ele que esteve de manhã para tentar desocupar. Só através dele que nós saímos, porque ninguém ia tirar a gente dali. Se fosse assim na moral, sem terem assassinado, sem terem feito o que fizeram em Volta Redonda, era outra história. Mas quando teve a primeira morte, a gente já tinha dentro da cabeça que não ia sair da CSN, através de força nenhuma. Aí o Juarez chegou, teve uma assembléia lá dentro, assim de quase uma hora, for conversando com a gente, e a gente estava muito revoltado, traumatizado com o que estava acontecendo, e foi o único que conseguiu tirar a gente dali"⁹³.

Diferentemente de outros membros do Grupo de Oposição - que se vinculavam organicamente a grupos de esquerda, como a Convergência Socialista e o Movimento pela Emancipação do Proletariado, ou às articulações

⁹³ Entrevista de um líder intermediário.

provenientes da Igreja, como a Pastoral Operária e a Ação Católica Operária - Juarez despontava enquanto liderança de massa, e de uma massa com as características do operariado da CSN, no que respeita ao seu ideário sindical, em que a figura do líder era muito importante⁹⁴. Juarez, desde logo, mostrou-se apto a captar o sentimento dos trabalhadores. Muito das divergências que sempre se manifestaram no interior do Grupo de Oposição Sindical foi, por assim dizer, contornado, abafado ou adiado pela intervenção direta do Juarez⁹⁵.

Em 1980, a Oposição disputou as eleições para a direção do Sindicato, mas foi derrotada⁹⁶. O saldo organizativo, entretanto, existiu, uma vez que o Grupo de Oposição Sindical passou a estar presente principalmente nas portas da CSN, através de boletins (diários ou semanais, dependendo dos recursos disponíveis e das necessidades de comunicação). Todo um clima de mobilização começou a ser formado. Na plataforma da chapa que foi derrotada por Lustosa (que obteve mais um mandato) havia pontos relacionados com a luta pelo fim do despotismo da gerência, com a melhoria das condições de trabalho e com críticas ao sistema corporativo na estrutura sindical⁹⁷.

A Oposição colocava em pauta as dificuldades cotidianas dos operários e avançava em questões mais mediatas, identificando-se com propostas, práticas e

⁹⁴ Wagner Barcelos, em depoimento citado por MANGABEIRA, W., op. cit., p. 146, referindo-se às mudanças que teriam ocorrido na diretoria do Sindicato, após a morte do Juarez, pronunciou-se de maneira a explicitar a relação entre massa e liderança em Volta Redonda, especificamente na CSN: "Hoje, a principal questão é a idéia de que os trabalhadores não poderão mais delegar poder a nós, os líderes. Essa idéia de que 'o Sindicato somos nós' é fundamental (...). Antes, muitos operários pensavam que o Juarez iria resolver todos os problemas. Agora é completamente diferente. Eu não me apresento à base como alguém que vai resolver as coisas *pelos* trabalhadores. Nós estamos juntos e somos responsáveis como uma coletividade pela solução dos problemas. Se você perguntar agora a um operário se eu resolvo algum problema, ele provavelmente vai responder, criticando, que eu não resolvo nada. Mas eu acho que isso é uma coisa muito positiva, porque eu não tenho de resolver os problemas deles se eles não estiverem empenhados no processo".

⁹⁵ MANGABEIRA, W., op. cit., pp. 162-166, apresenta depoimentos em que há uma análise do perfil do Juarez Antunes, segundo a qual este, desde o início, se mostrara personalista, populista e manipulador, no sentido de preterir a organização de base, em favor da representação sindical da diretoria. A efetiva pertinência dessa análise ainda é, em nossa avaliação, uma questão a ser melhor trabalhada. O que mais à frente tentaremos mostrar diz respeito à forma com que Juarez tratava os obstáculos aos objetivos que julgava acertados.

⁹⁶ Vários informantes e entrevistados afirmam que ocorreram fraudes, sem, entretanto, entrar em maiores detalhes, reconhecendo, inclusive, a dificuldade de comprovar as afirmações. cf., ainda, MANGABEIRA, W., op. cit., p. 77.

⁹⁷ cf. MANGABEIRA, W., op. cit., p. 77.

objetivos do Novo Sindicalismo. As críticas às relações corporativas, a organização que se buscava construir (principalmente na luta pela criação e pelo funcionamento das comissões de fábrica) e o conteúdo da plataforma do Grupo de Oposição Sindical confirmam que este se inseria no movimento dos chamados *sindicalistas autênticos* ou *combativos*. A preparação das comissões de fábrica, com a respectiva formação de lideranças, o recrutamento de operários com vistas à militância sindical e todo o trabalho de discussão sobre as estratégias para as eleições sindicais de 1983 aconteciam com base em reuniões em salões de Igrejas, residências de líderes, cujo ideário incluía a crítica ao peleguismo e ao padrão intervencionista do Estado na vida sindical, a valorização dos momentos coletivos (assembléias, por exemplo) para a definição da atuação do Sindicato e a convicção sobre a necessidade de participação dos trabalhadores no cotidiano do Sindicato, mesmo quando mobilizações mais específicas não estivessem ocorrendo.

Muitas lideranças gestadas nesse processo traduziam, na prática, essa concepção sindical, pois questionavam, nas seções em que trabalhavam, nos intervalos, o papel que o Sindicato deveria exercer e aquele que vinha sendo desenvolvido há anos. O cotidiano da CSN, militarizado, opressivo, ganhava um outro aspecto: o operário pensando em alternativas para resistir de forma mais organizada.

Um momento importante no desenho das definições no Grupo de Oposição Sindical foi o ano de 1982, em que aconteceram eleições para governador, deputados estaduais, deputados federais e senador⁹⁸. O processo interno ao PT sobre escolha de candidatos acabou por apontar três candidaturas a deputado estadual pelo Diretório de Volta Redonda: Rosalice Fernandes (com o

⁹⁸ Juarez, até esse momento, só havia tido relação partidária com o MDB. A filiação do Juarez Antunes ao Partido dos Trabalhadores (PT) se deu após longa discussão. Refratário à idéia inicialmente, Juarez se filiou ao PT, trazendo consigo outras lideranças (antigos operários ligados ao então MDB, militantes da Convergência Socialista, operários independentes, como alguns do PCB e da Igreja, sem serem da ACO, mas que haviam passado pela Pastoral Operária). Esse processo todo colocava o PT como ator relevante no embate político e sindical em Volta Redonda.

apoio da ACO e dos setores ligados aos Barcelos: José Emídio, Wagner e Wanderlei), Juarez Antunes (apoiado pela Convergência Socialista, lideranças oriundas do PCB e operários independentes) e Marlene Fernandes, que, à época, se apresentava como a alternativa concreta para a não instrumentalização do PT, quer pela Igreja, quer pelos grupos da esquerda, uma espécie de embrião da corrente Articulação. Nenhum dos candidatos petistas se elegeu, porém um resultado no âmbito sindical foi produzido: as correntes no interior do Grupo de Oposição Sindical ganharam maiores contrastes, através das candidaturas a deputado estadual.

Marlene Fernandes assim avalia o dilema, ou impasse, nascido desse processo:

"Nessa questão do PT, após as eleições de 1982, se travou uma discussão sobre o PT de massas, o PT para fora, de alternativa de poder. De disputa de poder e não apenas de ficar organizando o partido. Abriu-se um processo de reflexão dentro do partido. E o Juarez despontava como liderança, pois foi o mais votado, além de vir a ser depois o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos"⁹⁹.

⁹⁹ Entrevista concedida em 25 de maio de 1994. Essa forma de analisar a relação existente entre o Juarez Antunes e o PT estabelece um critério decisivo para a escolha de candidatos, ou seja, a chamada densidade eleitoral. E esta, ainda conforme o grupo próximo ao Juarez, inevitavelmente deveria recair no próprio Juarez em 1982. O mesmo processo de disputa interna se deu às vésperas das eleições de 1985, que foram extemporâneas, realizadas apenas para a escolha dos prefeitos das capitais e de cidades que o regime militar enquadrou como de *segurança nacional*, como o caso de Volta Redonda. Na oportunidade, o vereador do PT, Edson Santana, detinha a preferência da direção partidária e dos setores petistas oriundos da militância da Igreja (subentendido, aqui, a militância com origem, reflexão e prática fundada na Teologia da Libertação). O Juarez pretendia disputar a convenção, mas não detinha, no âmbito partidário, segurança de que seu nome obteria a maioria dos votos no Encontro do PT (pré-convenção). A dissidência se efetivou, em 1985, com a saída do Juarez do quadro de filiados do PT, atitude que foi adotada pela maioria dos diretores do Sindicato dos Metalúrgicos que, a bem da verdade, também haviam se filiado ao PT, sob influência do Juarez. O rumo político-eleitoral-partidário que esse grupo seguiu foi o da filiação ao PDT, apoiando, já em 1985, o candidato pedetista a prefeito de Volta Redonda, Mário Clinger, que se elegeu muito em função desse apoio. Vários depoimentos que obtivemos são uníssonos em afirmar que o PDT, até aquele momento, não tinha quase nenhum vínculo com a base operária de Volta Redonda. Marlene Fernandes chegou a dizer que "... o PDT era um grupo de trabalhistas históricos sem nenhuma expressão no movimento operário. Ele não tinha um ator deles dentro do movimento operário. Era só o Juarez que foi para lá. A Rosalice Fernandes já tinha ido um pouco antes do que a gente, porque ela tem um histórico trabalhista (o pai dela foi presidente do Sindicato, na época do João Goulart)". A saída do Juarez do PT, chamada pelos protagonistas de *racha*, teria se dado porque o PT não o incorporava como alternativa de disputa do poder local, adotando uma postura estreita para aquilo que se estava gestando em Volta Redonda, a partir do movimento sindical. Essa é a versão do grupo que acompanhou o Juarez em sua saída do PT e que, posteriormente, forneceu muitos quadros para a sua administração em Volta Redonda, no início de 1989. Por outro lado,

Esse quadro se refletiu nas eleições sindicais de 1983, para as quais se formaram cinco chapas, sendo duas compostas por operários não-militantes, que receberam apoio da diretoria da CSN, a chapa da situação, tendo à frente o próprio Waldemar Lustosa, e duas no campo do Grupo de Oposição Sindical (a chapa 4, encabeçada pelo José Emídio Barcelos, reunindo basicamente os sindicalistas ligados à Igreja e aos grupos de esquerda, e a chapa 5, liderada pelo Juarez Antunes, formada fundamentalmente por ativistas que se diziam independentes, apesar de serem, em sua maioria, filiados ao PT). O processo sucessório precisou de três votações para se chegar a um resultado final. Havia um acordo entre as duas chapas do Grupo de Oposição Sindical de que aquela que obtivesse maior número de votos no primeiro escrutínio seria apoiada pela outra. Na última votação a chapa 5 saiu vitoriosa, obtendo 7.060 votos, enquanto a chapa de Waldemar Lustosa obteve 1.969 votos, havendo ainda 103 votos para a chapa apoiada pela CSN.

A prioridade da nova diretoria, empossada em 9 de setembro de 1983, apesar das medidas adotadas pelas chapas 1, 2 e 3¹⁰⁰, recaiu nos instrumentos adequados à mobilização, participação e informação da base da categoria. Mais da metade da diretoria permaneceu trabalhando na CSN, o que, efetivamente, era elemento distinguidor em relação à prática burocratizada e comum dos sindicatos oficiais¹⁰¹. Os portões das empresas, principalmente da CSN, passaram a

militantes que continuaram no PT reforçaram suas reservas quanto ao pretenso personalismo presente na prática do Juarez Antunes, justamente a partir das razões que o levaram a sair do PT e a ingressar no PDT. É importante dizer, também, que o Juarez, eleito deputado federal constituinte em 1986 e apesar de fixar residência em Brasília, não abandonou a presidência do Sindicato, buscando, assim, atuar no parlamento e à frente das lutas sindicais.

¹⁰⁰ Segundo o relato de João Nery Campanário, advogado da chapa 5 e um dos atuais advogados do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, as chapas, com exceção da chapa 4, impetraram 11 mandados de segurança, inclusive junto ao Tribunal Federal de Recursos, na Vara Federal do Rio de Janeiro.

¹⁰¹ A este respeito, MANGABEIRA, W., op. cit., p. 80 apresenta a seguinte explicação: "Como a nova administração sindical não havia ainda conseguido garantias organizacionais por parte da gerência da Companhia, não havia base legal nem para a presença de uma liderança de nível intermediário nem para uma representação do Sindicato dentro da usina. Como os novos líderes priorizavam o estreitamento de suas relações com os operários e a proximidade do contato com as seções, características fundamentais da nova gestão, eles decidiram acumular o trabalho na usina com a execução de suas obrigações como dirigentes".

conviver com o carro de som, adquirido pelo Sindicato, que, além da campanha de sindicalização, viabilizou três boletins por semana e um jornal por mês. Em outubro de 1983, o Sindicato se filiou à CUT, definindo o campo em que atuaria: o Novo Sindicalismo.

Logo no primeiro trimestre de mandato da nova diretoria, o Sindicato conviveu com uma greve:

"veio a greve da Barbará ainda em 1983. Foi a primeira greve que o sindicato fez em toda a sua existência. Não se tem notícia de outra greve naquele sindicato antes de 83. A Barbará fica em Barra Mansa a 2 mil metros do Batalhão do Exército. Aquilo foi uma afronta: a repressão comeu, mas o sindicato fez a greve. Juarez peitou na porta; boletins, piquetes falações, fizemos a greve. (...) Conseguimos grandes vantagens porque a greve pegou a patronal totalmente desprevenida. Cederam um punhado de coisas; tivemos muitas conquistas e os trabalhadores ficaram felizes: - Pô, conseguimos! Aí o trabalhador já começou: - Opa! Esse negócio de greve dá pé. Fizemos a greve e deu pé"¹⁰².

A direção do Sindicato, com a vitória do Grupo de Oposição Sindical, assumiu contornos de combatividade, mobilização e participação sem precedentes, até então. Este fator não pode passar despercebido como elemento decisivo para a emergência da greve, enquanto forma de resistência e luta operária na CSN. Efetivamente, a emergência de uma direção nascida na resistência à superexploração da força de trabalho e às péssimas condições de trabalho foi a razão maior para a tomada do Sindicato dos Metalúrgicos por parte desse segmento mais aguerrido, no complexo universo dos trabalhadores metalúrgicos de Volta Redonda.

Efetivamente, o cotidiano dos operários da CSN era o resultado da combinação de arrocho salarial, jornada de trabalho extenuante, rigorosa vigilância das chefias e riscos constantes à integridade físico-mental dos trabalhadores, em função das inadequadas condições de trabalho. Também

¹⁰² VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 51.

deve ser ressaltada a articulação que se esboçava com vistas a impor uma derrota à orientação do Sindicato, sob o comando de Waldemar Lustosa, expressão inequívoca do sindicalismo oficial nos marcos do regime militar.

E, neste sentido, todas as facções do Grupo de Oposição Sindical tinham em comum a busca de uma situação em que o Sindicato não estivesse mais atrelado à política das empresas, particularmente da CSN. Os grupos de esquerda (Convergência Socialista e Movimento pela Emancipação do Proletariado), os operários oriundos do departamento trabalhista do MDB, aqueles no interior da fábrica, a exemplo do Juarez Antunes e, por fim, os operários com origem nas organizações da Igreja Católica (Ação Católica Operária e Pastoral Operária), todos, apesar das especificidades e divergências, empenharam-se por implementar o que MANGABEIRA denominou de nova gestão sindical.

Em um balanço sobre esse acúmulo de forças, a diretoria do Sindicato se manifestou, meses antes da greve de novembro de 1988, reconhecendo que, até a vitória do Grupo de Oposição Sindical, apenas o Centro Estadual de Professores mantinha, ao nível sindical, uma prática autêntica e de combatividade, apesar da repressão. Abordando outros setores do movimento social, em Volta Redonda, a direção do Sindicato prosseguiu analisando que os próprios movimentos populares

"...só encontravam abrigo em algumas Igrejas, onde padres progressistas seguiam a linha do Bispo Dom Waldir Calheiros, que sempre se colocou do lado do povo. Fora isso, restava aos oprimidos de Volta Redonda apenas o silêncio, o medo e a desesperança. A partir de setembro de 1983, com os trabalhadores assumindo a direção do seu Sindicato dos Metalúrgicos, a coisa mudou. Os metalúrgicos levantaram a cabeça fazendo a primeira greve na história da CSN e os das outras empresas retornaram ao seu passado de lutas, mostrando que o trabalhador da região não é banana como sempre repetiram os poderosos daqui. Nacionalmente ajudamos a construir a CUT e regionalmente todas as categorias sabiam que podiam contar com um Sindicato poderoso. As associações de moradores

ganharam fôlego e todas as suas lutas encontravam respaldo político e material na casa dos metalúrgicos. O melhor exemplo disso foi quando a Prefeitura, com o apoio da Câmara de Vereadores, aumenta o imposto Predial em 1000% e teve que voltar atrás com a forte reação dos moradores coordenada pelo Sindicato dos Metalúrgicos junto com as Associações de Moradores. Os movimentos cresceram e muitos deles nasceram desse tempo para cá¹⁰³.

As transformações decorrentes da vitória da proposta do Novo Sindicalismo, em Volta Redonda, não se restringiram àquela categoria específica de trabalhadores. Seu âmbito incluiu outros movimentos, como o de moradores, fornecendo novos contornos a uma peculiaridade de Volta Redonda, por várias vezes ressaltada por MOREL e SOUZA, ou seja, a de que o espaço urbano também se colocava como terreno para as reivindicações dos siderúrgicos da CSN.

Há tempo os operários da CSN já vinham sofrendo significativas mudanças no que tange à visão que possuíam acerca da usina. Com o golpe militar, em 1964, Volta Redonda passou a ser área de segurança nacional, a partir do que a presença militar se intensificou. Além disso, as intervenções no sindicato, as prisões e torturas impostas a alguns operários da CSN e o aumento do despotismo fabril derrubaram, de vez, a idéia da cidade-fábrica, fazendo com que a relação paternalista de *proteção ao trabalhador* desse vez à consciência mais clara sobre a superexploração da força de trabalho, que, no duplo contexto de regime militar e de crescente busca de maior produtividade, vinha acrescida de perseguições aos que ousavam se opor, ainda que minimamente, a aspectos do cotidiano na usina.

Foi a partir dessa nascente oposição que emergiu um conjunto de lutas mais agudas, ou seja, as greves na CSN. No próximo capítulo elas serão vistas enquanto antecedentes do nosso objeto, a greve de novembro de 1988.

¹⁰³ VERDADE, órgão oficial do Sindicato dos Metalúrgicos, junho de 1988.

CAPÍTULO III

A GREVE DE NOVEMBRO DE 1988: PONTA DE ICEBERG

3.1. Greves antecedentes

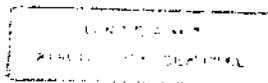
A primeira greve na CSN

Em 1984, após 43 anos de existência da CSN, ocorreu a primeira greve, deflagrada nos marcos da legalidade vigente¹⁰⁴. Sua pauta era composta por participação nos lucros da empresa, reajuste salarial, equiparação salarial com a COSIPA, mudança da data-base para 1º de maio. Foi uma greve de ocupação, que contou com a participação das mulheres e filhos dos operários, que se concentravam em frente da CSN, enquanto estes ocupavam o seu interior.

A apregoada passividade da *família siderúrgica* desmoronou. Os trabalhadores demonstraram disciplina na forma de organizar a luta: os equipamentos foram preservados, não houve nenhum incidente, mesmo com mais de 22.000 homens ocupando o interior da CSN. O patrimônio da usina não sofreu qualquer dano¹⁰⁵.

¹⁰⁴ MANGABEIRA, W., op. cit., pp. 81-90, apresenta um balanço sobre a greve na CSN, em 1984.

¹⁰⁵ A publicação que o sindicato preparou para divulgar o acordo obtido em 1984 trouxe um depoimento da própria diretoria sobre aquela que foi a primeira greve na CSN: "Na história do



Uma questão importante das greves acontecidas na CSN, já presente na greve de 1984, diz respeito à sua modalidade, vale dizer, *greve de ocupação*. Por que os operários da CSN, desde o início das greves que levaram a termo, optaram pela ocupação da usina? No relato de Isaque Fonseca, encontramos a explicação para isso:

"... na CSN, só existe uma maneira de fazer greve: ocupando. Isso se a direção do movimento se coloca, junto com o movimento, em defesa do patrimônio da empresa. Sem ocupação não se faz greve, pois quem vai cuidar dos equipamentos lá dentro? Vai-se deixar os equipamentos por conta da Polícia Militar, do Exército ou da direção da empresa? Tem que ter trabalhador lá dentro para tomar conta dos equipamentos; tomar conta do gasômetro, dos altos-fornos, da coqueria, da fábrica de oxigênio, tomar conta de uma máquina de corrida contínua, de um painel, de computador. Em função da sua complexidade, na CSN quem manda não manja nada de operar a usina; não consegue operar as máquinas e equipamentos, fica no local só para mandar mesmo e é igual a rei: tirou os súditos, fica nu (...). Esse negócio de que o Exército toma conta do patrimônio é mentira. Eles entram na usina é para tirar operário lá de dentro na porrada e

Sindicalismo Brasileiro, até agora não havia sido registrado um movimento grevista como o ocorrido em Volta Redonda entre os dias 20/06/84 a 24/06/84. Foram 5 dias de greve que marcaram para todos os brasileiros uma forma diferente de luta. Nos seus 43 anos de existência a empresa sofre sua primeira greve. O tabu de que na CSN jamais haveria greve ruiu como um castelo de areia. Os dirigentes da empresa ficaram estupefatos. As máquinas pararam, as caldeiras sossegaram, os fornos passaram a ser dormitórios de ratos naquelas noites frias de junho (...). A unidade dos metalúrgicos demonstrada nesses 5 dias foi um fato inédito. A força do movimento cresceu assustadoramente com a disciplina e a ordem dos metalúrgicos. Eram mais de 22.000 homens acampados dentro da USINA. Nenhum incidente, nenhuma briga, nada. A recomendação do Sindicato de que a greve não era contra o equipamento criou entre os trabalhadores um forte sentimento de preservação do patrimônio da empresa. E isso fez com que o movimento se fortalecesse ainda mais (...). Enquanto a fábrica perdia mais de 5 bilhões de cruzeiros por dia, alguns fatores políticos não eram conhecidos da massa. A exportação de aço para os EUA, que prejudica os produtos americanos, aconselhava a grupos governamentais a estimularem o prosseguimento da greve. Daí os defensores de tal política aceitarem o prejuízo diário e jogarem até no estrangulamento da siderúrgica. (...) A continuidade da greve já não interessava mais aos metalúrgicos. Compreenderam, a tempo, que estavam sendo manipulados por grupos estranhos à classe e aprovaram a proposta do presidente do Sindicato ao suspenderem a greve no histórico domingo...", Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Pirai, *Pagou prá ver e viu. Se Vacilar tem mais!* - Acordo Sindical 1984. (Apresentação "A Greve na CSN").

acabar com a greve (...). Com dois dias de greve chegou um destacamento do Batalhão da Polícia Militar"¹⁰⁶.

Ainda sem a truculência que se faria presente em outras greves, já no movimento de 1984 ocorreu a intervenção militar. Ao cabo de 5 dias de greve, onde não se registrou nenhum incidente, nenhuma briga, algumas reivindicações foram atendidas. Mas, a grande vitória foi o fato de os operários terem feito a greve, com a repercussão - dado que a greve foi de ocupação - de que, por cinco dias, a CSN *pertenceu* aos seus operários¹⁰⁷.

Mesmo quando os resultados imediatos de uma greve ficam aquém do que se reivindicou (o que se dá na maioria das vezes), a greve pode significar um avanço na organização dos trabalhadores. Tal foi o caso dessa primeira greve na CSN. Para além do que se obteve, o saldo foi positivo, antes de mais nada, pela introdução da greve como instrumento de luta¹⁰⁸.

Mobilizações e greves em 1985 e 1986

MANGABEIRA analisa esse biênio como aquele em que teria ocorrido uma mudança de atitude por parte da diretoria da CSN, em relação tanto ao âmbito do processo de trabalho, quanto na assimilação da organização sindical dos operários: "de modo geral, influenciado pelo processo de democratização que ocorria no país durante a 'Nova República', o discurso da gerência para os dois anos seguintes expressava uma guinada 'democrática', passando do antigo

¹⁰⁶ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 54-55.

¹⁰⁷ A greve de ocupação pode evidenciar o que Edmundo Fernandes Dias chamou de "desnecessidade histórica da figura do capitalista", cf. DIAS, Edmundo Fernandes, *Democracia Operária*, p. 17. A possibilidade dessa evidência acontecer decorre da dinâmica própria da greve de ocupação, onde, por um tempo determinado, os operários detêm o controle da fábrica e, eventualmente, da produção. Mesmo se tratando, no caso da CSN, de uma empresa estatal, o sentimento de que a produção não depende, na sua processualidade, dos cargos de chefia e de direção pode cumprir o papel de pôr em cheque, junto aos operários, um dos pilares do sistema produtor de mercadorias, ou seja, a separação entre os que decidem e os que executam tarefas no âmbito produtivo. A construção de uma nova hegemonia, do ponto de vista das classes subalternas, exige, precisamente, a superação desta divisão entre planejamento e execução.

¹⁰⁸ A este respeito, Marx e Engels souberam captar a dimensão político-organizativa das greves: "... os operários às vezes triunfam; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores (...) Toda luta de classes é uma luta política...". MARX, K. & ENGELS, F., *Manifesto do Partido Comunista*, p. 28.

despotismo para o consenso e a negociação"¹⁰⁹. Não concordamos com essa posição. A observância de boa parte das cláusulas do Acordo Coletivo assinado em 1984 não nos parece suficiente para a conclusão de que a CSN teria se democratizado, no que se refere às relações com operários e suas organizações. Ao lado de medidas que visavam o incremento da produtividade e da qualidade dos produtos da usina, coexistiam a opressão das chefias e a política de extração do sobre-trabalho, através da intensificação do ritmo do trabalho. A negligência para com a manutenção, a reposição e a inovação dos equipamentos só não comprometia de todo o imperativo da lucratividade, em virtude da força de trabalho continuar a ser intensamente explorada. Uma modalidade *nova* para a exploração no processo produtivo foi aquela estabelecida pela distância entre as tarefas desempenhadas pelo trabalhador e o seu enquadramento na CSN. Uma embrionária, incipiente, flexibilização dos postos de trabalho implicava novas funções, sem a contrapartida adequada no plano da remuneração.

É verdade que na campanha salarial de 1985 não houve greve, até em função de ter sido assinado um acordo em meio às negociações. Porém, isto se explica pelo fato do sindicato ter aumentado a presença na base, com boletins, carros de som e falações nas portas da usina. Com isto, a diretoria do sindicato ampliava tanto sua legitimidade, como a sua inserção diária na categoria. Um dos resultados imediatos disso foi a criação de uma CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). O nível de mobilização se avolumava. Tanto que, mesmo motivada por uma questão não tão fundamental, "em dezembro de 1985, ainda, houve uma greve de um dia. Foi a *greve da castanha* para melhorar o Natal da rapaziada. Conseguimos uma granazinha a mais no pagamento. O trabalhador continuou acreditando no sindicato..."¹¹⁰.

MANGABEIRA inclui, em seu trabalho, uma síntese do percurso que a diretoria do Sindicato realizou durante todo o seu primeiro mandato (1983-

¹⁰⁹ MANGABEIRA, W., op. cit., p. 93.

¹¹⁰ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 58-59.

1986)¹¹¹. Aqui queremos recuperar apenas um aspecto. No interior da diretoria começaram a aflorar divergências quanto à concepção do que seria o eixo do trabalho do Sindicato, na base da categoria. De um lado, um grupo defendia que a ênfase deveria se dar na organização e mobilização dos trabalhadores, priorizando-se a criação de comissões de fábrica; de outra parte, havia um grupo de diretores que se preocupavam mais com a dimensão carismática em torno do Juarez, que, inegavelmente, gozava de expressivo apoio junto dos trabalhadores. As práticas daí decorrentes também se conflitavam: as referentes ao primeiro segmento desembocavam no investimento à mobilização diária e na formação de lideranças intermediárias (ativistas e coordenadores de comissões de fábrica), ficando as relacionadas ao segundo segmento mais afeitas às assembléias e serviços assistenciais.

Esse quadro repercutia até mesmo na divisão de funções dentro da diretoria. As principais lideranças do primeiro grupo (Wanderlei e Wagner Barcelos) eram os responsáveis pelas panfletagens em portas de fábrica e pelo Departamento de Educação Política dos Ativistas, enquanto os líderes do segundo grupo (Lopes e Juarez) encarregavam-se, respectivamente, dos aspectos administrativos, burocráticos e assistenciais do Sindicato e da condução dos trabalhos nas assembléias.

No mês de setembro de 1986, aconteceram eleições sindicais, com um ganho expressivo de mobilização e um crescimento de legitimidade do Sindicato, na base da categoria, que podem até mesmo ser medidos pelo salto do número de sindicalizados: de 12 mil em 1983 para 24 mil em 1986. A Chapa 1 se formou basicamente pela diretoria em exercício; a Chapa 2 era formada pela dissidência que se deu no interior da diretoria eleita em 1983, e reunia militantes da Convergência Socialista, que se intitulava Novo Grupo de Oposição Sindical; por fim, a Chapa 3 agregou antigos operários que questionaram as eleições

¹¹¹ cf. MANGABEIRA, W., op. cit., pp. 100-114.

1986)¹¹¹. Aqui queremos recuperar apenas um aspecto. No interior da diretoria começaram a aflorar divergências quanto à concepção do que seria o eixo do trabalho do Sindicato, na base da categoria. De um lado, um grupo defendia que a ênfase deveria se dar na organização e mobilização dos trabalhadores, priorizando-se a criação de comissões de fábrica; de outra parte, havia um grupo de diretores que se preocupavam mais com a dimensão carismática em torno do Juarez, que, inegavelmente, gozava de expressivo apoio junto dos trabalhadores. As práticas daí decorrentes também se conflitavam: as referentes ao primeiro segmento desembocavam no investimento à mobilização diária e na formação de lideranças intermediárias (ativistas e coordenadores de comissões de fábrica), ficando as relacionadas ao segundo segmento mais afeitas às assembleias e serviços assistenciais.

Esse quadro repercutia até mesmo na divisão de funções dentro da diretoria. As principais lideranças do primeiro grupo (Wanderlei e Wagner Barcelos) eram os responsáveis pelas panfletagens em portas de fábrica e pelo Departamento de Educação Política dos Ativistas, enquanto os líderes do segundo grupo (Lopes e Juarez) encarregavam-se, respectivamente, dos aspectos administrativos, burocráticos e assistenciais do Sindicato e da condução dos trabalhos nas assembleias.

No mês de setembro de 1986, aconteceram eleições sindicais, com um ganho expressivo de mobilização e um crescimento de legitimidade do Sindicato, na base da categoria, que podem até mesmo ser medidos pelo salto do número de sindicalizados: de 12 mil em 1983 para 24 mil em 1986. A Chapa 1 se formou basicamente pela diretoria em exercício; a Chapa 2 era formada pela dissidência que se deu no interior da diretoria eleita em 1983, e reunia militantes da Convergência Socialista, que se intitulava Novo Grupo de Oposição Sindical; por fim, a Chapa 3 agregou antigos operários que questionaram as eleições

¹¹¹ cf. MANGABEIRA, W., *op. cit.*, pp. 100-114.

anteriores, e que eram apontados por muitos como comprometidos com os interesses da CSN¹¹².

Em 1986, houve novamente uma greve. No dia 1º de outubro, com o Sr. Paulo Brossard sendo Ministro da Justiça e o Sr. Hugo Castelo Branco, então Ministro da Indústria e Comércio, a greve foi feita do lado de fora, com a organização de piquetes, precisamente pela avaliação que os trabalhadores fizeram, com relação a uma provável intervenção do Exército. A avaliação mostrou-se correta. Pela primeira vez o Exército invadiu a CSN, numa operação antiguerrilha. A repressão levou os operários retornarem ao trabalho no dia seguinte. O clima de revolta, já agravado pela invasão militar, reforçava-se com a indignação que existia pela omissão do Exército em combater, por exemplo, as causas do desabastecimento generalizado, que se deu com o Plano Cruzado do Presidente Sarney e, em contrapartida, pela agilidade com que este mesmo Exército derrubou a greve na CSN. Apontava, assim, a compreensão do papel desempenhado pelo Exército na vida dos operários dessa poderosa e estratégica estatal, de importância crucial à acumulação de capital no Brasil, tanto aos interesses da burguesia nacional como aos do capital estrangeiro¹¹³.

Em edição extra do jornal do sindicato, Juarez assim se manifestou:

"Hoje os metalúrgicos estão mais unidos do que nunca. A prepotência da Nova República só serviu para descobriremos os verdadeiros inimigos da classe operária. Dentro de nosso peito existe uma ferida que, enquanto existir, estará empurrando-nos para a luta. Cada operário sabe que nenhuma recriminação deve existir entre nós, pois estamos na mesma canoa - a dos explorados pelo capitalismo"¹¹⁴.

¹¹² Pouco mais de dois terços dos metalúrgicos com direito a voto compareceram às eleições, que contaram com 19.228 votantes e deram 16.598 votos (86,3%) para a chapa de Juarez Antunes.

¹¹³ A indignação mencionada, relativa, de um lado, à abstenção do Exército no combate ao desabastecimento e, de outra parte, à sua rapidez em reprimir uma greve na CSN, certamente é manifestação de uma consciência contingente, em que a natureza de classe do Estado não está plenamente captada.

¹¹⁴ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 62. Relativamente à consciência mais aguda sobre a exploração do capitalismo que a greve pode produzir, Lênin afirma, referindo-se às greves russas, que os movimentos grevistas "... significam o começo da luta da classe operária contra esta estrutura de

Em 12 de dezembro de 1986, houve a greve geral, e, mais uma vez, o Exército ocupou a CSN. Dessa vez os militares atuaram no sentido de obrigar a entrada dos operários na usina. O autoritarismo, dessa feita, ocupou e *empurrou* os operários para dentro:

"Essa foi a segunda invasão do Exército, e de lá para cá, virou rotina ele entrar dentro da usina com os seus tanques, urutus, cascavéis; com metralhadoras, fuzis e soldados. Nesta segunda invasão o operário medrou, a direção do sindicato também medrou. Ficamos com medo do Exército dar porrada, mas o movimento não parou. No dia seguinte o sindicato soltou um boletim falando sobre a direção da empresa, a atitude do Exército e do governo"¹¹⁵.

1987: A grande repressão como ante sala de 1988

O momento político, imediatamente anterior à instalação da Assembléia Nacional Constituinte, já eleita no pleito de novembro de 1986, favorecia as mobilizações sociais, inclusive em sua alternativa de greve. Isaque Fonseca,

sociedade (...). Cada greve lembra aos capitalistas que os verdadeiros donos não são eles, e sim os operários (...). Cada greve lembra aos operários que sua situação não é desesperada e que não estão sós (...). Nos tempos pacíficos, o operário arrasta em silêncio sua carga, não reclama ao patrão, não reflete sobre sua situação. Durante uma greve, o operário reclama em voz alta suas reivindicações (...). Toda greve infunde vigorosamente nos operários a idéia do socialismo: a idéia da luta de toda a classe operária por sua emancipação do jugo do capital (...). Quando um patrão que acumulou milhões às custas do trabalho de várias gerações de operários não concede o mais modesto aumento de salário e, inclusive, tenta reduzi-lo ainda mais, e, no caso de os operários oferecerem resistência, põe na rua milhares de famílias famintas, então os operários vêm com clareza que toda a classe capitalista é inimiga de toda a classe operária e que os operários só podem confiar em si mesmos e em sua união (...). Mas a greve abre os olhos dos operários não só quanto aos capitalistas, mas também no que se refere ao governo e às leis (...). Torna-se claro para todo operário que o governo tzarista (...) defende os capitalistas e ata de pés e mãos os operários. O operário começa a entender que as leis são ditadas em benefício exclusivo dos ricos. A cada greve cresce e desenvolve-se nos operários a consciência de que o governo é seu inimigo e de que a classe operária deve preparar-se para lutar contra ele pelos direitos do povo" V. I. LÊNIN, "Sobre as greves", in *Sobre os Sindicatos*, pp. 46-49. Não estamos, com o paralelo traçado, sugerindo que uma consciência mais crítica se disseminara entre parte expressiva dos operários da CSN. Todavia, os vínculos da Nova República com os interesses da acumulação do capital e com práticas autoritárias, de certa forma, afloraram com a maneira com que se pôs fim à greve na CSN, em 1986. No bojo de uma luta circunscrita à CSN, os operários da usina Getúlio Vargas iniciavam um processo de maior compreensão dos nexos determinantes da situação em que viviam.

¹¹⁵ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 65. A presença ostensiva, ameaçadora e ágil do Exército na CSN não correspondia a momentos esporádicos, antes, era elemento rotineiro na vida dos operários. Relevante observar que o receio de enfrentamento com o Exército não inibiu a divulgação, através de boletim, de uma avaliação sobre as articulações existentes entre a direção da CSN, o aparato militar e, em última instância, a política governamental. Lampejos de uma análise totalizante apareciam nas manifestações da diretoria do sindicato.

membro da diretoria eleita para o triênio 1986/1989, desenvolve uma idéia rica à inteligência do período:

"Abriu-se no país uma expectativa que vem do final de 86 e passa pelo ano de 87, de como reconstruir a direção política do movimento. E por quê? Porque a sociedade jogou parte das suas expectativas no Plano Cruzado e parte na Constituinte. Ora, se o ano de 86 esgotou a esperança no Cruzado, 87 será o ano da decisão sobre a esperança na Constituinte. Temos que pensar como as massas experimentam a política. Ou seja, nós temos que discutir a política sindical e social à luz de como as massas vivenciam os seus projetos em relação aos projetos dominantes"¹¹⁶.

Isaque aborda a questão da absoluta necessidade de haver sintonia entre a direção do movimento e o *espírito* das massas, como condição imprescindível ao avanço do movimento. Essa sintonia é que permite a construção de movimentos sem a predominância do vanguardismo.

A campanha salarial de 1987 se deu em uma situação onde o sindicato assumiu, de fato, compromisso com toda a sua base, não se restringindo, mais, aos operários da CSN. Reuniões setoriais, boletins diários, assembléias gerais marcaram esse novo patamar de organização e inserção do sindicato na base da categoria metalúrgica. Estabelecida a negociação, não houve avanço e realizou-se uma greve de 5 dias, parando a produção da CSN e da Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM). Os acordos salariais decorrentes dessa greve superaram a imensa maioria dos acordos obtidos por outras categorias no país todo. Entretanto, crescia a compreensão, nos metalúrgicos de Volta Redonda, que aquelas conquistas logo seriam deglutidas pelo quadro inflacionário instalado no país.

¹¹⁶ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 66.

O acordo assinado, em 1º de maio de 1987, rapidamente mostrou-se insuficiente para, ao menos, repor as perdas mês-a-mês, como revela o quadro abaixo¹¹⁷:

Mês/Ano	Evolução Salarial % acum.	Evolução ICV Dieese % acum.	Perda Salarial	Índice de Reposição
mai/87	-----	24,93	19,96	24,93
jun/87	20,00	54,01	22,08	28,34
jul/87	20,00	75,64	31,68	46,37
ago/87	20,00	87,74	36,08	36,45
set/87	26,18	98,70	36,50	57,48 ¹¹⁸

Em relatório elaborado pela diretoria do sindicato, apurou-se a seguinte situação comparativa para o período de novembro/1985 a abril/1987:

Índice oficial da inflação	276,58%
Índice da inflação pelo Dieese	363,31%
Reajuste Salarial na CSN e na FEM	299,21%
Reajuste Salarial nas metalúrgicas privadas	256,44%

Como se pode concluir dos dados acima, as perdas salariais eram significativas, principalmente se considerarmos que o índice oficial da inflação estava, efetivamente, subestimado. Ao longo do período novembro/85 a abril/87, os metalúrgicos da CSN e da FEM acumularam uma defasagem de 16,06%, que,

¹¹⁷ FREITAS, Mário Luiz. *Perdas Salariais dos Trabalhadores Metalúrgicos de Volta Redonda, Barra Mansa e Resende*. Dieese, Sub-Seção Volta Redonda. Outubro de 1987.

¹¹⁸ Calculado pelo IPC, este índice de reposição seria de 42,57%. Adotamos como índice de reposição para o período maio/87 a set/87 os 57,48%, base para chegarmos às perdas salariais acumuladas de novembro de 1985 a setembro de 1987.

no caso dos metalúrgicos de empresas privadas, atingiu o patamar de 29,98%. Estas perdas, acrescentadas às que se acumularam de maio/87 a setembro/87, chegaram, respectivamente, a 82,77% (CSN e FEM) e 104,69% (privadas).

O arrocho salarial, que, no mais, atingia o conjunto dos assalariados no país¹¹⁹, mostrava-se também intenso sobre os metalúrgicos de Volta Redonda, Barra Mansa, Resende e Barra do Pirai, fossem eles da CSN, da FEM ou das empresas privadas.

O sindicato, diante deste quadro e das experiências que já reunira desde 1983, imprimia uma nova marca na sua maneira de atuar, envolvendo a maioria da diretoria no sentido de organizar os trabalhadores dentro da fábrica. A organização no local de trabalho¹²⁰, ainda que embrionária, se constituiria fator

¹¹⁹ Em 1987, verificou-se uma elevação de preços histórica, até aquele momento. O IBGE registrou em 365% o índice da inflação anual, enquanto o DIEESE estimou o Índice do Custo de Vida em quase 400%. *Boletim do DIEESE*, janeiro de 1988, p. 3. A política de arrocho salarial teve plena continuidade no ano de 1988. Segundo o próprio DIEESE, nos meses de setembro, outubro e novembro de 1988 verificaram-se as maiores defasagens, para esse ano, entre, de um lado, o salário mínimo nominal e, de outro lado, o salário mínimo necessário para uma família de quatro pessoas. Tais defasagens atingiram os seguintes patamares: 619,04% em setembro, 657,96% em outubro e 613,82% em novembro, *Boletim do DIEESE*, janeiro de 1989, p. 79 (percentuais obtidos a partir da tabela montada pelo DIEESE).

¹²⁰ Sobre o papel da organização nos locais de trabalho, cf. DIAS, Edmundo Fernandes, *Democracia Operária*. Campinas, Ed. Unicamp, 1987 (particularmente o capítulo terceiro, "As principais questões gramscianas", onde, no item III é feita uma análise da contribuição de Gramsci sobre democracia operária, conselhos, sindicatos e partidos). Na perspectiva da construção de uma nova civilização - onde a visão de mundo dos trabalhadores seja hegemônica, criando uma racionalidade distinta daquela em que se assenta o capitalismo - as formulações gramscianas apontam para a centralidade das organizações nos locais de trabalho, no caso dos conselhos de fábrica, na estratégia da luta pela superação do capitalismo: "o operário pode conceber a si mesmo como produtor, apenas se se concebe como parte indissociável de todo o sistema de trabalho, que se sintetiza no objeto fabricado; apenas se ele vive a unidade do processo industrial que pede a colaboração do trabalhador manual, do qualificado, do empregado da administração, do engenheiro, do diretor técnico. O operário pode conceber a si mesmo como produtor se, depois de ter-se inserido psicologicamente no processo produtivo particular de uma fábrica, p. ex., em Turim, de uma fábrica automobilística, e depois de se ter pensado como um momento necessário e insuprimível da atividade de um complexo social que produz o automóvel, supera essa fase e vê toda a atividade turinesa da indústria produtora de automóveis. (...) O operário, movendo-se a partir desta célula, a fábrica, vista como unidade, como ato criador de um determinado produto, eleva-se à compreensão de unidades sempre mais vastas até a nação que é, no seu conjunto, um gigantesco aparelho de produção (...). Agora o operário é produtor porque adquiriu consciência de sua função no processo produtivo, em todos os seus graus, da fábrica à nação, ao mundo; agora ele percebe a classe e torna-se comunista, porque a propriedade privada não é função da produtividade, e torna-se revolucionário porque concebe o capitalista, proprietário privado, como um ponto morto, como um obstáculo, que ele precisa eliminar (...)" O operário é então um produtor. Agora ele se apresenta na sua determinação mais complexa. Só ao se conceber como tal, ele pode conceber-se como classe, fundamental e subalterna, e pode ultrapassar as determinações de assalariado e de cidadão. Agora ele pode perceber-se como solidário e não como concorrente. Dentro da visão burguesa, que lhe é imposta por todas as formas mentais da sociedade capitalista, o operário é um soldado de uma imensa guerra civil. Luta não apenas contra o outro operário, para *subir na vida*, mas também contra todo o conjunto

decisivo quer para a articulação sindicato/base, quer para avanços na vontade de resistir nos operários.

Em agosto de 1987, a Central Única dos Trabalhadores convocou greve geral.

"Volta Redonda pára, e lá vem Exército; a mesma coisa, todo mundo parado e o Exército entra na usina. Agora o trabalhador tinha visto a cara do Exército três vezes, perdeu um pouco do medo. Ainda tinha respeito, mas já não tinha mais tanto medo. Desta vez o Exército resolveu - certa hora - tirar o pessoal na porrada. O oficial ordenou que os soldados avançassem de baionetas caladas para cima dos operários (...). Ai houve troca de insultos, que depois desembocaram em agressões, e o Exército entrou na usina debaixo de pedrada (...). O Exército prendeu quatro diretores e mais uns ativistas que estavam lá, desbaratinou, e como resultado o movimento acabou. O pessoal saiu e a greve mais uma vez terminou. O Exército tirou a turma para fora mais uma vez. Os trabalhadores já estavam ficando de saco cheio com os milicos"¹²¹.

A essa mudança, na forma de *conviver* com as invasões do Exército, somaram-se outros fatores ainda em 1987, que foram agravando o clima já tenso. Além do arrocho salarial, o movimento dos trabalhadores, agora, passava a ter como peso as muitas demissões realizadas depois da greve de agosto/87 e,

das classes subalternas e das classes dominantes. Um contra todos, todos contra todos. Se ele rompe com essa visão, se ele se percebe como soldado de uma classe e, mais ainda, como soldado do conjunto das classes subalternas, pode perceber sua diferença em relação aos proprietários como sendo uma diferença e não como questão de azar ou destino. Pode então colocar a questão do seu poder, da sua hegemonia, do seu Estado. O Conselho de fábrica é, segundo Gramsci, o instrumento de concretização desse poder e encarnará a ditadura proletária.", cf. DIAS, E., op. cit., pp. 67-69. Em Gramsci, apenas o Conselho de fábrica tornará viável a construção da democracia operária. E por que Gramsci afirma isso? Porque a organização no âmbito da produção permite a formação do chamado *intelectual condensado*, ou seja, daquele intelectual que organiza a classe para a disputa da hegemonia (intelectual orgânico) com o conhecimento próprio do processo produtivo: "o comissário não está separado da classe, como o funcionário sindical ou do partido. E essa convivência deverá permitir-lhe manter o contato permanente com a realidade da sua classe". DIAS, E., op. cit., p. 69. Longe de nossa intenção, com esta longa citação, sugerir que as comissões de fábrica da CSN, naquele momento, se formaram com todo esse ideário; entretanto, a constituição de instrumentos de organização e luta dos operários da CSN no interior da usina foi tão decisivo para o avanço na mobilização dos trabalhadores, que a menção a Gramsci, através da referida tese, resgata o potencial transformador que têm e podem ter as experiências de organização no local de trabalho.

¹²¹ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 70-71.

principalmente, sofria um deliberado e forte combate à organização sindical que vinha se enraizando no interior da CSN. Os ativistas sindicais, os membros da CIPA (cipeiros)¹²² e os diretores que ainda trabalhavam foram demitidos, além de incluídos em inquérito administrativo¹²³. O total de demitidos foi de 58, incluindo 22 diretores. A quebra das lideranças sindicais, no caso combativas, mostrou-se parte imprescindível ao enfraquecimento do movimento dos trabalhadores. Os operários da CSN denominaram o clima que se seguiu a essas medidas de *grande repressão*, que, para muitos, tornou insuportável o ambiente na usina.

A militarização na CSN permanecia sendo a sua marca:

"O período de maior repressão dentro da empresa começou com a vinda do diretor de operações Ari Souto. As rondas começaram com o próprio diretor. Ele entrava de madrugada na empresa, se pegasse alguém cochilando ou dormindo no turno, punia ou com gancho - no linguajar operário é quando o indivíduo está suspenso - ou com demissão sumária. (...) As patrulhas noturnas saem fazendo ronda igual a quartel, e assim foram demitidos vários trabalhadores porque estavam cochilando em cima da mesa. A ronda chegou, entregou; resultado: demissão. Gente de dezoito, vinte anos de casa, ótimos profissionais. Assim, o Ari ganhou fama de mau entre os operários. Há alguns anos ele vem implantando esse regime de mão de ferro, arrojando cada vez mais, exigindo produção (...) Internamente é um verdadeiro regime de terror"¹²⁴.

No entanto, apesar da investida, por parte da direção da CSN, sobre a organização sindical, a opção que o sindicato fizera com relação às comissões internas houvera deixado lastro. Com as demissões de boa parte das lideranças sindicais, os trabalhadores começaram a se articular sozinhos dentro da CSN. Um

¹²² De 1985 a 1987, período em que a CIPA funcionou efetivamente na defesa dos interesses dos trabalhadores, o número de acidentes foi sendo reduzido a níveis mínimos (3 no primeiro ano, 2 no segundo e nenhum no último); com a retomada da CIPA por pessoas indicadas pela diretoria da CSN, a situação foi revertida, em prejuízo aos operários, pois, no ano de 1987, já ocorreram 9 mortes por acidentes de trabalho e, em 1988, outras 15, sendo 2 no alto-forno, em apenas uma semana.

¹²³ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 73.

¹²⁴ Ibid., pp. 28-29.

razoável número de comissões de fábrica clandestinas (talvez o termo melhor seja *autônomas*, no sentido de que funcionaram, a partir daquele momento, sem uma atuação direta do sindicato) apareceu, e práticas de resistência como paralisações de meia hora e boicotes às refeições foram desenvolvidas. **Intensificavam-se a organização interna e a insatisfação com o arrocho salarial e com a repressão dentro da usina.**

Por fim, em janeiro de 88 aconteceu uma greve de peão dentro da CSN, abrangendo cerca de 400 trabalhadores da MONTREAL, que é uma empreiteira prestadora de serviço para a CSN. O Sindicato tentou estabelecer negociações, mas a MONTREAL mostrou-se irredutível. Novamente o Exército entrou na usina e colocou fim à greve¹²⁵. Mesmo com o fato da MONTREAL ser uma empresa multinacional, não tendo nada a ver com o patrimônio da CSN, o Exército invadiu a usina.

Arrocho salarial, repressão às formas de organização dos trabalhadores e perseguição aos líderes sindicais, de um lado, e, de outra parte, ascensão das comissões autônomas no interior da CSN e disposição mais efetiva de resistir às intervenções militares compunham o quadro em que os operários se colocaram em movimento já com vistas à negociação da campanha salarial de 1988. Esse movimento e seus desdobramentos serão vistos a seguir.

3.2. Operários em movimento: causalidade e processualidade da greve.

O Plano Bresser havia imposto uma outra perda salarial da ordem de 26,06%. Além disso, os metalúrgicos da CSN não receberam a URP de julho de 1988 (17,68%), em decorrência de um *atraso* no pagamento. Do ponto de vista

¹²⁵ cf. *Ibid.*, p. 74.

salarial, as perdas acumuladas desde novembro de 1985, até aquele momento, podem ser verificadas pelo quadro abaixo:

Perdas salariais de nov/85 a abril/87	16,06%
Perdas após o acordo de maio/87 (até set/87)	57,48%
Perdas decorrentes do Plano Bresser	26,06%
URP de julho de 1988	17,68%
TOTAL ACUMULADO	171,14%

Em maio de 1988 (data-base da categoria), a direção da CSN não reajustou os salários, porque não havia um acordo assinado com o Sindicato¹²⁶.

A campanha salarial de 1988 se desenrolou em meio à intransigência da diretoria da CSN em negociar. O Sindicato buscou a negociação exaustivamente, sempre estabelecendo com a base da categoria os mecanismos de informação, discussão e deliberação. Em 05 de maio daquele ano, o Boletim do Sindicato distribuído nas portas das empresas, em particular nas da CSN, explicava o quadro que estava colocado relativamente aos impasses nas negociações. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) havia registrado uma inflação de 381,12%, de maio do ano passado a abril desse ano, sendo tal índice a referência para as categorias com data-base em maio, deduzidas as antecipações feitas até abril. O resíduo, portanto, era de 93,66%, a fim de completar o IPC integral.

No mesmo processo de negociação, envolvendo o governo e empresas federais, foi concedido ao Sindicato dos Ferroviários um reajuste em maio de 53,6%, sendo que em junho e julho ficariam sem a URP.

Na CSN, o reajuste oferecido foi o mesmo dos ferroviários. A diferença é que a CSN não abriu mão de descontar o aumento de 10% de novembro de 1987, além da URP. Outra diferença é que a CSN ofereceu um abono de 20%, em

¹²⁶ cf. *VERDADE* - Órgão Oficial do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, Barra Mansa e Resende, novembro de 1989.

junho, e outro em julho sobre o salário de abril, não incorporáveis ao salário. Seria dado em junho e retirado em agosto. Com isso, o próximo reajuste real só viria em agosto sobre o salário de maio¹²⁷.

Em 6 de maio, a categoria recebeu um boletim que deveria ser devolvido no dia seguinte, com as respostas às questões apresentadas, questões estas que compunham, em seu conjunto, uma pesquisa sobre o que fazer diante da intransigência da CSN. Três das perguntas feitas nos permitem avaliar a perspectiva que o Sindicato possuía com relação ao processo que deveria preceder qualquer greve na CSN:

"- O companheiro é a favor da greve nesta campanha salarial? Diga porque;

- Já tivemos várias experiências de luta. Assistimos ou acompanhamos greve em outras categorias. Considerando o tipo de organização da produção na CSN/FEM, a localização da empresa na cidade, o método de repressão da chefia, a utilização da polícia militar e o exército na repressão à greve, a repercussão na cidade, etc., em caso de greve, o companheiro é a favor de greve dentro (ocupação) ou fora (piquete) da usina? Diga porque;

- Que outras formas de luta que garantem a conquista das nossas reivindicações podemos usar?"¹²⁸.

A categoria era consultada, recebendo, diante das decisões que deveria tomar, uma advertência sobre a necessidade de levar em conta uma série de aspectos que a greve e o tipo de greve trariam, além de ser estimulada a propor alternativas de resistência.

A política da CSN claramente se caracterizava pela eliminação dos ativistas e dirigentes sindicais. Esta política era interpretada de forma inteligente pela diretoria do Sindicato, no sentido de perceberem o contexto mais amplo em que isso se inseria, ou seja, quebra da resistência e organização operárias, visando a ampliação do sobre-trabalho extorquido. Trecho ilustrativo dessa

¹²⁷ cf. Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº 339, 05 de maio de 1988.

¹²⁸ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº 340, 06 de maio de 1988.

interpretação, por parte da diretoria do Sindicato, foi veiculado no boletim de 10 de maio:

"Hoje é dia de negociação. Sabemos muito bem que a intenção da CSN é endurecer cada vez mais nosso Acordo Salarial para ver se conseguem roubar cláusulas do nosso acordo do ano passado. Além de cortar algumas conquistas, que já alcançamos, como a girafa, os 100% nas horas extras e outras. Mas nós não somos máquinas. Nós sabemos pensar e entendemos muito bem o que a CSN pretende com isto. Tirando a Diretoria do Sindicato e os cipistas do interior da Usina, o André e o Juvenal ficam mais a vontade para exercer o terrorismo sobre os trabalhadores e aumentar a produção da CSN. Com isso, mostram serviço para os chefes do governo e mantêm seus altos cargos e salários. Tem mais. Cortando nossas conquistas como a girafa e os 100% nas horas extras, reduzem os gastos da empresa e apresentam-se como bons meninos ante os olhos do Sarney, Mailson e do resto da gang do planalto. É isto que eles querem fazer conosco durante esta campanha e para isto precisam quebrar a história de lutas que os trabalhadores da CSN construíram. Para alcançarem estes objetivos mesquinhos, precisam, antes, tentar quebrar o nosso Sindicato e nossa Organização"¹²⁹.

O Sindicato sabia dimensionar o papel que a Justiça do Trabalho desempenharia, caso a mobilização e a organização da categoria fossem frágeis. Por isto, simultaneamente à participação nas negociações, investiam esforços no esclarecimento e no engajamento dos operários. Às vésperas do pagamento, foram realizadas assembléias nas portas das empresas, no Sindicato, reuniões setoriais, como forma de fazer frente à tática da CSN, que desejava julgamento rápido do dissídio. A verdade, aflorada mesmo nas negociações no Tribunal Regional do Trabalho, era a de que a CSN e a FEM apostavam no impasse com respaldo na política do CISE (Conselho Interministerial de Salário das Estatais), o qual não autorizava os termos propostos pelo Presidente do TRT, ou seja, o

¹²⁹ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, n° 342, 10 de maio de 1988.

mesmo índice dado aos Ferroviários, sem deduzir os 10% de novembro de 1987, e na política econômica do governo Sarney, que previa, em caso de não haver acordo nem julgamento de sentença, o não-pagamento de qualquer reajuste.

Para a quinta-feira, dia 26 de maio, a pauta da assembléia previa a decisão sobre uma das duas alternativas: a greve na CSN e FEM, ou deixar por conta da Justiça do Trabalho. A resposta da CSN foi imediata, reabrindo as negociações, o que fez com que a decisão prevista, sobre o que fazer, fosse adiada para 27 de maio, ficando a assembléia da quinta-feira mantida apenas para informações e esclarecimentos sobre as negociações.

A diretoria do Sindicato sabia que a proposta de acordo da CSN era prejudicial aos trabalhadores, tal como estava antes da reabertura das negociações. No boletim do dia 27 de maio, ela se posicionava pela discussão com todos os trabalhadores sobre a aprovação ou não da contra-proposta. Reconhecendo que aquele acordo era limitado, de um lado, porém, de outra parte, em função da conjuntura política e sindical, ele atendia, em alguma medida, a questão econômica, a diretoria iria se posicionar pela aprovação na assembléia. Cabia, portanto, à categoria optar entre aceitar a proposta ou deflagrar a greve¹³⁰.

A assembléia deliberou pela greve. Os operários entraram em bloco para dentro da usina e pararam toda a CSN, se concentrando no pátio da Superintendência de Oficinas Mecânicas (SOM), onde os trabalhadores se encontravam em assembléia permanente.

A greve foi encerrada com nova invasão do Exército, após 65 horas de 100% de paralisação dos operários da CSN, FEM e empreiteiras que prestam serviço no interior da CSN. O Jornal do Brasil assim descreveu a *operação militar*:

¹³⁰ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, n° 354, 27 de maio de 1988. MANGABEIRA, W., op. cit., p. 135, revela que "estimativas do Sindicato dão conta do comparecimento de aproximadamente 8 mil a 10 mil operários às assembléias, comprovando a pressão dos trabalhadores para que o Sindicato convocasse a greve. Depois de duas semanas de reuniões e negociações terminaram com a instauração do dissídio coletivo. Dessa maneira, o Sindicato recomendou a greve, que foi imediatamente acatada pela base".

"O Exército realizou ontem uma verdadeira operação de guerra, para pôr fim à greve dos metalúrgicos da CSN, em Volta Redonda, que já durava dois dias, causando um prejuízo de quase Cz\$ 2 bilhões. Um efetivo de três mil soldados, 26 caminhões, quatro carros de combate **Urutu** e 18 jipes ocupou as instalações da CSN por volta de duas horas de madrugada, quando cerca de dois mil trabalhadores estavam no pátio da companhia. As tropas armadas de baioneta entraram pelo portão principal apreenderam carros de som do Sindicato dos Metalúrgicos e expulsaram os grevistas. Colombo Vieira de Souza, diretor do sindicato, disse que a categoria decidiu voltar ao trabalho para não sofrer a humilhação de ser levada à força ao trabalho e não ser responsabilizada pelos estragos que poderiam sofrer os altos fornos da siderúrgica, funcionando sem a presença de pessoal habilitado para operá-los. (...) Foi, segundo uma fonte da CSN, o coronel Orlando Ferreira da Mota, comandante do 22º Batalhão de Infantaria e de toda a operação, quem convenceu o presidente do sindicato a suspender a greve, dizendo-lhe, em uma conversa informal, que os soldados estavam preparados para o combate e que cabia a ele, Juarez, evitar o confronto. A greve acabou e soldados foram embora depois do meio-dia"¹³¹.

A conversa *informal* significou, na realidade, a ameaça feita de forma restrita, mas incisiva. *Combate* era a palavra que, efetivamente, melhor expressava a disposição do governo federal, via aparelho militar, para o tratamento do nível de mobilização e organização que os operários da CSN vinham construindo. *Combate* que, em novembro daquele ano, extrapolou o âmbito restrito de uma conversa informal para ganhar concretude bélica.

Relevante ressaltar que a preocupação com o funcionamento dos altos-fornos esteve presente na decisão de encerrar a greve. Sem um esquema ágil para o revezamento na manutenção desse equipamento, os trabalhadores somaram ao receio de um combate com o exército tal preocupação naquele momento.

¹³¹ Jornal do Brasil, 30 de maio de 1988.

Veremos, adiante, que a agilidade de uma programação para a manutenção dos altos-fornos foi conseguida na greve de novembro de 1988.

A avaliação que a diretoria do Sindicato fez da greve foi veiculada também por boletim:

"Foram 65 horas de greve na CSN/FEM e Empreiteiras. Nunca os trabalhadores pensaram que aprenderiam tanto. Foi uma lição de vida. Aprendemos que o governo Sarney, o governo do PMDB, do PFL, que o Moreira Franco, a diretoria da CSN e os chefetes da usina escolheram um lado para defender: o capital, as forças armadas, a repressão aos trabalhadores, o arrocho salarial. Do outro lado ficamos nós, **os trabalhadores**. Não pedimos nada demais. Queremos um salário digno para sobreviver e o reconhecimento das nossas justas reivindicações como a reintegração dos demitidos e a entrada da Diretoria na usina. Eles negaram. Nós lutamos. Para acabar com a nossa greve, o presidente Sarney precisou invadir a CSN sob o comando do II Exército com a conivência passiva do Juvenal, presidente da CSN. É mais uma prova que este regime capitalista está podre e não serve aos trabalhadores. Na assembleia em que os trabalhadores votaram o final da greve foi aprovado: **NÃO ASSINAR O ACORDO E CONTINUAR A LUTA, PREPARANDO A GREVE DE UM DIA PARA A DATA DO JULGAMENTO DO TRT**. É justamente isso que os trabalhadores da CSN, da FEM e das Empreiteiras estão convocados a realizar junto com o seu Sindicato"¹³².

A forma com que os trabalhadores percebiam o governo e o Exército foi sofrendo um processo de mudança. O clima, já insuportável pela grande repressão no interior da usina, agravava-se pela hostilidade produzida pelo Exército e pela intransigência governamental.

O dissídio foi julgado, com a declaração da ilegalidade da greve. O TRT estabeleceu 39,65% de Reposição, mais 4% de Produtividade. Porém, para a diretoria do Sindicato a maior conquista, proveniente da greve, foi a *auto-*

¹³² Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº 357. 30 de maio de 1988.

afirmação da categoria, segundo a qual a categoria obteve o respeito por ter assumido o controle da usina nos dias de greve. Este sentimento, nascido de uma dura mas rica experiência, iria ganhar dimensões maiores na greve de novembro de 1988.

*A greve de novembro de 1988*¹³³

Esse quadro crescente de arrocho salarial, de insatisfação com a política de perseguição às lideranças e repressão à organização dos operários, de acúmulo de experiência e mesmo de indignação que os operários acabaram de viver, na campanha salarial de 1988, foi o preâmbulo da greve de novembro de 1988.

A greve na CSN necessariamente significava explosão latente. Usina de capital produtivo estatal de importância singular para a acumulação capitalista, complexo industrial explosivo, área considerada de segurança nacional e cotidiano fabril impregnado de relações despóticas compunham o cenário em que o calor propagado não advinha apenas dos equipamentos e instalações, pois também era produzido pelo clima opressivo, militarizado, sobre os operários.

O turno de 6 horas era uma reivindicação central dos operários da CSN. A centralidade da luta pelo turno de 6 horas era a própria expressão da luta contra a jornada de trabalho extenuante, dadas as condições existentes em uma siderúrgica. A implantação do turno de 6 horas era vista como a principal medida para se acabar com o sistema de revezamento de turnos, particularmente hostil e danoso aos operários da CSN¹³⁴.

¹³³ No Anexo 6 apresentamos uma Cronologia da Greve.

¹³⁴ Um trabalhador da CSN retrata o quadro que se pretendia mudar com a adoção do turno de 6 horas: "O grande detalhe do turno é o seguinte: quando o operário está de zero-hora, pega à meia-noite e sai às 8h. Chega em casa bombardeado, vai dormir, acorda ali pelas 15h e vai jantar. No hora da janta, ele não está com fome, depois sai e vai pegar no pesado. Chega no zero-hora; como o organismo está acordado, lá pelas 2h está com fome, toma uma sopa, faz um lanche qualquer; aquilo está sendo o seu almoço. E o almoço propriamente, lá pelas 15h; a hora em que ele foi comer depois de dormir é que foi a janta. Então ele troca o fuso horário: em vez de dormir à noite, dorme de dia; em vez de almoçar durante o dia, almoça à noite. Quando volta ao 8/16h, quer normalizar aquela função do seu organismo, e não adianta. O homem não é cachorro, o homem se regula; com uma semana o seu organismo se adaptaou àquela rotina. Acabou aquilo, na outra semana ele pega às 16h e sai zero hora. Aí o que acontece? Ele almoça,

Pelas características de produção com a manutenção do trabalho ininterrupto, os setores siderúrgico, plástico, eletricitário, telefônico e vidreiro abrangem, quase que sem exceção, indústrias com turnos de 8 horas. A Petrobrás constitui exceção desde a década de 60, pois implantou, na unidade de Cubatão, a jornada de 6 horas. No caso da CSN, o ambiente de trabalho acentuava ainda mais os aspectos negativos do trabalho em turnos de revezamento, tais como:

- desorganização do ciclo biológico, com a alternância freqüente (semanal) de seus horários de sono, vigília, alimentação, metabolismo gástrico;
- redução da capacidade de recuperação do desgaste físico e mental;
- diminuição da segurança do trabalho, com conseqüente elevação dos riscos de acidentes, devido ao acúmulo de cansaço;
- dificuldades de organização da vida privada, com graves prejuízos para o convívio familiar e para outras atividades.

A luta pela implantação do turno de 6 horas também significava uma perspectiva de geração de empregos e de ganho salarial, uma vez que a manutenção dos equipamentos em funcionamento por vinte e quatro horas, com a fixação dos turnos em 6 horas/dia, seria impossível com apenas quatro equipes de trabalho se revezando. Haveria a necessidade de uma quinta equipe, para que uma pudesse folgar. Como a relação entre 8 e 6 horas é igual a 1,3333, a redução da jornada de trabalho para 6 horas dia obrigaria a uma elevação do salário-hora em 1/3, ou seja, 33,33%, a fim de que não ficasse caracterizada a redução salarial.

O boletim do Sindicato divulgava o sentido desta que havia sido uma conquista assegurada pela pressão popular e sindical na Assembléia Nacional Constituinte:

sai pra o serviço, janta e chega em casa por volta de 1h. faz um lanche porque não comeu mais nada depois do jantar (19). Então, trocou o ciclo novamente. Quanto entra 2 dias de folga há outra quebra na rotina. Vai almoçar e jantar no horário normal de sua casa, e não vai dormir à noite, porque o sono não vem, o sono só vem durante o dia; o organismo se acostumou seis, sete dias com aquilo, e aí interrompeu. É uma agressão das piores esta questão do turno. (...) Não existe serviço bom para quem produz numa siderúrgica", VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 28.

"Quanto ao TURNO DE 6 HORAS, vamos analisar o valor social que ele representa: são mais de 2.400 pais de família empregados, o que quer dizer aproximadamente 9.600 pessoas beneficiadas, tomando como base uma família de 4 pessoas. Vamos também analisar o tempo que teremos fora desta empresa: um trabalhador da CSN com 40 anos de idade parece que já tem 50. É isto o que queremos para nós? Com o TURNO DE 6 HORAS há uma possibilidade de crescimento cultural muito maior. Teremos mais tempo para estudar e para o lazer. Vamos pensar mais em nós sim, mas com este entendimento";

A reintegração dos dispensados, por causa da participação em greve, era colocada claramente:

"Vamos pensar naqueles companheiros que foram demitidos pela luta e que estão hoje desempregados e agora foram **anistiados**. Esta ANISTIA É LEI e tem que ser cumprida, tanto na FEM como na CSN"¹³⁵.

Reuniões no Sindicato, assembléias setoriais e por turnos da CSN vinham sendo realizadas quase que diariamente, com o objetivo de repercutir as avaliações que a diretoria do Sindicato fazia sobre os problemas mais significativos sentidos pela categoria.

A CSN respondia à crescente mobilização com medidas objetivando desgastar a imagem do Sindicato junto dos operários. Nesse sentido, churrascos foram promovidos como pretexto para um intenso trabalho de persuasão quanto à ineficácia da participação sindical. Além disso, a diretoria da usina resolveu colocar cercas, em alguns pontos do perímetro da empresa, como providência preventiva a eventuais tentativas de fuga do trabalho. Essa última atitude ampliou, sobremaneira, a revolta dos operários.

No dia 01 de novembro, o boletim convocava para assembléia para a sexta-feira, dia 04 de novembro. Nesse boletim, a diretoria do Sindicato encaminhava a discussão sobre as alternativas para o movimento:

¹³⁵ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº 442, 13 de outubro de 1988.

"Se você acha que a coisa não pode continuar como está, discuta uma destas propostas: A) **Parar um departamento**; isto significa ter muito bom senso para ver que departamento causaria mais transtornos para a usina e estaria mobilizado o suficiente para parar. Pense nisto e discuta; B) **Parar CSN/FEM por meio dia**; isto significa uma certa organização dos companheiros para que a paralisação seja total e disciplinada. Pense bem no que uma paralisação desta significa para nossa organização; C) **Parar CSN/FEM por um dia**; além de tal paralisação representar um prejuízo para a CSN que já daria para pagar nossos salários, isto exige de nós bastante organização por departamento; D) **Parar CSN/FEM até arrancar o que é nosso**; para tomarmos esta posição temos que estar bem certos do que queremos. É necessário que **todos** estejam na luta!"¹³⁶.

A pauta de reivindicações, aprovada a partir das assembleias setoriais, era composta por estes pontos¹³⁷:

- 1) **pagamento de 17,68% relativos à URP de julho;**
- 2) **pagamento dos 26,06% do Plano Bresser;**
- 3) **implantação do turno de 6 horas**¹³⁸;
- 4) **readmissão dos demitidos por motivo de greve;**
- 5) **fim da repressão por parte da direção e chefias da CSN.**

Nitidamente a pauta buscava combater o arrocho salarial e o despotismo fabril, além de exigir o cumprimento de um direito assegurado pela Constituição que, diga-se de passagem, sequer carecia de lei complementar, uma vez que sua aplicabilidade era imediata. Podemos dizer que, do ponto de vista das reivindicações, essa greve se apresentou como sendo uma **greve de cobrança**, buscando, efetivamente, em dois itens ("1" e "2") fazer valer os mecanismos que garantiriam o poder aquisitivo dos salários; de outro lado, a observância de

¹³⁶ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº 452. 01 de novembro de 1988.

¹³⁷ Os 26,06% de reajuste, relativos às perdas do Plano Bresser, já haviam sido concedidos a alguns trabalhadores, tanto do setor privado quanto do setor público, como foram os casos dos bancários do Banco do Brasil e dos empregados da Vale do Rio Doce, cf. MANGABEIRA, W., op. cit., p. 137.

¹³⁸ A implantação do turno de 6 horas foi uma conquista dos trabalhadores na Assembleia Nacional Constituinte. Tal conquista entrou em vigor em 05/10/88, com a promulgação da Constituição Federal, conforme o previsto no artigo 6, inciso XIV.

dispositivo constitucional era objeto do item "3", cabendo aos demais pontos a resistência contra arbitrariedades e manifestações despóticas.

A empresa recebeu esta pauta com total descaso. Com isso, no dia 4 de novembro (sexta-feira) foi aprovada a proposta de greve, em uma assembléia que reuniu mais de 12 mil trabalhadores (número muito expressivo, pois a média de participação oscilava entre 3 mil e 4 mil), porém com início programado para o dia 7 (segunda-feira), em função de haver mais tempo para a preparação e de, com isso, neutralizar a pressão que a empresa exerceria no final-de-semana, caso se iniciasse a greve na própria sexta-feira.

O eixo fundamental presente na causalidade dessa greve foi a luta contra o arrocho salarial em que estavam vivendo os operários siderúrgicos. À característica primeira do capitalismo no Brasil (aumento da extração da mais-valia prioritariamente através da sua modalidade absoluta, aliado à remuneração da força de trabalho, via de regra, aquém do seu valor de troca), os trabalhadores da CSN recorreram à greve como instrumento de luta para lhe fazer frente. O aviltamento salarial, a intensificação do ritmo de trabalho e o despotismo fabril passavam a ser, através da greve, enfrentados com firme resistência.

A ênfase da greve de novembro - a exemplo do que se dava com o conjunto do movimento sindical brasileiro no período - estava na luta pela reposição salarial, em meio a um quadro inflacionário acentuado, como já dissemos acima. Isso representou (como, de resto, representa sempre) um dilema para os trabalhadores. De um lado, a manutenção de patamares salariais minimamente aceitáveis consumia grandes esforços organizativos e de mobilização dos trabalhadores e suas formas de luta e não empreendê-los significaria ficar no limiar da sobrevivência. *A luta econômica impôs-se irrefutavelmente.* Por sua vez, a absorção que esse embate faz das experiências e dos instrumentos coletivos dos operários acaba, em grande medida, empurrando-os a uma constante retomada das mesmas reivindicações, exatamente porque se

luta contra os efeitos, e não contra as causas. Marx, a respeito, sintetizou bem o limite da luta sindical, quanto esta se atém ao plano imediato:

"... a classe operária não deve exagerar a seus próprios olhos o resultado final destas lutas diárias. Não deve esquecer-se de que luta contra os efeitos, mas não contra as causas desses efeitos; que logra conter o movimento descendente, mas não fazê-lo mudar de direção; que aplica paliativos, mas não cura a enfermidade. Não deve, portanto, deixar-se absorver exclusivamente por essas inevitáveis lutas de guerrilhas, provocadas continuamente pelos abusos incessantes do capital ou pela flutuações do mercado. (...) Os sindicatos trabalham bem como centro de resistência contra as usurpações do capital. Falham em alguns casos, por usar pouco inteligentemente a sua força. Mas, são deficientes, de modo geral, por se limitarem a a uma luta de guerrilhas contra os efeitos do sistema existente, em lugar de ao mesmo tempo se esforçarem para mudá-lo, em lugar de empregarem suas forças organizadas como alavanca para a emancipação final da classe operária, isto é, para a abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado"¹³⁹.

O fato da CSN ser, à época, uma empresa estatal e de seus diretores, inclusive o presidente, portanto, não serem seus proprietários, não altera a realidade fundamental, qual seja, a de que os seus operários e demais trabalhadores produziam valor, e o faziam em um *quantum* superior àquele que remunerava sua força de trabalho¹⁴⁰. Neste contexto, negligenciar a luta econômica não seria possível¹⁴¹. Por outro lado, ater-se exclusivamente a ela

¹³⁹ MARX, K., "Salário, Preço e Lucro", , In *Obras Escolhidas V. 1*, pp. 377-378.

¹⁴⁰ Os tecnocratas e burocratas que respondem pela direção de empresas estatais são, na verdade, o que João Bernardo denomina de *gestores* definidos como "... uma classe exploradora no interior de uma estrutura específica de exploração: a extorsão de mais-valia. Não partilho, nem as teses que concebem os gestores como uma classe pós-capitalista, nem as análises formais da burocracia enquanto agente do funcionamento de instituições consideradas supra-históricas". BERNARDO, J., "Gestores, Estado e Capitalismo de Estado", p. 85, In *Ensaio 14*, 1985. A questão acerca da caracterização da tecnoburocracia que dirige empresas estatais é polêmica. Entretanto, parece-nos que ao menos em um aspecto - precisamente o relevante para o presente estudo - é possível assimilar a indicação de João Bernardo: a extração do sobre-trabalho, na forma mais-valia, permanece nos casos dessas empresas. Ainda mais na CSN, unidade produtiva vital para a acumulação de capital no segmento industrial brasileiro. Cf., sobre o tema, BERNARDO, J., *Economia dos Conflitos Sociais*, São Paulo, Cortez, 1991.

¹⁴¹ Também aqui é iluminador recorrer a MARX: "... as lutas da classe operária em torno do padrão de salários são episódios inseparáveis de todo o sistema de salariado (...) Se em seus conflitos diários com o

representaria inviabilizar embates mais decisivos contra os nexos mais mediatos da inserção dos trabalhadores na sociabilidade capitalista.

Reconhecer que o eixo da greve em questão foi econômico, não significa, absolutamente, negar a rica e tensa articulação com a dimensão política¹⁴². Até porque aquela greve se deu enquanto confronto com a política econômico-salarial

capital cedessem covardemente. ficariam os operários, por certo, desclassificados para empreender outros movimentos de maior envergadura". In MARX, K., *Salário, Preço e Lucro*, p. 377.

¹⁴² As contribuições marxianas e de marxistas sobre as dimensões econômica e política das greves são decisivas. Marx entendia que "... o movimento político da classe operária tem como objetivo final a conquista do Poder político para a classe operária; é necessária, naturalmente, para alcançar esse objetivo, uma organização prévia da classe operária, surgida de sua própria luta econômica e que tenha alcançado certo nível de desenvolvimento, mas, por outro lado, todo movimento de que a classe operária participe como classe contra as classes dominantes (...) é um movimento político. Por exemplo: a tentativa de, por meio de greves, obrigar capitalistas isolados a reduzirem a jornada de trabalho, em determinada fábrica ou ramo de indústria, é um movimento puramente econômico; ao contrário, o movimento que imponha como lei a jornada de oito horas, etc., é um movimento político. Assim, portanto, dos movimentos econômicos isolados dos operários, nasce um movimento político, isto é, um movimento da classe, tendo por objetivo conquistar a satisfação dos seus interesses de uma forma geral, uma forma que seja válida para o conjunto da sociedade", MARX, K., "Carta a Bolte", In *Obras Escolhidas* V. 3, p. 266. Em Lênin, a questão se coloca de forma a criticar os sindicatos que se limitem aos aspectos econômicos, uma vez que "... a luta de classes deve abarcar, necessariamente, a luta política e a econômica"; "nenhuma luta econômica pode trazer aos operários uma melhoria estável, nem sequer pode ser levada a cabo em grande escala, se os operários não têm o direito de organizar livremente suas assembleias e seus sindicatos, de editar jornais próprios, de enviar mandatários às instituições representativas do povo (...). E, para obter esses direitos, é necessário levar a cabo uma luta política. Toda luta econômica transforma-se necessariamente numa luta política e a social-democracia deve sempre fundir as duas numa luta única de classe do proletariado...", In LENIN, V., *Sobre os Sindicatos*, 36-37 e 40. No fragmento *Análise de situações/Relações de Força*, Gramsci distingue momentos que devem ser levados em conta para se obter uma adequada análise das forças que agem historicamente em um dado período. Entre o primeiro (definido como o grau do desenvolvimento das forças materiais de produção) e o terceiro (caracterizado como o concernente às relações das forças militares e técnico-militares) há um que nos interessa em particular. Trata-se daquele mais vinculado à relação das forças políticas, "a avaliação do grau de homogeneidade, de autoconsciência e de organização alcançado pelos vários grupos sociais. Por sua vez, este momento pode ser analisado e diferenciado em vários graus (...). O primeiro e mais elementar é o econômico-corporativo: um comerciante sente que *deve* ser solidário com outro comerciante, etc., mas o comerciante não se sente ainda solidário com o fabricante. Assim, sente-se a unidade homogênea do grupo profissional e o dever de organizá-la, mas não ainda a unidade do grupo social mais amplo. Um segundo momento é aquele em que se adquire a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mas ainda no campo meramente econômico. Neste momento já se coloca a questão do Estado, mas apenas visando a alcançar uma igualdade político-jurídica com os grupos dominantes: reivindica-se o direito de participar da legislação e da administração e, talvez de modificá-las, reformá-las, mas nos quadros fundamentais já existentes. Um terceiro momento é aquele em que se adquire a consciência de que os próprios interesses corporativos, no seu desenvolvimento atual e futuro, superam o círculo corporativo, de grupo meramente econômico, e podem e devem tornar-se os interesses de outros grupos subordinados. Esta é a fase mais abertamente política, que assinala a passagem nítida da estrutura para a esfera das superestruturas complexas; é a fase em que as ideologias germinadas anteriormente se transformam em 'partido', entram em choque e lutam até que uma delas, ou pelo menos uma combinação delas, tende a prevalecer, a se impor, a se irradiar em toda a área social, determinando, além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral", In GRAMSCI, A., *Maquiavel, A Política e o Estado Moderno*, pp. 49-50.

de incremento da inflação e de legislação arrochante, com a prática governamental de desrespeitar o estabelecido na própria esfera jurídica (no caso da implantação do turno de 6 horas), com as medidas adotadas pela CSN, adotadas no sentido de quebrar a organização dos trabalhadores, e, conforme veremos mais à frente, com o aparato militar do Estado. Se ainda na sua causalidade as dimensões econômica e política estiveram presentes, foi na sua processualidade que tal imbricação aflorou com maior vigor. A análise das repercussões e os contornos que o confronto assumiu, e que faremos a seguir, sustenta esta afirmação.

Havia, desde a decisão pela greve, a avaliação de que o Exército, pela sexta vez, invadiria a CSN. Entretanto, agora "resistir era a palavra de ordem"¹⁴³. Cerca de 10 mil operários declararam-se em assembléia permanente no pátio central da usina. Esse ânimo expressava, de um lado, o acúmulo de indignação a que estavam submetidos os operários e, de outro lado, o avanço organizativo, obtido graças à somatória do trabalho do sindicato com o das comissões de fábrica.

Aliás, o avanço na organização era tal que a greve, inicialmente prevista para iniciar às 17h30, começou no turno da manhã e contou com rápida adesão, inclusive de alguns engenheiros:

"o pessoal da FEM pegava o boletim, passava direto e ia para a fábrica. Os diretores ficaram no serviço de ponto conversando com os operários da laminação junto com mais uns companheiros da CSN. Quando chegaram na FEM já estava tudo parado, os operários de roupa trocada, vieram se juntar ao pessoal da laminação (...). Abrimos o portão da grade em frente à passagem e entramos empurrando o caminhão de som do sindicato para dentro da usina. Éramos, aproximadamente, de 3 mil a 4 mil homens. Houve alguns incidentes com a guarda da empresa, que não queria deixar que entrássemos, mas nada sério. Foi nesta hora que a empresa se deu conta de que a greve havia começado (...).

¹⁴³ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 81.

Estávamos negociando a parada e paramos, não precisou de arrastão (...). Descemos para acabar de fazer a paralisação, mas as coisas aconteceram com tal facilidade que quando chegávamos nas áreas a maioria já tinha parado"¹⁴⁴.

O depoimento de um diretor sindical, Isaque Fonseca, nos permite perceber os momentos que antecederam o começo do movimento. Esses momentos se apresentam como indicador da disposição que os trabalhadores tinham acumulado para iniciar a greve: "No movimento de novembro a organização dentro da usina está ferrenha. A própria direção do sindicato, no entanto, ainda não sabia avaliar direito o nível desta organização e a sua força. A bem da verdade, quem começou o movimento foi a arigozada. O movimento começou mesmo nas portas da fábrica. A gente entregando boletim e o operário passando e dizendo: '*Chega de papel, cadê os 26%? Vem cá, meu irmão, vocês tem que fazer alguma coisa que a situação está braba. E o turno de 6 horas, como é que fica? Quanto é que vocês estão levando nisso aí? E o Plano Bresser, os nossos 26%, para onde foram?*' O papo era assim nas portas das fábricas, o operário cobrando uma decisão da direção do sindicato. Nós fizemos uma reunião e falamos: - Temos que dar um jeito, temos que encampar essa luta e botar o bloco na rua, vamos fazer assembléias setorizadas. Começamos a trabalhar o movimento e os operários imprensando a gente, e com toda a razão. O nível de politização da peãozada em Volta Redonda é bastante elevado (...). O operário tem que entender de economia e de política. E o movimento sindical dos metalúrgicos de Volta Redonda é político, como tem que ser todo o movimento sindical..."¹⁴⁵.

Neste ponto, queremos avançar na análise de uma dimensão essencial dessa greve. O movimento foi deflagrado mais por uma *espontaneidade* dos próprios trabalhadores ou por uma *direção previamente construída*? Em outras

¹⁴⁴ Ibid., p. 83.

¹⁴⁵ Ibid., pp. 78-79.

palavras, a iniciativa da greve coube ao elemento espontâneo ou ao elemento de direção ?

O debate sobre espontaneidade e direção nas greves remonta a Lênin, Rosa Luxemburgo e Gramsci¹⁴⁶. Para este último, os elementos espontâneos (**movimentos espontâneos**) são

"os que não são devidos a uma atividade educadora sistemática por parte de um grupo dirigente já consciente, mas formadas através da experiência cotidiana iluminada pelo senso comum, ou seja, pela concepção tradicional popular do mundo, coisa que muito vulgarmente se chama 'instinto' e que não é senão também uma aquisição primitiva e elementar"¹⁴⁷.

Assim, Gramsci vê nos movimentos espontâneos uma base concreta (experiência cotidiana) e uma forma embrionária (primitiva e elementar), mas que, pela ausência de um *grupo dirigente já consciente*, tais movimentos tendem a se prender ao imediato. A espontaneidade em uma greve revela uma consciência embrionária, capaz, portanto, de avançar no sentido do elemento consciente; já o espontaneísmo é um procedimento em que há uma apologia - prático/discursiva - da espontaneidade, obstruindo, desta maneira, a dialeticidade *elemento espontâneo/elemento consciente*.

Há uma relação dialética entre o elemento consciente e o elemento espontâneo, onde este último supera-se a si mesmo na direção daquele outro, mediante a análise científica da realidade, que busca a intelecção da totalidade, da globalidade, do regime capitalista, através do desvendamento dos nexos determinantes do real.

Destarte, a greve espontânea é aquela que nasce sem a elaboração prévia do elemento de direção, sendo, antes, resultado direto da cotidianidade da classe trabalhadora, donde segue que ela (a greve espontânea) tende a se vincular`aquilo

¹⁴⁶ cf. LUXEMBURGO, R., *Greve de massas, partido e sindicatos*; LENIN, V., *Sobre os Sindicatos*.

¹⁴⁷ GRAMSCI, A., "Espontaneidad y Dirección Conciente", In *Antonio Gramsci: Antologia*, p. 311.

que é mais imediato (não plenamente percebido como a síntese de diversas determinações).

Porém, não trabalhamos com estas categorias em uma perspectiva típico-ideal. A dialeticidade dos contornos que uma greve pode tomar não nos permite entender a espontaneidade e a ação com direção político-sindical, enquanto canais estanques. Ao contrário, uma greve iniciada com forte influência, ou determinação, espontânea, pode, em sua processualidade, atingir outros níveis/abrangências, onde aquela direção se apresenta como o elemento articulador do movimento, quer para avanços possíveis e desejáveis em dada correlação de forças, quer para defender o término da greve, mediante avaliações que por isso concluem¹⁴⁸.

No caso da greve de novembro de 1988 na CSN, como se deu a relação entre espontaneidade e direção?

No depoimento de Isaque Fonseca, acima mencionado, há uma aparente confusão: *"No movimento de novembro a organização dentro da usina está ferrenha. A própria direção do sindicato, no entanto, ainda não sabia avaliar direito o nível desta organização e a sua força. A bem da verdade, quem começou o movimento foi a arigozada. O movimento começou nas portas da fábrica"*.

Já os depoimentos colhidos em nossa pesquisa são mais incisivos, quanto ao papel da organização prévia:

- *"Foi um pouco de tudo, mas valeu mais a organização dos trabalhadores dentro da fábrica, porque nós começamos a organizar as bases (teve as bases lá dentro). Eu e mais um pessoal fundamos a organização de base da SOM. Nós*

¹⁴⁸ Em GRAMSCI, A., "Espontaneidad y Dirección Consciente", op. cit., pp. 85-91 e 310-311, a análise sobre o movimento dos operários de Turim, iniciado em abril de 1920, permite a síntese da rica e complexa articulação que se dá entre espontaneidade e elemento consciente: "... o elemento de 'espontaneidade' não foi descurado e muito menos desprezado: foi educado, orientado, depurado de todo elemento estranho que poderia corrompê-lo, par torná-lo homogêneo, porém de um modo vivo e historicamente eficaz, com a teoria moderna (...). Esta unidade de *espontaneidade* e da *direção consciente*, ou seja a *disciplina*, é precisamente a ação política real das classes subalternas enquanto política de massas e não simples aventura de grupos que se limitam a apelar para as massas".

fazíamos reuniões separadas. Ai depois nós começamos a fazer reunião em conjunto com todas as bases da CSN, sem a diretoria do Sindicato. Depois que estavam organizadas essas bases, nós convidamos a diretoria do Sindicato a participar. Quando a greve de 88 estourou, entendeu, nós já estávamos todos organizados lá dentro, então quando foi para estourar a greve de 88 nós entramos para dentro da usina, eu e mais uma turma de uns vinte. Nós entramos umas 4hs00 da madrugada para dentro da usina. Quando a diretoria, o Juarez entrou 9hs30 da manhã, pela passagem superior, a usina já estava toda parada. Porque a base, com mais alguns diretores que entraram nesse horário, 4hs00, parou a usina todinha"¹⁴⁹ ;

- "... não havia espontaneidade nenhuma. Havia uma organização dos trabalhadores e essa organização vem de 1983. Essa organização era um pouco da ação do Sindicato e um pouco das comissões internas. Nós tínhamos um grupo de ativistas que participavam das reuniões e assembléias do Sindicato e isso era permanente. E também fruto da própria diretoria do Sindicato. Era um conjunto de atos e fatos levados pelo movimento sindical desde 83"¹⁵⁰ ;

- "Como a entrada da diretoria dentro da usina foi brecada, as próprias comissões fizeram os trabalhos dentro da usina. Quatro ou cinco comissões, uma em cada setor da usina. Quando a gente resolveu que ia mesmo parar a usina, foi mais uma estratégia para antes do horário marcado na assembléia para não haver repressão das chefias em cima dos trabalhadores até o início da greve. Então foi essa a estratégia nossa. Cada comissão dentro da usina foi se organizando nos departamentos e parando aquele pessoal do seu setor, até se juntar. Quando foi 8hs00 a CSN já estava parada e aí a diretoria, pelo lado de fora, segurou o pessoal da manhã e entrou junto com esse pessoal e assim fizemos a greve de ocupação naquele momento"¹⁵¹ .

¹⁴⁹ Entrevista com ativista sindical.

¹⁵⁰ Entrevista com o advogado do Sindicato, João Nery Campanário.

¹⁵¹ Entrevista com Carlos Máximo Barbosa, operário.

A greve que analisamos contou com uma organização anterior, aquela representada pelas comissões de fábrica. A proposta de se investir resolutamente na organização interna dos trabalhadores foi a principal bandeira dos grupos de esquerda e, mais ainda, da militância com origem na Teologia da Libertação, cujas maiores expressões no interior da diretoria do Sindicato eram o Wanderlei e o Wagner Barcelos. Relatos de operários de base e ativistas da época afirmam que coube ao Wagner a tarefa de consolidar as comissões¹⁵².

Quando, a partir da repressão que a CSN intensificou em 1987, os dirigentes sindicais e as lideranças intermediárias foram demitidas da usina, a organização de base, reunindo seis comissões, deu seqüência ao trabalho de informação e mobilização dos trabalhadores. Isto foi fundamental para que a resposta dos trabalhadores, ao quadro recessivo e de desrespeito ao estabelecido em dispositivos legais, acontecesse de forma a canalizar a rebeldia para um movimento planejado previamente e deliberado com muita estratégia.

A diretoria do Sindicato, de fato, não possuía uma avaliação precisa do nível de organização interna. Tanto que, mediante o início da greve ter se dado com um turno de antecedência, ela se surpreendeu. Porém, a paralisação começou ainda pela manhã exatamente por uma tática propagada pelas comissões de base.

Se a espontaneidade foi o fator que exigiu da diretoria do Sindicato, nas portas da CSN, todo o processo de discussão que culminou na aprovação da greve, à organização interna deve ser atribuído aquilo que Gramsci denominou de *disciplina* (unidade articulada da espontaneidade com elementos de direção consciente), condição que garantiu, ao movimento de novembro/88 dos operários da CSN, uma ação de massas, e não uma aventura. Os elementos de direção consciente, na deflagração da greve, manifestaram-se pelo trabalho das lideranças

¹⁵² Aliás, das principais vertentes que confluíram para o surgimento da Central Única dos Trabalhadores (grupos de esquerda de orientação trotskista, *sindicalistas autênticos* e militantes oriundos da Igreja progressista) as oposições sindicais foram as que mais se empenharam pela organização de base, com a efetiva participação dos militantes da esquerda católica.

intermediárias, através das comissões de fábrica, que agiam, obviamente, na clandestinidade, ao que se agregou, a partir das assembleias preparatórias e de aprovação da greve, a diretoria do Sindicato. Este depoimento, dado por um militante das comissões na CSN, não deixa dúvidas quanto ao que estamos sustentando:

"Naquela época a gente tinha uma organização muito grande, que era a organização de base. A gente se organizava dentro da fábrica através de grupos. Se um grupo não conhecia o outro, a gente se comunicava através de *aviõezinhos de papel*. Tudo foi começando assim. Nós procuramos dividir a empresa por setores, ficando cada setor com tal e tal ativista que garantiriam a paralisação. Dias antes da greve, em cada setor havia ativistas que faziam reuniões com os trabalhadores, durante o horário de almoço, procurando conscientizar o trabalhador sobre o direito que ele tinha, o direito de greve que ele tinha, o direito de reivindicar salário, reivindicar melhoria de emprego dentro da CSN. E foi isso que nós procuramos fazer. Foi uma greve que quando a empresa divulgou que pagaria para ver se os trabalhadores parariam, acabou vendo. Porque a organização era muito grande. Eram cursos e mais cursos de formação política que o nosso Sindicato dava para os trabalhadores. E os trabalhadores se sentiram no direito de greve naquele momento".

Em síntese, as comissões autônomas foram os principais canais, no período que se seguiu às demissões dos dirigentes sindicais (agosto de 1987), para a gestação de um *ardor combativo* nos trabalhadores, que, pela própria cotidianidade, já possuíam o terreno para a emergência da rebeldia¹⁵³.

¹⁵³ A expressão *ardor combativo* foi utilizada por Gramsci ao abordar a relação entre crises históricas e crises econômicas. Refutando o viés economicista, em que as últimas inevitavelmente produzem aquelas, Gramsci diz que "... pode-se excluir que, de per si, as crises econômicas imediatas produzam acontecimentos fundamentais; apenas podem criar um terreno favorável à difusão de determinadas maneiras de pensar, de formular e resolver as questões que envolvem todo o curso ulterior da vida estatal. (...) O elemento decisivo de cada situação é a força permanente organizada e antecipadamente predisposta, que se pode fazer avançar quando se manifestar uma situação favorável (e só é favorável na medida em que esta força exista e esteja carregada de ardor combativo). Por isso, a tarefa essencial consiste em cuidar sistemática e pacientemente da formação, do desenvolvimento, da unidade compacta e consciente de si mesma, desta força", In GRAMSCI, A., *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*, pp. 52-54. Com o devido cuidado para não identificarmos o objeto dessa reflexão gramsciana com o que

A preocupação, por parte dos operários, em preservar os setores essenciais da usina, com seus respectivos equipamentos, sempre esteve presente:

"dentro da usina havia aproximadamente 15 mil operários. No pátio da SOM formamos os piquetes para que ninguém saísse da usina. Começamos o processo de carga especial para abafar os fornos e ficamos ali com tranquilidade. Na opção de abafar os altos-fornos e não os desligar, já demonstrávamos, aliás como sempre, a nossa preocupação com a usina, pois se tivéssemos desligado os altos-fornos 1 e 3 as perdas seriam irreparáveis"¹⁵⁴.

Ao contrário do que o Exército e o Governo Federal divulgaram, o patrimônio da CSN não estava ameaçado pela greve. Como veremos, os danos causados a esse patrimônio foram provocados pela invasão do Exército.

A Polícia Militar já agiu no sentido do acirramento dos ânimos, tentando impedir a entrada de diretores do sindicato: "... houve conflito, no pátio da fábrica, entre grevistas e soldados da PM"¹⁵⁵. Mas, a vinda das tropas militares, respaldada por um mandado de manutenção de posse, expedido pelo juiz da 3ª Vara Cível de Volta Redonda, Dr. Moisés Cohen, fazia os operários pressentirem o que começava a se desenhar. Neste primeiro dia, o Exército apenas passou e foi embora. A diretoria da CSN apostava que os operários seriam vencidos pelo cansaço.

O cinismo do presidente da CSN, Juvenal Osório Gomes, retratava bem o descaso com que a usina pretendia encarar a greve:

"... Juvenal Osório Gomes alega que não há clima para negociar com os grevistas.

'Eles ainda estão muito eufóricos. Vamos usar a tática de vencê-los pelo cansaço'.

discutimos aqui, entendemos ser possível dizer que houve uma preparação anterior à greve de novembro/88, o que explica tanto o grau de adesão, quanto o nível de estratégia e mobilização com que ela foi iniciada. Os desdobramentos, sabidamente explosivos, corresponderam a uma reação dos operários diante da truculência do Exército.

¹⁵⁴ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 84. Como já dissemos anteriormente, SOM significa Superintendência de Oficinas Mecânicas, um dos galpões da usina, em cujo pátio se realizavam as principais mobilizações, exatamente em função das suas dimensões serem suficientes para isso.

¹⁵⁵ O Globo, 08 de novembro de 1988.

(...) Juvenal Osório garante que o ambiente é calmo na siderúrgica - local que abriga os grevistas e também toda a direção da CSN - e que possivelmente as negociações terão início hoje. 'A prática nos ensinou que depois de 48 horas eles cansam e caem na realidade. O que possibilita discutir objetivamente', diz o presidente da CSN, ressaltando que a orientação vinda de Brasília é para resolver da melhor maneira, mas sem fazer concessões aos grevistas"¹⁵⁶.

Na noite de terça-feira (dia 8 de novembro, o segundo da greve) ocorreram movimentações militares em torno da CSN, envolvendo cerca de dois mil soldados, vindos de vários quartéis do Estado do Rio de Janeiro, como Petrópolis, Niterói, Paracambi, Valença e Barra Mansa. A essa situação, os operários responderam com um *barulhaço*, batendo nas passarelas de ferro da aciaria com pedaços de vergalhões e de madeira, com a finalidade de se criar a impressão de que havia um grande número de operários no interior da usina.

A aciaria - palco do massacre que se daria no dia seguinte - é um imenso prédio com 50 metros de altura, de beleza externa mas, internamente falando, é um verdadeiro inferno. Na aciaria cruzam o espaço tubulações de gases venenosos, há pontes rolantes que se movimentam com lingotes de aço rubros, provocando um calor insuportável; ali há um barulho ensurdecedor em decorrência dos vagões e carros-torpedo, que trazem ferro-gusa para abastecer a produção de aço.

Durante essa noite, o Exército tentou invadir a aciaria, mas foi rechaçado a pedradas. Os operários resolveram cortar a iluminação da aciaria para terem certa vantagem (ou, melhor, minimizarem a desvantagem em que se encontravam diante do aparato militar que previam estar por entrar em confronto) em caso de o Exército invadir à noite.

O Exército, a fim de verificar o número real de operários no interior da aciaria, autorizou a entrada de 8 mil lanches na madrugada do dia 9 de novembro. Os operários decidiram consumir todos os lanches, entrando várias vezes na fila

¹⁵⁶ Jornal do Brasil, 09 de novembro de 1988.

de distribuição, como forma de frustrar o objetivo militar. Na quarta-feira pela manhã, o Exército cortou café, comida, energia, luz geral e água.

A justificativa que o comando militar apresentava, inclusive à imprensa, para a iminente invasão era a de preservar o patrimônio, as instalações e o funcionamento da CSN. A imprensa fez diversos registros dessa versão militar para a operação de guerra que o exército realizou, onde também aparecem *explicações* sobre os motivos da força empregada:

- "O comandante das tropas do Exército que ocuparam a usina, general José Luis Lopes, disse que as tropas foram deslocadas para Volta Redonda 'por duas razões: para reestabelecer a ordem porque houve insubordinação civil e para preservar o patrimônio"¹⁵⁷ ;

- "O Ministério do Exército (...) classificou a ação dos grevistas de *uma verdadeira operação de guerrilha urbana...*"¹⁵⁸ .

De quem partiu a ordem da invasão? As versões, veiculadas pela imprensa, foram contraditórias, em geral. No entanto, uma delas conseguiu abranger o conjunto daqueles que ordenaram a ação militar: "A intervenção de tropas militares foi pedida pelo Executivo, pelo Ministério da Indústria e Comércio, pelo Ministério do Exército, pelo presidente da CSN, Juvenal Osório Gomes, e pelo juiz da 3a. Vara Cível de Volta Redonda, Moisés Cohen..."¹⁵⁹ . O chefe do Centro de Comunicação Social do Exército, general José Ary Lacombe informou que a ordem para intervir na CSN partiu diretamente do Palácio do Planalto, possuindo o Presidente da República total conhecimento do uso de tropas federais¹⁶⁰ .

Os operários mantinham em funcionamento os altos-fornos e, com exceção da iluminação da aciaria, não haviam danificado absolutamente nada.

¹⁵⁷ Folha de São Paulo, 10 de novembro de 1988.

¹⁵⁸ O Estado de São Paulo, 11 de novembro de 1988.

¹⁵⁹ O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 1988.

¹⁶⁰ Folha de São Paulo, 11 de novembro de 1988.

O Sindicato, sem sucesso, tentou negociar. Apenas laranja e leite eram fornecidos aos operários, na tentativa de minar, via desarranjo intestinal, a resistência até então oferecida. A cada hora era realizada assembleia no pátio da SOM, mesmo sem a presença de Juarez Antunes que, após algumas horas de detenção, fora liberado, mas estava impedido de entrar na CSN.

Às 10h00, o Exército não deixou ninguém mais entrar na usina. Os metalúrgicos que chegaram para o turno das 16h00 foram barrados e, aproximadamente, cinco mil pessoas se concentravam em frente da CSN.

O Exército começou a invasão. Juarez participou de reunião no escritório central, mas praticamente não conseguiu nada. A direção da CSN propôs, apenas e tão somente, a emitir folha de pagamento suplementar na sexta-feira, por conta do reajuste, devido à data-base (maio de 1988), desde que os operários retornassem imediatamente ao trabalho e aguardassem o julgamento do dissídio pelo Tribunal Regional do Trabalho. Nenhuma palavra sobre a pauta de reivindicação.

Diante dessa intransigência da diretoria da usina, foram realizadas duas assembleias pelo Sindicato. Uma no interior da usina e outra com os operários que se encontravam do lado de fora. Em ambas foi aprovada a continuidade da greve. Às 18h00, com o Exército ocupando os espaços do pátio do SOM, teve início o confronto, já acontecendo tiros militares. Do lado de fora, operários, mulheres e crianças também estavam sendo alvos das poderosas armas militares (entre elas as bombas de efeito moral), o que, entre grande tumulto, resultou em feridos:

"Eles estão correndo atrás da população como numa caçada. Dispersaram todo mundo e agora estão caçando, estão correndo atrás com cassetetes, correndo com baionetas, correndo com bombas, correndo com o diabo. Estão caçando a população nas ruas de Volta Redonda para bater, para machucar. É uma guerra! eu não sabia o que estava acontecendo. Nunca tinha visto coisa igual!"¹⁶¹.

¹⁶¹ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 101.

Os operários, que até aquele momento demonstravam clareza do que queriam e como agir nesse sentido, há tempo acumulavam os efeitos da humilhação que o Exército, em outras oportunidades, impusera-lhes, como atesta este depoimento:

"A gente não admitia a presença do Exército na usina. Nós criamos uma revolta contra o Exército, nós já tínhamos entrado em conflito com Exército na greve de 87, jogamos pedra no Exército. Ficamos muito revoltados (...). Nós ficamos em greve, acampamos, ficamos dentro da usina, mas acontece que o Juarez começou a fazer discurso, a assembléia permanente dentro da usina, quando o Exército entrou. E aí começou a provocação. Aí o pessoal começou a entrar por dentro da tubulação da calcinação - que leva o cal para a aciaria - começou a jogar cal no Exército, empurrando locomotiva em cima do carro do Exército. O Exército, como não pode perder, achou que não devia perder, aí convocou o Exército de Petrópolis, e vieram com força total. E aí entrou para arrasar com a gente mesmo"¹⁶².

Juarez Antunes assim descreveu a ação militar:

"Naquela quarta-feira, dia 9, o Exército atacou. Atacou num sistema coordenado, tanto nas ruas, como na fábrica. Na cidade, um batalhão atacava junto com a Polícia Militar, totalizando mais ou menos uns 700 homens, provavelmente sob um comando que coordenava as ações da Praça da cidade. Dentro da fábrica ouvia-se o barulho que vinha das ruas. O Exército, por sua vez, não entrava na aciaria, porque não conhecia o terreno. Entretanto, na periferia da aciaria, eles mataram os três metalúrgicos. Do lado de fora, muitos foram para os hospitais. A polícia e o Exército atacaram vitrines, bares, lanchonetes, etc. Espancaram a torto e a direito. Nos pontos de ônibus, mulheres perderam crianças, supermercados fecharam. Jovens que tomavam cerveja, sorvete, na praça Brasil e Vila Santa Cecília, levaram borrachadas, cacetadas e coronhadas. A TV Manchete, por exemplo, registrou militares do Exército quebrando vitrines da Caixa Econômica

¹⁶² Entrevista de ativista sindical.

Federal e do Clube dos Funcionários, com a coroa das armas. Tudo isso foi registrado pela televisão. Uma tremenda violência"¹⁶³.

A violência nas ruas, em estabelecimentos comerciais e de diversão, enfim, na cidade de Volta Redonda, foi registrada por vários jornais¹⁶⁴.

Com a invasão do Exército em curso, os operários resolveram se dirigir, todos, para dentro da aciaria, onde teriam maiores condições de oferecer resistência. Um dos ativistas assim descreveu a entrada dos operários na aciaria:

"A gente estava no pátio da SOM (eu estava na aciaria, onde fiquei os 3 dias iniciais da greve) e aí vim para o pátio da SOM, porque um diretor (não vou citar o nome) pediu que eu viesse arrumar lanche para o pessoal que estava com fome. Eu vim para arrumar o lanche. Nessa hora em que eu vim atrás do lanche, o Exército estava invadindo o pátio da SOM. Um dos diretores que estava discursando lá disse 'olha, pessoal, vocês molhem a camisa e coloquem no nariz', por causa do gás lacrimogêneo, porque a gente chora sem querer. Aí não adiantava mais, corremos para a aciaria. Todo mundo correu para a aciaria. Não deu para eu correr para a aciaria, eu e mais uns vinte que estavam mais para atrás, então nós deslocamos e fomos para a SOM. Nós saímos de lá com mais revolta ainda, foi uma coisa muito dolorosa para a gente naquela ocasião"¹⁶⁵.

¹⁶³ ANTUNES, Juarez, *A explosão da siderúrgica*, depoimento à Revista Ensaio nº 17/18, p. 303.

¹⁶⁴ Conferir o Anexo 2, onde transcrevemos os principais registros que a imprensa fez acerca da violência policial-militar na cidade, bem como alguns de suas conseqüências lamentáveis.

¹⁶⁵ Entrevista com ativista sindical. Matéria veiculada no Jornal do Brasil, de 12 de novembro de 1988, apresentou, com detalhes, o clima que se estabeleceu nesse momento. Para obter a descrição, garantiu-se aos entrevistados o anonimato: "... A aciaria passou a funcionar, explica um deles, como uma fortaleza de resistência e garantia para os trabalhadores. Armaram então uma empilhadeira com tinta inflamável e um tambor de querosene ao lado e, com o objetivo de intimidar do que para acioná-la, voltaram-na estrategicamente para o lado dos militares. 'De qualquer maneira, não coríamos risco, porque conhecíamos tudo, sabíamos para onde fugir, se fosse o caso'. Com o material disponível, os trabalhadores criaram verdadeiras armas. E estabeleceram sua estratégia: tijolos refratários enfileirados por toda a volta da aciaria estavam prontos para serem lançados; encaparam vergalhões às centenas com mostradores de temperatura de aço líquido (tubos de papelão ocos com cabeças de platina); seriam bons instrumentos de defesa; bolas refratárias com núcleo de aço e revestimento de concreto também estavam à mão; armaram-se barricadas com tubos de alumínio empilhados, pedaços de ferro, pedras e folhas de zinco, bloqueando as cerca de 30 portas da aciaria. No pátio, um guindaste da companhia teve todo o óleo diesel vazado a fim de provocar uma explosão, se isso fosse necessário. Além disso, um trator foi empurrado contra um vagão de trem para bloquear o acesso das tropas do Exército. Às escuras, a aciaria era iluminada por pequenas fogueiras protegidas por tijolos. 'Providenciamos nossa defesa porque vimos que estávamos em perigo', fala um dos grevistas". A expressão segundo a qual os operários teriam criado

inquerito de apuração dessas mortes, disse que "... as três mortes são homicídios qualificados"¹⁶⁹.

Carlos Augusto Barroso foi, de acordo com algumas testemunhas, assassinado com uma coronhada na cabeça, depois de ter caído no chão. O seu atestado de óbito comprovou que ele faleceu de traumatismo crânio-encefálico, às 23h30 do dia 9 de novembro de 1988, dentro da CSN¹⁷⁰.

Walmir Freitas Monteiro morreu em decorrência de uma bala no peito, disparada de um fuzil FAL do Exército. *William Fernandes Leite* faleceu por conta de uma bala certeira em sua nuca, saída de um fuzil FAL do Exército¹⁷¹.

O Ministério do Exército divulgou um comunicado sobre a operação militar. Nele se afirma que a ocupação da CSN pelos operários provocou danos sérios ao patrimônio da empresa e à economia nacional; as lideranças sindicais

¹⁶⁹ Revista Veja, 16 de novembro de 1988.

¹⁷⁰ "Ele e outros companheiros estavam jantando no refeitório quando tudo começou. Ele, então, saiu do refeitório com os outros e correu para chegar à aciaria. Foi quando tropeçou e caiu. Um soldado veio e rachou sua cabeça com uma coronhada de rifle", contou Wagner Barcelos, baseado no relato de outros grevistas" Folha de São Paulo, 12 de novembro de 1988. Barroso era filho de um operário aposentado da CSN, Donato Barroso, e de dona Conceição. Ele foi à CSN porque ouviu dizer que a greve havia terminado, e que deveria, caso isso fosse verdade, retornar ao trabalho. Entrou na usina e não pode mais sair, impedido que foi pelas tropas. Com o início do tiroteio, correu para aciaria. Barroso não voltou para casa; morreu por espancamento com um fuzil FAL do Exército.

¹⁷¹ Em VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 130, encontramos detalhes também sobre os outros dois operários: "*William Fernandes Leite*, 22 anos, morava no Bairro do Retiro. José Leite, seu pai, tinha sido fazendeiro em Goiás, mas perdera tudo. William era muito estudioso, fazia um curso de inglês e ao mesmo tempo um curso técnico de química. Antes de ir trabalhar na CSN servira o Exército, onde fez o curso para cabo. Abandonou a carreira militar e resolveu ser metalúrgico da CSN. Com o arrocho salarial William foi obrigado a abandonar o último ano do curso técnico. Era pessoa inquieta e inconformada com a situação do país. Tinha se filiado ao PT. Fez a greve. Não pôde chegar na festa de aniversário da namorada na quarta-feira à noite - morreria com uma bala de fuzil FAL do Exército cravada na nuca. *Walmir Freitas Monteiro*, 27 anos, filho do metalúrgico Manuel Monteiro, era canalheiro de alto-forno da CSN há 9 anos, cursava a 8a. série do 1o. grau noturno, e fazia o máximo de horas-extras possíveis na fábrica para tentar manter a sua família - sua mulher Luciene, seu filho de 3 anos e sua filha de um ano e meio. Servira o Exército no 22º Batalhão de Infantaria Motorizada de Barra Mansa. (...) Walmir não ia para a fábrica naquela quarta-feira dia 9 - a CSN estava em greve. Entretanto, a rádio estava lendo, a cada 15 minutos, uma nota da empresa convocando os funcionários ao local de trabalho porque a greve havia acabado. Walmir foi trabalhar. A usina estava parada, a greve não acabara. Walmir resolveu ficar para ajudar a manter o alto-forno nº 2 em funcionamento. Walmir não completou os seus 28 anos no dia 15 e nem recebeu dos companheiros do time de futebol o troféu com que costumava homenagear os colegas aniversariantes - morreria com uma bala de fuzil FAL do Exército, que lhe atravessara o peito".

são caracterizadas como falsas; a ação violenta teria partido dos trabalhadores, em uma operação de guerrilha urbana, ao que o Exército apenas teria reagido¹⁷².

No dia 10 de novembro, às 7h00, os operários se retiraram da aciaria e o Exército se instalou na CSN. "E a greve continua. O maior complexo siderúrgico da América Latina foi transformado em quartel do Exército brasileiro; os militares faziam ordem unida e liam boletins diários para passar o tempo e manter *o moral da tropa*"¹⁷³.

A presença do Exército na CSN, depois da saída dos operários, chegou à beira do ridículo:

"Para manter o aquecimento das tropas, todos os dias às 7 horas, eles marcham, apresentam as armas e desfilam para os oficiais, além de cantar o hino da Infantaria. (...) O coronel Carlos Eduardo Jansen, há 29 anos oficial do Exército, todas as manhãs participa da *formatura* do grupamento antes do café. As companhias se apresentam em uma das áreas da usina, próxima ao portão leste, onde iniciam a marcha cantando músicas do Exército brasileiro. A Polícia do Exército faz uma alusão à inconfidência cantando *Mariana*. (...) Só depois dessa *formatura*, do café da manhã, os homens começam a se revezar nas portarias, único serviço que agora desempenham em Volta Redonda"¹⁷⁴.

Para quem apresentava a justificativa de preservar o patrimônio da CSN, para a operação militar, o revezamento nas portarias era tarefa pequena demais.

A bem da verdade, a partir daquele momento **a luta não era mais só da categoria dos metalúrgicos, era do povo de Volta Redonda e de outros segmentos sociais, de partidos políticos como o PDT e o PT, com repercussão nas eleições municipais que se dariam em 15 de novembro**¹⁷⁵.

Os enterros dos jovens operários, celebrações religiosas, presididas por representantes da ala progressista da Igreja Católica, o engajamento de entidades,

¹⁷² cf. O Estado de São Paulo, 11 de novembro de 1988. No Anexo 3 há a transcrição integral desse comunicado.

¹⁷³ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 138.

¹⁷⁴ O Estado de São Paulo, 15 de novembro de 1988.

¹⁷⁵ Na próxima seção procuraremos explicitar melhor o significado político dessa greve.

como a Ordem dos Advogados do Brasil para a montagem de um dossiê sobre a invasão militar, tudo isso reforçava, ampliava e redimensionava a greve dos operários.

A CSN, em vários momentos, alegava inexistência de recursos financeiros para atender às reivindicações econômicas dos operários. Entretanto, segundo boletim do Sindicato dos Metalúrgicos,

"... no último ano, a CSN gastou Cz\$ 10 bilhões com a folha de pagamento, incluindo os encargos sociais. No mesmo ano, gastou Cz\$ 15,7 bilhões com juros bancários. Ou seja: deu mais dinheiro aos agiotas do que para os trabalhadores que vêm batendo recordes de produção e dando lucro para a empresa. Em comparação com o faturamento total, os gastos com salários representam 13,5%, muito pouco para negar o pagamento da nossa reivindicação"¹⁷⁶.

Em resposta à intransigência da direção da empresa, as assembleias dos metalúrgicos continuavam a decidir pelo prosseguimento do movimento. As assembleias contavam com mais de 35 mil pessoas e funcionavam como momentos para avaliação, informação e deliberação sobre os rumos do movimento, sempre organizando formas de rebater e neutralizar as tentativas levadas adiante pela direção da CSN, pelo Governo e pela maioria da imprensa de esvaziar a resistência dos trabalhadores em greve.

A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos se reuniu com a diretoria do Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (SEVRE) para avaliar a situação dos altos-fornos, após 11 dias de greve. Avaliando que, com o retorno de operação normal, após o décimo segundo dia, haveria problemas graves para a retomada do funcionamento dos altos-fornos a contento, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos defendeu em assembleia um esquema de revezamento de operários nos altos-fornos, o que, por um lado, novamente demonstrava a falácia, preconizada pelo discurso oficial, de que o patrimônio da CSN estava garantido

¹⁷⁶ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos, nº467, 18 de novembro de 1988.

pelo Exército e, por outro lado, não significava o fim da greve. A assembléia aprovou e, imediatamente, o revezamento foi implementado¹⁷⁷.

Wagner Barcelos de Souza, diretor de imprensa do Sindicato, resumiu o problema dos altos-fornos assim:

"O governo e a empresa jogaram pesados. Além dos gases, cassetetes e tiros, irresponsavelmente quase destruíram dois dos três altos-fornos que temos na CSN. Quando iniciamos a greve, procedemos ao abafamento dos altos-fornos 01 e 03. O alto-forno 02 continuou produzindo para gerar gás de alto-forno para a bateria 03 de coqueria. O gusa produzido era jogado no poço de emergência. O abafamento significa uma carga especial de coque e sinter, garantindo as condições necessárias para a volta à operação no fim da greve. A direção da empresa e alguns chefes, calculando que a greve acabaria com a invasão militar, operou os altos-fornos sem informar o comando de greve. Foi um duplo erro: político e técnico. Diante disto, a assembléia autorizou uma verificação técnica e os trabalhos de salvamento dos fornos. Foi uma prova de maturidade e elevada consciência dos trabalhadores. Os fatos demonstram: quem defendeu e preservou o patrimônio da empresa foram os operários e não os autores do massacre que sacrificou nossos companheiros"¹⁷⁸.

Nesse episódio do revezamento para os altos-fornos parece-nos estar claro que a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos soube, em uma questão concreta, efetivamente desempenhar o papel que lhe cabia, vale dizer, o de dirigir uma greve que já se estendia por 11 dias. O cuidado com a manutenção dos altos-fornos e equipamentos da CSN também se explica pela preocupação em não ver diminuído o apoio da população à greve, fundamental para que não acontecesse o isolamento dos operários.

¹⁷⁷ Os altos-fornos 1 e 2 entraram em risco porque a direção da CSN, apostando inicialmente que a greve duraria pouco tempo, determinou o funcionamento deles um dia depois de ambos terem sido abafados, numa medida para a redução da temperatura. Depois de 36 horas de trabalho, os metalúrgicos que se apresentaram como voluntários recuperaram o alto-forno 1, que voltou a produzir gusa às 7h50 do dia 19 de novembro. Já o alto-forno 3 foi recuperado pelos mesmos voluntários no dia seguinte, às 14h30.

¹⁷⁸ Jornal Em Tempo, Dezembro/Janeiro de 1989.

No dia 21 de novembro, dando encaminhamento a uma proposta da Frente Popular e Sindical de Volta Redonda, 60 mil pessoas envolveram a CSN em uma manifestação conhecida como o *Abraço da CSN*. Nas palavras de Juarez:

"o abraço à Companhia Siderúrgica Nacional comprovou mais uma vez que a greve tinha o apoio de toda a cidade. O abraço não foi só na CSN, foi na realidade um abraço em volta da força que os trabalhadores têm em qualquer lugar do mundo. O povo não estava só abraçando um alto-forno, uma aciaria, uma coqueria; o povo estava se abraçando, abraçando a sua solidariedade e a sua união. Foi este o significado do abraço para mim - abraçamos a alma dos trabalhadores. Talvez um dia a gente consiga se dar as mãos e abraçar este país de ponta a ponta; e aí, meu amigo, isto aqui vai ficar uma beleza. O caminho é longo e difícil, mas um dia este país será nosso"¹⁷⁹.

No boletim distribuído no dia daquela que seria a última assembleia, referente à greve, a diretoria esboçava um balanço do movimento e apontava para a proposta de seu encerramento:

"Começamos uma greve, toda a categoria aderiu, fomos em frente, a população apoiou e arrancamos dinheiro. A disposição dos metalúrgicos foi e continua inabalável. Perdemos 3 companheiros, tivemos dezenas de feridos, mas marcamos uma página da história da luta operária em Volta Redonda. Os metalúrgicos com a greve mudaram a fisionomia do País. Podemos dizer que o início de sérias transformações no Brasil se deu com o movimento de Volta Redonda. As mudanças nasceram aqui. São 17 dias de greve. Podemos ir além. Temos fôlego para mais alguns dias. Entretanto, sabemos que daqui para a frente não haverá mais ganhos. Podemos dar mais prejuízo à Empresa, porém sem nenhum lucro econômico ou político para os metalúrgicos, e para a nossa causa. Fomos até onde manda o bom-senso. Dominamos a fera, mas não podemos matá-la. Ferimos o adversário, mas ainda não podemos destruí-lo. (...) Greve alguma satisfaz a unanimidade dos envolvidos nela. O importante é não encerrarmos uma greve na

¹⁷⁹ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 199.

hora em que ela está caindo. Devemos terminá-la quando a vitória está em nossas mãos, e não existe mais possibilidades de avanços. Segurar a vitória, conservar as forças para novas arrancadas é demonstração de inteligência política. Querem ir adiante, nós iremos. Porém a **posição do Sindicato** é pela aceitação da proposta e suspensão da greve. Direção é para dar direção"¹⁸⁰.

Direção é para dar direção: esta afirmação expressava uma concepção sindical, segundo a qual à direção cabe a responsabilidade de propor as saídas politicamente acertadas para o movimento, e não ficar à deriva, apenas a reboque da espontaneidade. Pensamos que já abordamos esta questão para o quadro de preparação da greve. O que queremos, agora, é voltar a ela em outros dois momentos: o da desocupação da usina e o do término da paralisação.

Qual era a alternativa acertada, do ponto de vista político (subentenda-se, da consecução dos objetivos que possuíam os operários, no horizonte do possível), para os operários após a invasão do Exército? Permanecer exposto à truculência, com a decisão de não sair da aciaria, ou se retirar de lá, na perspectiva da continuidade da greve? Depoimentos que colhemos a respeito, dentre os quais destacamos um à página 56, revelaram que os operários não desejavam a desocupação da CSN. Entretanto, Juarez Antunes, com o peso que sabia possuir a sua liderança junto da base, dirigiu o movimento, defendendo a saída dos operários, no que logrou a aprovação. Tivesse a diretoria do Sindicato simplesmente refletido a tendência espontânea, a greve dificilmente teria atingido os resultados produzidos, quando do seu final.

A mesma clareza, quanto à necessidade de dirigir o movimento, se manifestou na diretoria do Sindicato, quando da defesa do encerramento da greve. Não que essa fosse a única ou mesmo a majoritária posição entre os operários. Porém, vislumbrando que as conquistas, no plano da imediatidade, não se ampliariam com o prolongamento da paralisação e que, se esta não terminasse naquele momento, poderia ocorrer um esvaziamento, com o retorno ao trabalho

¹⁸⁰ Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos. nº 470, 23 de novembro de 1988.

em clima de derrota, a diretoria soube apontar, no leque das alternativas, aquela que preservaria o que se conquistou, até então, com a luta.

No dia 23 de novembro, às 8h00, teve início mais uma assembléia - a última da greve, que contou com um total de 30 mil trabalhadores, dentre os quais milhares de populares. As intervenções de vários diretores buscavam contextualizar a greve no quadro do capitalismo brasileiro, e, mesmo, nas relações capitalistas internacionais. Tais intervenções incluíram reflexões sobre as possibilidades e os limites das ações sindicais, entre elas a greve.

A fala do Wanderlei Barcelos revelou a existência da preocupação com uma discussão de fundo: a relação entre a classe operária e a sua *consciência*:

- "... quantas greves já foram feitas? Desde quando começou a tal Revolução Industrial, quantas greves já foram feitas? (...) Essa é a história da greve dos trabalhadores, é o momento em que cada um, seja ele ajudante, operador, mecânico, mestre, chefe-de-turno; em que cada um se encara como classe. Esse momento é o momento de consciência de classe dos trabalhadores em greve (...). Para quem diz que política não enche barriga, queremos lembrar as eleições de 86, porque aquela política esvaziou a barriga de cada um que está aqui nesta assembléia e do povo brasileiro inteiro (...). É por isso, só por isso, que nós queremos lembrar: há quantos anos se faz greves no mundo? E quantas greves nós já fizemos? E quantas greves mais teremos que fazer? Tantas greves quantas forem necessárias, até que esta consciência que nós remetemos, que nós enviamos para o povo brasileiro desta vez, que envolveu uma grande parcela, até que esta consciência tome conta de cada brasileiro. Até que os brasileiros em conjunto, metalúrgicos de Volta Redonda e do Brasil inteiro, junto com todas as categorias, digam **não** ao poder dos patrões e **sim** ao poder dos trabalhadores (...). Nós temos que vislumbrar, nós temos que almejar, nós temos que desejar é o poder, companheiros"¹⁸¹.

¹⁸¹ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 205-206.

MÉSZÁROS tematizou a relação *ser social/consciência* de forma, por um lado, a superar o empobrecimento do mecanicismo economicista e, por outro, a evitar o idealismo. Para este autor, "... o *ser* de qualquer classe é a síntese final de *todos* os fatores que operam na sociedade ..."182. Acontece com o ser da classe operária o que Marx afirmava a respeito de todo e qualquer aspecto da totalidade social: "O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso"183. E o ser da classe operária é, precisamente, o de ser um dos momentos da antítese (o outro é representado pelas classes proprietárias) que funda e torna possível o capitalismo184. Não é possível a existência isolada de um dos pólos: suas existências são de natureza relacional. A diferença está em que há, na antítese, um lado positivo (as classes proprietárias) que se satisfaz com a conservação de si mesma e, por conseguinte, de seu contrário e, de outra parte, há um lado negativo (o proletariado), que só pode se emancipar se superar o seu contrário e a si mesmo enquanto classe. Qualquer melhoria salarial, por mais relevante que isso seja, significa, no limite, a manutenção do regime de trabalho assalariado.

A consciência, que o lado negativo da antítese185 manifesta, pode ser contingente ou necessária:

"... a diferença fundamental entre consciência de classe contingente e necessária assenta-se em que enquanto a primeira percebe meramente alguns aspectos isolados dessas contradições, a outra os compreende em sua interrelação, ou seja como traços necessário do sistema global do capitalismo. A primeira segue emaranhada em contendas localizadas mesmo quando a escala da operação seja relativamente grande, enquanto que a outra, ao focar a atenção no assunto estrategicamente central do *controle social*, se interessa em uma solução ampla,

182 MÉSZÁROS, I., "Conciencia de Clase Contingente Y Necesaria", In MÉSZÁROS, I. (org.), *Aspectos de la historia y la conciencia de clase*, p. 114.

183 MARX, K., "Para a crítica da Economia Política", In *Os Pensadores*, p. 116.

184 cf., a respeito, MARX, K. *A sagrada família*.

185 O proletariado é o lado negativo precisamente porque beneficiário da superação das relações que o fundam e o mantêm, enquanto pólo subalterno.

mesmo quando seus objetivos imediatos possam parecer limitados (exemplo: o objetivo de manter viva e sob o controle operário uma fábrica que desmorona sob o machado da 'racionalização' capitalista"¹⁸⁶ .

Por que afirmamos que a fala do Wanderlei, na assembléia do dia 23 de novembro, tangenciou a relação entre ser social e consciência de classe? Por que ela recuperou a íntima ligação que há entre o cotidiano operário e os momentos que pode adquirir a sua consciência sobre a totalidade em que está inserido. Se a percepção se restringir ao circunstancial, à imediatidade, ainda estará obstada a apreensão da realidade em seus nexos últimos. **Dizer não ao poder dos patrões e sim ao poder dos trabalhadores supõe uma superação da consciência contingente, no sentido da consciência necessária.**

Da manifestação do Wagner Barcelos pode-se perceber que havia, no universo de dirigentes do Sindicato, o esforço por fazer avançar a consciência operária, com vistas ao desmascaramento da natureza de classe e das reais funções do Estado brasileiro, bem como à afirmação de que a greve se inseria na luta de classes. O aparato repressivo do Estado e a política da CSN foram desnudados no plano da análise. O Parlamento também sofreu o mesmo tratamento. Quanto às classes sociais, buscou-se desvendar, com o exemplo do megaempresário do Grupo Votorantin, Antonio Ermírio de Moraes, os interesses poderosos que se nutriam dos produtos da CSN. Também apontou-se para a solidariedade de classe entre os trabalhadores como a grande tarefa a ser feita, superior à greve, exatamente porque capaz de alavancar luta de maior envergadura, ou seja, aquela com vistas à superação do regime capitalista¹⁸⁷ .

¹⁸⁶ MÉSZÁROS, I., op. cit., pp. 164-165.

¹⁸⁷ Alguns trechos do que disse Wagner Barcelos fundamentam o que dissemos: "... A Polícia Federal, o Exército e a Polícia Militar e os bandidos contratados pela CSN são os testas de ferro de manutenção desse regime. Conseguimos enxergar pela frente, conseguimos ver isso na nossa cara, no nosso ombro, vimos isso. Segundo: vimos ainda a Justiça que não é justiça droga nenhuma, que está do lado do sistema capitalista (...). Vimos também o Poder Executivo, esse país é um país de merda porque os dirigentes desse país são de merda. Qual foi a palavra do Congresso Nacional em relação a isso? (...) É o regime capitalista em que nós vivemos. E os empresários que querem o fim do governo? Que são liberais? Antonio Ermírio de Moraes e aquela canalhada toda? Não deram uma palavra, companheiros. Por quê? Porque nós vivemos num regime chamado capitalismo. A nossa força que foi? A solidariedade dos trabalhadores, foi nisso que nós avançamos (...). Alguns companheiros têm a visão equivocada de

O último a falar naquela assembléia foi o Juarez. Também aqui se manifestaram aspectos caros à nossa análise da greve. O papel da direção para os rumos do movimento foi sublinhado. O horizonte político na luta dos trabalhadores, isto é, a construção do poder alternativo ao das classes proprietárias, foi mostrado como imprescindível ao enfrentamento das reais causas que produzem exploração e dominação sobre os que possuem apenas a força de trabalho. Por fim, Juarez ressaltou o caráter provisório e efêmero das conquistas imediatas que uma greve pode alcançar:

"... o sindicato precisa ter diretoria para dar direção, não se importando em às vezes incomodar até uma parte, não satisfazer uma parte, porque nunca nós satisfaremos a totalidade em qualquer greve nunca (...). O caminho é o trabalhador no poder, este é o caminho, e a greve puxa esse caminho (...). Como é difícil a luta da classe operária. Como é difícil! Por isso é que o trabalhador tem que buscar o poder, porque com o poder nas mãos a burguesia vai ser comandada e o trabalhador vai dirigi-la, vai comandá-la, vai botar dinheiro na mesa do filho, da família do operário. O que nós conquistamos agora, em trinta ou quarenta dias estará tudo perdido (...). A luta da classe trabalhadora não começa e termina com uma greve"¹⁸⁸.

Após os esclarecimentos necessários e com a obtenção de parte das reivindicações, a assembléia aprovou o retorno ao trabalho, condicionando-o à saída do Exército do interior da CSN. Os trabalhadores da CSN só voltaram ao trabalho depois que as tropas foram retiradas da usina. Às 10h40, a greve terminou. Foram 23 dias de luta intensa. A greve terminou no seu auge¹⁸⁹.

que com essa greve de Volta Redonda nós mudamos o país e nós vamos construir o socialismo com essa greve; que continuando a greve nós vamos mudar o sistema e construir o socialismo. Não, companheiros, não vamos. É uma ilusão. Nós avançamos, mudamos essa sociedade a nível de país, demos passos largos na solidariedade, tanto aqui quanto a nível nacional, mas temos que avançar muito ainda, construindo o poder dos trabalhadores..." In VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 207-210.

¹⁸⁸ VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., pp. 210-214.

¹⁸⁹ "Nós sempre gostamos de terminar uma greve no pique, porque ela tem inicialmente uma curva ascendente. Depois, num determinado momento ela vai se horizontalizando para, por fim, começar a cair. Não existe greve por tempo indefinido: pode durar quase um ano, como a do carvão na Inglaterra, mas um dia acaba. Então, nós temos por filosofia terminar uma greve no seu pique, não na queda", In ANTUNES, J., *A explosão da siderúrgica*, p. 304.

Em termos das reivindicações apresentadas, três foram obtidas: a URP de julho/88 (17,68%), a implantação do turno de seis horas, em um prazo de 90 dias e a reintegração de 117 operários, que foram demitidos por participarem de greves anteriores. Também se obteve um abono de Cz\$ 30 mil, além de 8% de reajuste sobre o salário de outubro. As famílias dos operários assassinados receberam indenizações, o que, de certa forma, também significou uma derrota para o governo, pois este, ao indenizar essas famílias, reconheceu a sua responsabilidade nas mortes.

Por este balanço, é possível afirmar que a greve foi vitoriosa. O Jornal Em Tempo, publicação de uma corrente interna do PT, na edição de Dezembro/Janeiro de 1989, à página 12, resumiu a vitória alcançada pelos operários com a seguinte afirmação: "Os operários voltaram com as conquistas econômicas nas mãos e a dignidade de classe nas consciências".

Essa greve representou uma vitória econômica e política. Do ponto de vista das reivindicações econômicas, como acima mostramos, pode-se afirmar que ela foi parcialmente vitoriosa. Todavia, mesmo os ganhos mais imediatos foram atingidos a partir da mudança qualitativa que o confronto sofreu quando se deu a invasão do Exército. A combatividade revelada pelos operários, o engajamento da população de Volta Redonda, as manifestações públicas (celebrações religiosas, o **Abraço da Usina**) e, até mesmo, a intensificação da organização do movimento levada a termo, por exemplo, com o revezamento para a manutenção dos altos-fornos, compuseram o quadro de uma vitória possível, ensejada, com a derrota militar. **O confronto adquiriu outra dimensão, de muito maior envergadura e politização, precisamente a partir do escancaramento, através da intervenção militar, do caráter autocrático da Nova República.**

Não menos relevante foi a determinação com que os operários definiram uma condição imprescindível para retornarem ao trabalho, ou seja, a retirada do Exército do interior da Usina. Sob vaias e numa indubitável

cena de derrota política, as tropas militares desocuparam a CSN. **A humilhação imposta pelo Exército aos operários, em outras oportunidades, foi substituída, em 1988, pela cabeça erguida.** Os operários retornaram ao trabalho com adesivos, em preto e branco, colados ao peito, com a seguinte frase: *A greve é nossa Arma.*

3.3. O significado político da greve

A inter-relação das dimensões econômica e política já foi, por várias vezes, mencionada¹⁹⁰. Entretanto, queremos, nesta seção, aprofundar um pouco mais sobre as repercussões, os agentes político-sociais que se envolveram com a greve e, principalmente, o momento político-institucional em que ela aconteceu e como aquele movimento grevista produziu ecos na conjuntura.

¹⁹⁰ Em MÉSZÁROS, I., op. cit., p. 121, encontramos uma formulação que discute o principal motivo pelo qual o movimento sindical não pode se restringir à dimensão econômica, sentido restrito, mesmo que haja predominância das questões econômicas em dada circunstância: "... a importância medular das greves reside em que não podem ser estruturalmente integradas, extensamente, no sistema de produção capitalista, ainda que paradoxalmente possam ser chamadas a remediar muitos defeitos do capitalismo momentaneamente. Esta dialética objetiva de integração parcial e desintegração definitiva - ou seja, os aspectos negativos e positivos em sua necessária interconexão - constitui o sistema de referências de Marx. (...) O enfoque de Marx sempre situa o movimento parcial em seu contexto global. Por isso pode perceber nas formas embrionárias da organização da classe operária as formas já desenvolvidas cabalmente, do mesmo modo que é capaz de identificar o intercâmbio recíproco de determinações políticas e econômicas em greves embutidas na estrutura capitalista de produção". A constituição de um movimento sindical *apolítico* empurra os trabalhadores para o economicismo, campo em que não se pode ter a perspectiva da superação da ordem do capital. A respeito da impossibilidade da greve ser plenamente integrada pelo capitalismo, parece-nos ser interessante e ilustrativo resgatar o que Engels retratou da experiência dos operários ingleses: "... a Inglaterra está em guerra social aberta, e que, se a burguesia tem interesse em conduzir esta guerra hipocritamente, sob aparências de paz e mesmo de filantropia, para o operário, pôr a nu as suas verdadeiras condições de vida, atacar essa hipocrisia, só pode ser útil. Conseqüentemente, os mais violentos atos de hostilidade cometidos pelos operários contra a burguesia (...) não são senão a expressão, aberta e sem disfarce, daquilo que a burguesia inflige aos operários às escondidas e perfidamente", In ENGELS, F., *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, p. 242. Assumimos o que Engels sugere com esta observação: se a greve é uma das formas de revolta, de resistência, operária contra a burguesia, revolta que se dá precisamente no âmbito da sociedade de classes, a greve se manifesta, para Engels, como oposição à ordem social burguesa e não como elemento de integração ao capitalismo. A greve pode contribuir para desnudar as contradições capitalistas, como agulhão que traz à tona a exploração e a dominação impostas sobre os operários.

Iniciamos com uma fala do Juarez, que servirá de introdução aos dois primeiros aspectos que discutiremos adiante:

"Fizemos inclusive referência à luta dos trabalhadores de Chicago, que morreram para conquistar a jornada de 8 horas. Cento e dois anos se passaram para que nós conseguíssemos baixar de oito para seis horas, ou seja, é uma caminhada muito lenta da classe trabalhadora. (...) Além da indenização às famílias dos operários mortos, a empresa pagou também Cz\$ 30 mil para todos os trabalhadores e, com a continuidade da greve por mais alguns dias, conseguimos ainda 8% sobre esse valor. Então, depois disso já não dava para avançar mais. Na verdade, nós terminamos a greve no auge. (...) O apoio da população de Volta Redonda foi efetivo. Nos bairros a empolgação foi total, a ponto do Exército ter entrado no segundo dia e a greve ter durado mais quinze; os portões da CSN permaneciam abertos e ninguém entrava para trabalhar. Essa foi a desmoralização do Exército: a intervenção foi para acabar com a greve e não para proteger o patrimônio. Não conseguiu acabar com a greve e ainda saiu antes dos trabalhadores retornarem ao trabalho. Isso porque, na última assembléia da greve, houve uma posição unânime da categoria: só voltaríamos ao trabalho depois que o Exército saísse. E o Exército desta vez teve o dissabor de não terminar a greve, matar três operários, ferir dezenas, desgastar-se perante a opinião pública, de se retirar sem ver a fábrica funcionar, como das outras vezes e ainda vaiado pela população. Foi um desgaste tremendo para a instituição e não sei se daí eles vão tirar alguma lição"¹⁹¹.

Uma primeira questão que Juarez menciona acima é a referente ao **apoio da população**. Como se deu esse apoio e qual o seu significado?

Desde a primeira greve na CSN, em 1984, as famílias dos trabalhadores se engajaram nas mobilizações. Com o acúmulo de experiências, o movimento sindical participou efetivamente da criação da Frente Sindical-Popular de Volta Redonda. Essa Frente representava, assim, um instrumento ulterior do movimento

¹⁹¹ ANTUNES, J., *A explosão da siderúrgica*, pp. 304-305.

social na cidade do aço. Um instrumento que se constituiu no principal responsável pelas manifestações de apoio à greve de novembro de 1988.

A Frente Sindical-Popular de Volta Redonda buscou inspiração na de Barra Mansa e articulava, no mesmo movimento, diversas organizações da cidade, tais como sindicatos (por exemplo, os sindicatos dos metalúrgicos, construção civil, professores), associações de moradores, membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), estudantes, Associação de Lavadeiras, Movimento Negro, CUT, mantendo-se aberta à participação de todas as entidades populares.

Tendo como objetivo principal relacionar os movimentos populares com os sindicais, essa Frente se encarregava de preparar manifestações mais amplas, que demandassem maiores esforços na divulgação e realização. E esta foi a situação do **Abraço à usina**, que acabou se tornando na mais evidente demonstração de solidariedade à greve dos operários da CSN, enfatizando, outrossim, a luta contra a sua privatização. A direção da empresa tentou esvaziar o ato, colocando veículos para transportar operários presentes ao ato para o trabalho. O que acabou esvaziado foi um razoável número de pneus desses veículos, pois a população encampou a manifestação¹⁹².

O ato do **Abraço à usina** ocorreu em 21 de novembro de 1988, reunindo cerca de 60 mil pessoas (há controvérsias quanto ao total de participantes, oscilando entre 50 mil e 70 mil) que circunscreveram a CSN de mãos dadas. Ele foi organizado pela Frente Sindical-Popular de Volta Redonda, coordenada pelos militantes metalúrgicos Wanderlei, Wagner e Luizinho.

¹⁹² Segundo a cobertura da imprensa, "mais de 50 mil pessoas deram ontem, em Volta Redonda, no final da tarde, uma prova de carinho à CSN, num enorme abraço de 12 quilômetros em volta do prédio da empresa. A manifestação foi organizada pela Frente Popular e Sindical, contra a privatização ou desativação da maior usina siderúrgica da América Latina. Depois da manifestação, que se transformou numa passeata acompanhada de carros e motos, a multidão tomou a praça em frente ao prédio da CSN, onde entre gritos de *não à privatização* e exibição de faixas contrárias à desativação da usina, foi cantado o Hino Nacional. A manifestação começou por volta das 17h30, com operários ao lado de suas famílias e outros moradores da cidade se concentrando ao longo da avenida Independência, em frente ao portão principal da usina. O grande abraço em torno da empresa foi seguido de palmas e gritos de *fora Sarney e não à violência militar*", O Estado de São Paulo, 22 de novembro de 1988.

Esse ato público de repúdio ao governo federal, à intervenção militar e às propostas de privatização da CSN se deu no mesmo diapasão daquele da modalidade da greve que estava acontecendo, isto é, a greve de ocupação¹⁹³. A qual diapasão estamos nos referindo? Ao da defesa do patrimônio da CSN.

A greve de ocupação ocorreu algumas vezes desde o surgimento do Novo Sindicalismo¹⁹⁴. No caso da greve que estamos analisando, as razões para a ocupação foram impedir atos de destruição dos equipamentos, por parte inclusive de chefes de seção que, a mando da diretoria, poderiam criar situações para incriminar trabalhadores e dirigentes sindicais, impedir que a greve fosse esvaziada por trabalhadores que quisessem "furá-la", e, ainda, preservar os serviços essenciais da usina¹⁹⁵.

A greve de ocupação - forma superior de luta operária dentro da fábrica - em novembro de 1988, na CSN, foi superior também na sua capacidade de repercutir, em um conjunto de questões e de segmentos sociais, as razões imediatas e mediatas de sua deflagração e continuidade. **A qualidade dessa greve ganhou nítidos contornos de superação do nível corporativo e mesmo do nível de uma solidariedade, ainda que restrita ao campo econômico. Tal qualidade revelou traços de irradiação para um círculo em que política e economia passaram a ser vistas - pelos agentes envolvidos mais diretamente - como realmente são: momentos de uma totalidade.** Claro que não temos pretensão e condição de afirmar que todos, ou a maioria expressiva dos operários

¹⁹³ A ocupação da CSN por parte dos operários constituiu polêmica dentro do próprio PDT. Leonel Brizola, presidente nacional do partido, condenou Sarney pela autorização expressa para o Exército intervir na CSN. Entretanto, adjetivou de equivocada a modalidade da greve: "Não reconhecemos, em nome do direito de greve, o direito de ocupação de fábricas, nem fábricas do governo, nem particulares", cf. Folha de São Paulo, 14 de novembro de 1988.

¹⁹⁴ Cf., para tanto, o balanço feito em ANTUNES, R., *O Novo Sindicalismo*, pp. 31-32.

¹⁹⁵ Este depoimento é ilustrativo a respeito: "Na época a gente tinha muito receio de um ato terrorista, no caso para danificar os equipamentos e sobrar para nós. A gente não deixava nada acontecer com os equipamentos, a gente cuidava deles, inclusive dos altos-fornos. Era melhor para nós, para termos mais controle. Se os trabalhadores votaram pela greve de ocupação, então eles deveriam ficar dentro da usina (...) E como os trabalhadores estavam em greve, eles mesmos tomavam conta dos equipamentos. Porque na época existia muita chefia na usina que danificava equipamento, para depois botar a culpa nos trabalhadores. E aí, conseqüentemente, acusavam a direção do sindicato, para prejudicar o movimento", entrevistas de operário de base e de ativista sindical.

e daqueles que lhes prestaram solidariedade, lograram esta percepção. Entretanto, o quadro de mobilização e de questionamento político, no que dizia respeito à legitimidade do governo federal e de compreensão de sua vinculação com os interesses do grande capital, ficou evidente a tal ponto, que entre as preocupações que embasaram a violência, empregada na CSN, pelo Exército, estava a de conter o potencial de vitória das candidaturas de esquerda, nas eleições municipais daquele ano. O primeiro escalão do Estado brasileiro escolheu a greve dos operários como a que serviria de palco para uma *exemplar lição* para as outras greves em andamento¹⁹⁶, naquele momento, precisamente pela qualidade política que a distinguiu das demais, ou seja, **os operários retirados da CSN à força pelo Exército, ocuparam a cidade de Volta Redonda, compondo, com a Frente Popular e Sindical, a direção política de um movimento que já não lhes pertencia com exclusividade.**

O embate com a Nova República

A Nova República continuou e aprofundou o que Florestan Fernandes chamou de *cronograma político-militar*,

"... que vem do regime anterior, em particular a *transição gradual, lenta e segura* iniciada com a *política de distensão*, do General Geisel, e com a *política de abertura*, do General Figueiredo, que foi uma ampliação da primeira, sob a crescente pressão do protesto operário, do descontentamento popular e dos desgastes na base burguesa da ditadura"¹⁹⁷.

Transição pelo alto, permanência de uma Constituição engendrada no regime militar, durante os primeiros três anos e meio do governo Sarney, frustração de um pacto social (que, a bem da verdade, teria significado um aval

¹⁹⁶ De acordo com a Revista Veja, de 16 de novembro de 1988, mais de 1 milhão de trabalhadores estavam em greve, na primeira semana da greve na CSN, com destaque para as seguintes paralisações, acompanhadas dos respectivos números de grevistas: funcionários públicos federais (338 mil), petroleiros (60 mil), eletricitários (50 mil), servidores municipais do Rio de Janeiro (114 mil), metroviários de São Paulo (9,2 mil), professores e servidores das universidades paulistas (30 mil) e funcionários da Secretaria de Educação de Brasília (15 mil).

¹⁹⁷ FERNANDES, F., *Que tipo de República?*, p. 87.

dos trabalhadores a medidas favoráveis às classes possuidoras), seguida de continuidade de práticas autoritárias, estes os principais traços da velha Nova República.

A campanha das Diretas-Já foi abortada em seu potencial de mudanças pelo Colégio Eleitoral, este sim um conluio das classes dominantes, através de seus representantes, visando conter o que se avistava com a intensa mobilização popular, em torno da luta pelas eleições diretas para Presidente da República.

Se este foi o pano-de-fundo de toda a Nova República, dois aspectos se sobressairam, no período em que ocorreu a greve de novembro de 1988, na CSN.

O primeiro foi a conclusão da Assembléia Nacional Constituinte. A participação popular foi significativa, apesar de reduzido o número de vitórias dos trabalhadores no texto final, como se poderia esperar pela composição do Congresso Constituinte (majoritariamente alinhado com as classes burguesas)¹⁹⁸.

Não obstante a timidez das conquistas populares no texto final, o processo de participação popular na Constituinte pôs a nu o caráter predatório e anti-democrático (ainda que nos restritos marcos da democracia representativa sob a égide do capital) do patronato e do governo brasileiros, que, no período compreendido entre a promulgação da Constituição (05 de outubro de 1988) e a greve na CSN, se pautaram por desrespeitar abertamente os direitos sociais que os trabalhadores haviam conquistado na nova Carta Constitucional. As demandas de reposição salarial, o exercício do direito de greve, as mudanças relativas aos aposentados e pensionistas, entre outras questões, nada disso ganhara efetividade; antes, as mobilizações populares e sindicais, acontecidas para fazer valer o pouco de avanço social existente na Constituição, continuaram recebendo o tratamento com base na ilegalidade, casuísmos jurídicos e truculência.

¹⁹⁸ O DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) organizou e produziu uma pesquisa sobre o Congresso Constituinte, trazendo o posicionamento de todos os parlamentares nas votações de maior proximidade com os trabalhadores. Trata-se de uma importante fonte para a análise da composição que a Assembléia Nacional Constituinte possuía. Cf. DIAP, *Quem foi quem na Constituinte*: nas questões de interesse dos trabalhadores, São Paulo, Cortez: Oboré, 1988.

A esporadicidade ao recurso da intervenção militar não pode ser defendida nem nos episódios de greve na CSN, nem ao longo da Nova República. Tanto foi assim, que esta ficou conhecida pela expressão *Era Urutu*, designativa das diversas intervenções militares em greves¹⁹⁹.

O Presidente Sarney assinara em novembro de 1985 uma normatização (Diretrizes de Segurança Interna) prevendo, entre outros itens, o treinamento de militares para substituir grevistas em atividades consideradas essenciais²⁰⁰. A intervenção militar em situações de greve, pelo que vimos, não foi, absolutamente um episódio raro na Nova República. E, no caso da ocorrida em novembro de 1988, na CSN, correspondia a uma quase unanimidade na cúpula militar:

"Dois dos 13 generais-de-exército discordaram ontem, durante reunião do Alto Comando, presidida pelo ministro Leônidas Pires Gonçalves, da interferência das Forças Armadas nas greves. O desgaste do Exército foi a principal alegação dos oficiais-generais, que entendem que a Força Terrestre só deve ser empregada em último caso, quando a situação for extremamente grave e após uma real análise das condições técnicas das polícias militares para coibir piquetes ou evitar problemas em empresas consideradas de importância capital para o país"²⁰¹.

A destacar que mesmo esses dois membros do Alto Comando das Forças Armadas questionaram a participação do Exército, sem, contudo, colocar em dúvida o emprego da violência.

A prática do desrespeito à Constituição estava inscrita na **natureza autocrática da Nova República**²⁰², natureza esta que, por sua vez, era

¹⁹⁹ No Anexo 4 transcrevemos a matéria jornalística que cunhou tal expressão para a Nova República.

²⁰⁰ cf. O Globo, 12 de novembro de 1988.

²⁰¹ Jornal do Brasil, 23 de novembro de 1988.

²⁰² Chasin diz que "... tanto o *bonapartismo* como o *conservantismo civilizado* não são mais do que formas distintas do mesmo poder *autocrático* das classes dominantes brasileiras, que desconhecem e estão impedidas de conceber e exercitar a forma menos perversa de sua dominação, que é a democracia de classe dos proprietários"; o impedimento, digamos, inerente à burguesia de engendrar um projeto democrático deriva, ainda para Chasin (tese com a qual concordamos), de sua visceral dependência ao capital estrangeiro: "... volta-se a encontrar a incompletude de classe de nossos proprietários e sua inapetência congênita para a democracia liberal. Como poderiam coabitar com a *soberania do povo*, na inintegralidade de sua *soberania enquanto classe do capital*? Ou seja, como dominariam materialmente, sob a soberania política do povo, se sua própria dominação é vassala de sua própria estreiteza orgânica e de um outro capital soberano? Portanto, se o limite de sua soberania é seu capital limitado, o segredo de

determinada por uma fragilidade das classes dominantes do país, qual seja, a de não chegarem a ser hegemônicas, isto é, a de não conseguirem fazer da sua visão de mundo a base para racionalidade do cotidiano das classes subalternas e, com isso, pactuarem, via Constituição, o balizamento da coexistência entre as classes. Incapazes de serem direção política e moral, restou às classes dominantes, na Nova República, a condição de predomínio ideológico, com a tutela militar como lastro para quaisquer eventualidades²⁰³. A contemplação constitucional de alguns direitos sociais não se traduzia em realidade²⁰⁴.

Com isto, podemos abordar o segundo aspecto específico da Nova República, no momento em que a greve na CSN se deu. Havia uma crise

seu monopólio do poder é a atrofia de sua potência política. Isto é, a verdade do deslimate de seu mando autárquico é a limitação de sua soberania atrofica", In "A Esquerda e a Nova República", Revista *Ensaio* 14, pp. IV e VII.

²⁰³ A discussão sobre hegemonia, em Gramsci, que buscamos como embasamento para estas considerações está em DIAS, Edmundo Fernandes, *Hegemonia: nova civiltà ou domínio ideológico?*.

²⁰⁴ A debilidade (de articularem uma versão democrática de sua dominação, cimentada por um pacto constitucional) das classes dominantes, à qual estamos nos referindo, pode ser verificada, também, pela ausência de um projeto constitucional para o país, quando da Constituinte, com os seus partidos mostrando incapacidade para elaborá-lo. Somente com a articulação do chamado *Centrão* apareceu um projeto referência. Efetivamente, o projeto do Centrão foi mais um sintoma da subserviência do Poder Legislativo ao Poder Executivo, uma das principais características da autocracia burguesa no Brasil, em sua variante civil com tutela militar. Florestan Fernandes, ao discutir um pouco da sua atuação como parlamentar, fez este balanço a respeito da concentração de poderes no Estado brasileiro: "... a medida provisória acabou se tornando um instrumento do arbítrio do poder presidencial, do poder imperial, da república autocrática. Esse é um bom exemplo: os poderes que deveriam ser independentes, autônomos, reciprocamente fiscalizados, acabam não o sendo, na medida em que só existe um poder verdadeiro e hegemônico, o executivo. Os políticos, por sua vez, não lutam contra isso, já que a grande maioria está muito mais presa ao executivo do que ao parlamento. O nexu oculto da dependência está no clientelismo. Quem dispõe de meios para dar ao político profissional e aos partidos - que são partidos da ordem - recursos para a reeleição e para ganhar eleições é o executivo. Assim, o poder de contestação do parlamento é mínimo. Este não tem como defender suas prerrogativas, nem apoio popular suficiente para ousar um passo à frente. Caso contrário, o executivo fecha as portas do legislativo". FERNANDES, F., *Constituinte e Revolução*, entrevista à Revista *Ensaio* 17/18, p. 129. Ainda sobre isto, Florestan Fernandes mostra que ordenamento constitucional - longe de ser a regulamentação *neutra*, acima das classes - é a expressão de que se faz necessário um mínimo de balizamentos nas sociedades divididas em classes. No contexto da Assembléia Nacional Constituinte, Florestan Fernandes referiu-se à sociedade brasileira como aquela que viveu "... um momento histórico dramático a esse respeito. De 1937 a 1964 foi preciso que as classes dominantes recorressem duas vezes ao golpe de Estado e à ditadura para superar sua incapacidade de avançar até uma Carta Constitucional efetivamente colada às exigências históricas que o grau de desenvolvimento capitalista alcançado impunha às relações de classes antagônicas. Em termos aproximados, tiveram de burlar a sociedade e usurpar a Nação na metade de quase seis décadas que compreendem a história do país de 1930 até hoje! Esse é um dado fundamental, que atesta não só que a Constituição não está acima das classes. Ele demonstra que vivemos em uma sociedade burguesa na qual a burguesia não aprendeu, no seu todo, a conviver com a normalidade constitucional. E esta não existe, a democracia é uma ficção ou uma mistificação grosseira e qualquer modalidade de regime republicano se corrompe em um fechar de olhos, convertendo-se em tirania indistigável, em despotismo dos de cima...", FERNANDES, F., op. cit., p. 17-19.

profunda de governabilidade e de representação política no governo Sarney. A isto se acrescentou a expectativa de superinflação. A idéia de *pacto social* era veiculada, na tentativa de impô-lo, basicamente pela grande mídia, com destaque para as organizações Globo, de propriedade do Sr. Roberto Marinho. A proposta de um pacto social permeou toda a Nova República. A CUT representou, a esse respeito, uma importante voz de denúncia do real significado que o pacto social teria para os trabalhadores: uma trégua em suas mobilizações contra as medidas de arrocho salarial, bem como um comedimento nas lutas por mecanismos e espaços de participação política mais efetivos e menos formais do que os suportados pela autocracia burguesa (quer em sua variante militar, quer naquela vigente na Nova República, caracterizada pela exclusão da maioria da população no ordenamento político e pela tutela militar)²⁰⁵.

Os trabalhadores da CSN, durante a greve de novembro, tinham em alguma medida a compreensão do papel que certos meios de comunicação desempenhavam com vistas à manipulação das informações. O momento em que o carro da Rede Globo foi tombado pelos operários, no tumulto provocado pela invasão do Exército, representou a repulsa dos trabalhadores à forma com que as empresas do Sr. Roberto Marinho abordavam a greve.

Um desdobramento - visto de maneira positiva por representantes do capital nacional e estrangeiro - verificado no seio do governo, com a greve em tela, foi a defesa de *saídas* para a *crise* da CSN, tais como a sua desativação ou, ainda, a sua privatização. O então Ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, foi um dos principais defensores da privatização da CSN, já naquele momento²⁰⁶. Porém, coube ao Presidente da CSN estar na linha de frente

²⁰⁵ Em contrapartida, o então presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, Luiz Antônio de Medeiros, mesmo lamentando a violência empregada pelo Exército, deixou claro que se manteria nas negociações do pacto social proposto pelo governo: "O que aconteceu em Volta Redonda é um retrocesso e vai influenciar de maneira negativa, pois tira um fator indispensável na negociação que é a confiança entre as partes". O dirigente sindical afirmou, porém, que as negociações sobre o acordo anti-inflacionário não serão interrompidas", O Globo, 11 de novembro de 1988.

²⁰⁶ "A situação da CSN foi discutida na reunião realizada ontem, no Palácio Alvorada, entre o Presidente Sarney, ministros de Estado e dirigentes de estatais. Segundo o relato do ministro Roberto Cardoso Alves, da Indústria e do Comércio, feito na reunião, a CSN teve um prejuízo de 40 milhões de

da proposta de privatização, obviamente falando muito mais do que pelas próprias convicções²⁰⁷.

Os desmandos administrativos, financeiros e políticos, na CSN²⁰⁸, correspondiam a uma forma de ser no trato da chamada *coisa pública*, vale dizer, a uma lógica de colocar o Estado a serviço de interesses particulares, no sentido do que se convencionou designar por *privatização do Estado*²⁰⁹.

A conciliação pelo alto (auto-reforma) gestada no crepúsculo dos governos militares e que pariu a Nova República não comportava o ascenso de mobilizações *fora da ordem*²¹⁰. O desenvolvimento capitalista no Brasil não

dólares nos oito dias de greve, além dos 400 milhões de dólares do ano, já que a empresa é deficitária. (...) Será discutida em breve a possibilidade da desativação parcial ou total da CSN, segundo informações do ministro", *Jornal do Brasil*, 16 de novembro de 1988.

²⁰⁷ "... o presidente da CSN se declarou a favor da privatização da empresa 'a contragosto', por considerar que mantendo-se como uma firma estatal a CSN irá sempre enfrentar problemas com a política de preços e salários, além de sofrer a ação do sindicato. (...) Embora reconheça que o prejuízo causado pela greve é irreversível, Juvenal Osório adiantou que a CSN 'vai fechar o ano com um lucro operacional de quase US\$ 100 milhões'. Mesmo assim, o presidente da CSN admitiu que, como vem acontecendo há 8 anos, a empresa terá um prejuízo financeiro de US\$ 400 milhões". *O Dia*, 24 de novembro de 1988.

²⁰⁸ O Anexo 5 traz um importante documento que analisa as raízes da propalada crise da CSN, revelador, inclusive, das negligências e intencionalidades no processo de sucateamento e endividamento da usina.

²⁰⁹ Uma matéria intitulada *CSN paga mais por equipamento errado*, publicada em 21 de julho de 1989, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, exemplifica o que queremos dizer: "A CSN comprou em 1987 um equipamento de soldagem pelo triplo do valor e fora das especificações da encomenda, admitiu o próprio presidente da empresa, Juvenal Osório. Dois anos antes, a CSN havia encomendado à empresa paulista Soltronic uma máquina ABST de 150 kVA, 'igual à adquirida pela Usiminas' (como constava do pedido), que seria instalada no laboratório de metalurgia para soldar pontas de bobinas ou chapas de aço. Mas o equipamento entregue foi uma máquina Schlater, que a Soltronic adquiriu de outra empresa paulista e que foi adaptada e reformada antes de ser encaminhada à CSN. A encomenda original foi feita com o preço do equipamento fixado em Cr\$ 850 mil. A que foi entregue custou igual quantia à CSN, apesar de a empresa Ultra, primeira proprietária, tê-la avaliado, mesmo depois das reformas, em um terço daquele valor. 'Em alguns casos a CSN deve estar sendo enganada mesmo', afirma Osório. Segundo ele, 'de vez em quando alguém cochila ou não tem conhecimento técnico suficiente para distinguir um equipamento e a empresa compra por lebre (...). Em uma empresa desse tamanho, a gente sabe que casos como esse acabam passando'. A empresa Soltronic já havia usado o mesmo expediente - de entregar máquina diferente das especificações do pedido em uma transação com a Caterpillar, que descobriu a fraude e rejeitou a encomenda".

²¹⁰ A respeito, incorporamos a seguinte análise sobre a construção da democracia no Brasil: "No oceano de tinta e saliva, que já se gastou na discussão pela construção da democracia no Brasil, há sintomaticamente um questão inabordada, que para mim é decisiva: quais são as condições de possibilidade para a edificação da democracia liberal? Elas se verificam no Brasil? Tenho insistido invariavelmente numa resposta negativa. Que abre para a única solução que me parece inscrita, de fato, nas virtualidades do caso brasileiro: entre nós a possibilidade de encarnação democrática está numa democracia da perspectiva do trabalho. Esta, decerto, é a que poderá vir a ser a responsável até mesmo pela instauração, de modo minimamente coerente e estável, das formas mais rudimentares das prerrogativas e instituições democráticas. Assinalo, com isso, que no Brasil democracia é impossível, enquanto governo do capital e desgoverno do trabalho; que o inverso disto é o solo a ser escavado se se

contempla a emergência de uma democracia (liberal, representativa) que incorpore direitos e liberdades fundamentais aos seus cidadãos. A cidadania (burguesa) aqui é inconcluída. As mobilizações aludidas foram o resultado, de um lado, do mundo da materialidade, onde a precariedade das condições de trabalho, o despotismo fabril, o estranhamento no processo de trabalho e a superexploração da força de trabalho se impunham na *sucursal do inferno*, e, de outro lado, dos avanços no plano organizativo e na capacidade que os dirigentes sindicais lograram em perceber, mesmo que parcialmente, determinações daquela materialidade²¹¹.

Os que autorizaram a intervenção militar buscaram estancar uma greve que, no limite, se converteu em movimento de luta pela democracia. Não a democracia acordada pelo alto, mas a enraizada nos que vendem a sua força de trabalho e em seus aliados. A dimensão política da greve ameaçava o cerne da política econômica, da malha que balizava a exploração econômica.

A greve e as eleições municipais de 1988

O Juarez Antunes, eleito deputado federal, em 1986, portanto, membro da Assembléia Nacional Constituinte, concorria às eleições daquele ano ao cargo de prefeito de Volta Redonda. Na preparação dos encaminhamentos para o início da greve, em uma reunião acontecida no domingo, dia seis de novembro (véspera, portanto), a maioria da diretoria do Sindicato ainda tentou pressionar para que a paralisação apenas começasse após o dia 15 de novembro. As lideranças intermediárias, os coordenadores das comissões e um setor minoritário da direção

busca a democracia: governo do trabalho e desgoverno do capital", CHASIN, J., "Poder, Política e Representação", Revista *Ensaio* 13, p. 228.

²¹¹ Sobre os nexos determinantes do capitalismo no Brasil, entendemos ser fecunda a contribuição de Chasin, cunhada na idéia de circuito institucional do capital, visto como "... totalizado pelas interconexões entre sociedade civil e estado, (que) inclui o papel forte do poder político na reprodução ampliada do capital, e, em sentido inverso, a modalidade pela qual a sociabilidade do capital representa e reproduz a formação política dominante segundo sua própria imagem. (...) a sociedade civil, estruturada em torno do poder do capital, garante com isso a dominação capitalista sobre o estado político e com a mediação deste sobre o conjunto da sociedade", CHASIN, J., op. cit., p. 226.

do Sindicato foram os responsáveis pelo prosseguimento das deliberações tiradas na assembléia do dia quatro²¹².

Assim, as eleições municipais aconteceram em meio à greve na CSN. O ascenso de candidaturas de esquerda, particularmente do Partido dos Trabalhadores, preocupava empresariado, governo e, como não poderia deixar de ser, militares. Episódios anteriores, como a explosão da bomba no Riocentro²¹³, embasam a avaliação, segundo a qual a operação militar na CSN, em novembro de 1988, pode ter sido um ensaio golpista na conjuntura, que só foi barrado pelas ressonâncias que aquela greve produziu²¹⁴.

A propósito, o deputado federal pelo PMDB, Ulysses Guimarães, qualificou a intervenção militar como uma grande provocação para tumultuar a eleição municipal, dizendo, ainda, que foi uma "... afronta à Constituição, em que o governo mais uma vez foi a reboque dos acontecimentos por falta de pulso, de energia e de decisão"²¹⁵. Na verdade, não faltaram ao governo pulso, energia e decisão; antes, sobraram-lhe tais atributos para agir com a chancela própria da autocracia. O governo Sarney conviveu com uma espécie de *gabinete militar paralelo*, reunindo os generais Bayma Denis, Ivan Mendes e Leônidas Pires Gonçalves que representavam o alto comando da tutela militar.

Luís Inácio Lula da Silva, presidente nacional do PT e também deputado constituinte, recuperou um pouco do processo na Assembléia Nacional Constituinte, em que a questão das Forças Armadas ficou intocável com relação ao que já vinha sendo praticado pelo regime militar e também nos primeiros anos da Nova República:

²¹² Cf. VEIGA, S. & FONSECA, I., op. cit., p. 209.

²¹³ Cf. GRAEL, Dickson M., *Aventura, corrupção e terrorismo à sombra da impunidade*, Petrópolis, Vozes, 1985.

²¹⁴ As edições de 16 de novembro de 1988 de O Globo e de 18 de novembro de 1988 da Folha de São Paulo veicularam matérias e artigos sobre a ameaça às eleições representadas pelas movimentações militares.

²¹⁵ Jornal do Brasil, 11 de novembro de 1988. Ulysses Guimarães, para não participar de uma reunião do Conselho de Defesa do Estado, convocada pelo Presidente Sarney, ausentou-se de Brasília, viajando a São Paulo.

"... muito lutamos, na Constituinte, para restringir o poder das Forças Armadas aos limites que devem marcar sua atuação numa sociedade verdadeiramente democrática: a defesa das fronteiras do país contra eventuais inimigos externos, o combate ao tráfico de drogas e ao contrabando, a preservação das riquezas naturais contra a depredação especulativa. O governo Sarney, a direita, o próprio lobby militar, os oportunistas e os fisiológicos, com ameaças e subornos, conseguiram manter a indevida tutela das Forças Armadas e seu injustificável poder de polícia nos conflitos trabalhistas..."²¹⁶.

De qualquer maneira, o resultado daquelas eleições apontou para vitórias de candidatos de esquerda em cidades relevantes, como São Paulo (Luíza Erundina-PT), Campinas (Jacó Bittar-PT), Santos (Telma de Souza-PT), Porto Alegre (Olívio Dutra-PT) e Volta Redonda (Juarez Antunes-PDT). Entendemos que há procedência em se identificar um impulso à vitória dessas candidaturas, a partir da greve na CSN²¹⁷. Até porque o PMDB, grande vencedor em 1986, sofreu uma fragorosa derrota dois anos depois. E o PMDB era, apesar das participações do PFL e do PTB, a coluna vertebral da Nova República, no aspecto partidário²¹⁸. O repúdio popular à Nova República, principalmente nos grandes centros urbanos e em cidades de importância estratégica, como Volta Redonda, avolumou-se com a divulgação do massacre militar na CSN, adquirindo concretude também pelo voto.

No caso de Volta Redonda, Juarez se elegeu com cerca de 60% dos votos, o PDT fez sete dos 21 vereadores e o PT três²¹⁹. A vitória de Juarez determinou que uma espécie de *tripé* estivesse comprometido com os interesses dos

²¹⁶ Folha de São Paulo, 14 de novembro de 1988.

²¹⁷ Na fala do Juarez: "Se o objetivo foi perturbar as eleições no território nacional, o tiro saiu pela culatra, porque Volta Redonda influenciou as eleições por este Brasil afora. Todo mundo sabe disto e tudo isso ocorreu sem que nós o tivéssemos preparado. Nós preparamos uma greve visando alguns direitos, mas parece que Volta Redonda marcou, com este movimento, sinceramente, o início das transformações sociais e políticas neste país", ANTUNES, J., *A explosão da siderúrgica*, p. 306.

²¹⁸ O Jornal do Brasil, de 9 de novembro de 1989, apresentou matéria intitulada "Invasão Repudiada pelo Voto Democrático", onde a questão do impulso dado pela greve, na CSN, à vitória da oposição foi discutida.

²¹⁹ Cf. MANGABEIRA, W., op. cit., p. 140.

trabalhadores em Volta Redonda: o Sindicato dos Metalúrgicos, a Igreja e a Prefeitura.

A gestão de Juarez, à frente da Prefeitura de Volta Redonda, durou apenas 51 dias. Em 21 de fevereiro de 1989, ele morreu em um acidente de automóvel, ainda hoje interpretado, por muitos de seus companheiros e amigos, como suspeito e não esclarecido devidamente.

Reações políticas à qualidade política da greve

O movimento grevista, no período, galgou, inequivocadamente, significação política. Estava em curso uma experiência de articulação nacional entre petroleiros e eletricitários e o que se esboçava com a radicalidade e a qualidade da greve, na CSN, era uma greve geral, com grandes chances de ser mais expressiva do que as anteriores.

As greves vinham sendo cuidadosamente observadas e analisadas pela cúpula governamental da Nova República, o que implicava em abordagem com ampla participação do generalato. A greve de Volta Redonda mereceu especial atenção do primeiro escalão exatamente pela sua **qualidade política**. O confronto que teve palco, na CSN, apresentava uma liderança por parte dos operários em níveis singulares. Isto dentro de uma tendência de ascensão de projetos político-partidários comprometidos com os interesses dos trabalhadores, projetos estes plasmados em suas organizações.

Alguns aspectos são evidenciadores da qualidade política da greve na CSN. Em primeiro lugar, houve uma ampla mobilização da população da cidade - e mesmo de municípios vizinhos, em torno da greve. Esta não era desenvolvida em sua processualidade apenas pelos operários, mas sim por muitas mulheres, crianças, jovens estudantes, como no caso do piquete de duas mil pessoas que foi alvo da violência militar, no dia da invasão da usina, por parte do Exército.

Todavia, é preciso reconhecer que o movimento sindical, fora de Volta Redonda, mais especificamente o inspirado na Novo Sindicalismo e articulado na

CUT, não produziu uma sustentação condizente com a importância daquela greve. Ficou-se muito mais em manifestações de retórica. Apenas os agentes mais envolvidos diretamente no processo (como as entidades presentes na Frente Sindical-Popular) responderam com a energia correlata à violência empregada e ao peso político do movimento dos operários da CSN.

Os operários demonstraram, em toda a greve, disposição para resistir e organização intensa para, quando fosse necessário, defender, preservar e até mesmo dirigir a usina. Além de terem ampliado o eixo do movimento, quando articularam, juntamente com a Frente Sindical-Popular, protestos contra a privatização da CSN. Tudo isto com os operários, através de suas lideranças e entidades, mantendo a direção do movimento. A greve dos trabalhadores da CSN, em 1988, revelou-se como rica experiência da transformação da luta econômica em luta política. Seu caráter explosivo estava no ardor combativo com que base e direção articulavam passos, estratégias e momentos deliberativos.

Os trabalhadores haviam aprendido com experiências passadas. O que se viveu naqueles 17 dias de confronto foi uma situação de controle operário da usina. Wagner Barcelos, que foi o coordenador do revezamento para a salvação dos altos fornos²²⁰, resumiu assim o controle operário ao qual fazemos alusão: "Nada de chefes. Sabemos o que fazer. Queremos a chefia o mais longe possível de nós. Mandem cigarros e refeições"²²¹.

Wanderlei Barcelos, o vereador mais votado pelo PT de Volta Redonda, em 1988, disse que

"não foi uma greve como outra qualquer. O Exército era o de sempre. As forças de repressão cumpriram o papel de proteger os interesses patronais de classe. Os trabalhadores é que mudaram. Dissemos **não**. Mantivemos a greve. Mexemos

²²⁰ Wagner Barcelos de Souza era um operário altamente qualificado, com nível de engenheiro pelos seus conhecimentos técnicos. Ao longo de 36 horas, para o forno 1, e 16 horas, para o forno 2, Wagner chefiou as turmas de 85 homens, que se revezaram em turnos de 12 horas. Wagner revelou ser uma espécie de *intelectual condensado*, expressão que designa a síntese entre intelectual orgânico e organizador da produção.

²²¹ Jornal Em Tempo, Dezembro/Janeiro 1989, p. 11.

com o Brasil inteiro a despeito dos assassinatos e da baderna promovida pelos invasores armados até os dentes. Restabelecemos a nossa ordem. Ocupamos a cidade enquanto o Exército e a Política Militar se encolhiam dentro da usina. Exigimos a saída dos militares antes de entrarmos nela de volta. Assim a baderna teve um fim e mantivemos a mesma força e luta. Experimentamos o poder de ditar algumas ordens aos patrões. Nós, trabalhadores, aprendemos com a nossa luta que o poder dos trabalhadores não é apenas um sonho, mas pode ser realizado plenamente e oferecerá uma alegria maior para toda a população. Rumo ao poder dos trabalhadores! Viva o Partido dos Trabalhadores!"²²².

A CUT, em manifesto lançado no dia 10 de novembro, apontava para a concomitância de outras greves e para o objetivo governamental de tentar obstaculizar a vontade popular que estaria por se manifestar no pleito municipal que se avizinhava²²³. O Partido dos Trabalhadores também se pronunciou no mesmo sentido.

Quarenta e duas entidades cristãs, entre elas a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, subscreveram um documento intitulado *Cristãos repudiam massacre de operários em Volta Redonda*, onde, após uma análise da crise econômica, da sangria imposta pelo pagamento dos serviços da dívida externa e do boicote empresarial para com o congelamento de preços, foi denunciada a falácia do pacto social e defendida a realização das eleições municipais. Também no campo religioso, a compreensão dos impactos políticos da greve na CSN esteve presente.

O pensamento dos setores mais conservadores se expressava, além das versões e análises governamentais, através de inúmeros editoriais da grande imprensa escrita, onde as reiteradas acusações de manipulação do movimento por parte de agitadores com interesses nas eleições, mesclavam-se a duas questões cruciais, do ponto de vista político. A primeira referente aos riscos que o pacto

²²² Jornal Em Tempo. Dezembro/Janeiro 1989, p. 12.

²²³ Os documentos de apoio e solidariedade à greve, bem como as posições governamentais e dos meios de comunicação social, aos quais nos referimos a partir deste ponto, estão transcritos no Anexo 7.

social corria com o confronto na CSN. Ou seja, a alternativa governamental e das classes dominantes para a conjuntura de fato foi afetada gravemente pela greve, em Volta Redonda. O segundo alvo prioritário do empresariado e do governo era a articulação sindical que buscava a unificação das datas-base de todas as categorias de trabalhadores, provavelmente para o dia 1º de maio. Essa pretensão poderia se efetivar, justamente com um impulso às mobilizações de trabalhadores incentivadas com o êxito da greve, na CSN²²⁴.

O governo, através do então Ministro da Justiça, Paulo Brossard, fez pronunciamento em rede nacional de televisão e rádio, onde prevaleceram a desfaçatez, o cinismo e - mais do que isto - a ameaça de que o passado recente (subentenda-se regime militar) poderia voltar, uma vez que as condições de instabilidade da "ordem constitucional" estariam colocadas. Retomamos o que afirmamos alhures: a Nova República não comportava o crescimento de mobilizações críticas à sua ordem, à sua natureza autocrática e aos interesses de classe que lhe eram subjacentes.

Uma menção final ratifica que a qualidade política da greve provocou evidentes reações, também políticas. Após o término da greve, o Sindicato e a Prefeitura encomendaram, ao arquiteto Oscar Niemeyer, um projeto de memorial, em homenagem aos jovens operários assassinados pelo Exército. No dia da sua inauguração, 1º de maio de 1989, a população respondeu ao convite do Sindicato e da CUT. O memorial simbolizava a resistência operária em Volta Redonda. Na madrugada do dia seguinte, uma bomba potente da IMBEL (que apenas o Exército podia utilizar) detonou o memorial, sendo que uma segunda bomba foi encontrada em uma mochila, também de propriedade do Exército, nas imediações do memorial. A tutela militar - expressão do caráter autocrático da Nova República - novamente havia deixado a caserna e se fazia presente, com a

²²⁴ A clareza com que a burguesia encarava os riscos (para o seu projeto de sociedade) de tal unificação apareceu quando, no editorial de *O Globo*, do dia 12 de novembro, a simultaneidade para as negociações dos reajustes salariais foi assim interpretada: "... significaria o palco armado para o caos nas relações trabalhistas e a perspectiva absoluta das atividades do País, sob as ordens de um comando de intenção revolucionária...".

consciência do dever cumprido: minar a emergência da resistência operária que Volta Redonda houvera experimentado, em 1988. O Memorial foi reconstruído e mantém, até hoje, as marcas do terrorismo de direita, aquele que pretendeu impedir o registro arquitetônico do significado político da greve de novembro de 1988, na CSN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação apresentada nos três capítulos trouxe o essencial da pesquisa que realizamos. Queremos apenas pontuar os principais resultados a que chegamos com ela.

A greve, que teve vez em novembro de 1988, na CSN, correspondeu a um movimento de cobrança dos operários: cobrança de reposição das perdas salariais, do fim do insuportável clima de repressão e despotismo fabris, de direitos assegurados pela própria Constituição e de revisão das demissões aplicadas sobre trabalhadores e lideranças sindicais, em decorrência de participação em outras greves.

Profundamente marcada, em sua gênese, pela luta contra a superexploração da força de trabalho, a paralisação contou com um processo intenso de preparação por parte das comissões clandestinas (autônomas) que, a partir da impossibilidade da presença de diretores sindicais na CSN, assumiram e aprofundaram o trabalho de formação, organização e politização dos operários. Se a espontaneidade dos trabalhadores imprimiu um ritmo acelerado à deflagração da greve, ela teve um profundo significado político, exatamente porque foi dirigida politicamente, ou seja, adquiriu

claros contornos de confronto com o aparato de Estado, implicou crítica aguda ao cerne da configuração econômica do período (precisamente porque se contrapôs à política de arrocho salarial). Seu significado político também se evidenciou pela luta democrática em que se converteu. Não nos duvidosos, estreitos e formais "compromissos" democráticos das classes dominantes brasileiras, mas na luta pelo aprofundamento e ampliação dos direitos sociais. A natureza autocrática da Nova República veio à tona de maneira inequívoca, bem como o papel de tutor, desempenhado pelas Forças Armadas.

Essa greve ensejou, ainda, a explicitação do real sentido inscrito na proposta patronal e governamental do Pacto Social, isto é, contenção das mobilizações dos trabalhadores que, outrossim, deveriam moderar suas pretensões políticas. A "gradual, lenta e progressiva" transição "democrática" revelou ser, como de outras vezes, uma reforma pelo alto, um pacto das classes dominantes, com a preservação de práticas autocráticas, sob a tutela militar.

Pelo salto qualitativo que a greve deu após a invasão do Exército, adquirindo o confronto uma outra dimensão, com o engajamento da população de Volta Redonda, sob a direção política dos operários, na defesa das reivindicações dos trabalhadores e no firme contraponto que se estabeleceu às já fortes pretensões governamentais de privatização da CSN, **é possível concluir que Volta Redonda foi palco de uma greve vitoriosa e de significação política, produzindo expressivos impactos, inclusive no âmbito eleitoral. Tratou-se de uma vitória ensejada e tornada possível a partir da truculência militar. Os operários, além de conquistarem parcialmente suas reivindicações, impuseram uma derrota ao Exército, que se curvou à exigência operária de retorno ao trabalho apenas com a saída das tropas do interior da CSN.**

BIBLIOGRAFIA

I - LIVROS, ARTIGOS E TESES

- ALMEIDA, Maria Herminia T. de. "O Sindicalismo Brasileiro entre a Conservação e a Mudança", In: SORJ, B. & ALMEIDA, M. H. T. de (orgs.). **Sociedade e Política no Brasil pós-64**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- ANDERSON, Perry. "Alcances y Limites de la Acción Sindical". In: **Economia y Política en la Acción Sindical** (vários autores), Cuadernos de Pasado y Presente 44. México, Siglo XXI, 1978.
- ANTUNES, Juarez. A explosão da Siderúrgica. **Revista Ensaio**, São Paulo, 17/18: 297-306. Ensaio, 1989.
- ANTUNES, Ricardo. **Classe operária, sindicatos e partido no Brasil - um estudo sobre a consciência de classe: da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora**. São Paulo, Cortez, 1982.
- _____. **O novo sindicalismo**. São Paulo, Scritta Oficina, 1991.
- _____. **A Rebeldia do Trabalho - o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/1980**. São Paulo, Ensaio/Ed. Unicamp, 1988.
- BENSAID, D. & NAIR, A.. "A propósito el Problema de Organización: Lênin y Rosa Luxemburg". In: **Teoria Marxista del Partido Político II** (vários autores), Cuadernos de Pasado y Presente 12. Argentina, Siglo XXI, 1972.
- BLASS, Leila Maria da S.. **Estamos em greve! - imagens, gestos e palavras do movimento dos bancários**. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BOITO JR., Armando. **O Sindicalismo de Estado no Brasil - uma análise crítica da estrutura sindical**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, Hucitec, 1991.
- _____. (org.). **O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, 1989. **Arigó, o pássaro que veio de longe**. Coleção trabalhadores em Luta, n. 1. CEDI, Rio de Janeiro.
- CHASIN, José. A Esquerda e a Nova República. **Revista Ensaio**, São Paulo, 14: I-XV, São Paulo, 1985.
- CHASIN, José. Poder, Política e Representação - Três supostos e uma hipótese constituinte. **Revista Ensaio**, São Paulo, 15/16: 225-232. Ensaio, 1986.
- COUTINHO, Carlos N.. **Gramsci - um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- DIAS, Edmundo F.. **Democracia Operária**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.

_____. "Hegemonia: nova civiltà ou domínio ideológico?". In: **Revista História & Perspectivas** 5. Uberlândia, Editora da UFU, 1991.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR-DIAP. **Quem foi quem na Constituinte - nas questões de interesse dos trabalhadores.** São Paulo, Cortez - Oboré, 1988.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo, Global, 1985.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930 - Historiografia e História.** São Paulo, Brasiliense, 1976.

FERNANDES, Florestan. **A Constituição Inacabada - vias históricas e significado político.** São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

_____. **Constituinte e Revolução.** *Revista Ensaio*, São Paulo, 17/18: 123-158, Ensaio, 1989.

_____. **Que tipo de República?** São Paulo, Brasiliense, 1986.

_____. **A Revolução Burguesa no Brasil.** Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GRAEL, Dickson M. **Aventura, Corrupção e Terrorismo - à sombra da impunidade.** Petrópolis, Vozes, 1985.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno.** 6 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Antologia.** Sacristan, M. (Selección, traducción y notas). España, Siglo XXI Editores, 3a. ed., 1977.

_____. **O Conselho de Fábrica.** *Revista Cara a Cara*, Petrópolis, 2: 169-173. Vozes, julho/dezembro de 1978.

_____. **Sindicalismo e Conselhos.** *Revista Cara a Cara*, Petrópolis, 2: 165-169. Vozes, julho/dezembro de 1978.

_____. **Sindicatos e Conselhos.** *Revista Cara a Cara*, Petrópolis, 2: 161-165, 173-177. Vozes, julho/dezembro de 1978.

GRAMSCI, Antonio, & BORDIGA, Amadeo. **Conselhos de fábrica.** São Paulo, Brasiliense, 1981.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado - para além do socialismo.** Rio de Janeiro, Forense, 1982.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

HOBSBAW, Eric J. **Os Trabalhadores - estudo sobre a História do Operariado.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

- KAUTSKY, Karl. "Y a Hora Qué?". In: **Debate Sobre la Huelga de Masas** (vários autores), Cuadernos Pasado y Presente 62. México, Siglo XXI, 1978.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas, Papirus, 1986.
- LÊNIN, Vladimir I. **O Estado e a Revolução**. São Paulo, Global, 1987.
- _____. **Obras Escolhidas**. 3 ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1986.
- _____. **Sobre os Sindicatos**. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- _____. **Que fazer? - as questões palpitantes do nosso movimento**. São Paulo, Hucitec, 1986.
- LINHART, Robert. **Greve na Fábrica**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Greve de massas, partido e sindicatos**. Coimbra, Centelha, 1974.
- _____. "Desgaste o Lucha?". In: **Debate sobre la Huelga de Masas** (vários autores), Cuadernos Pasado y Presente 62. México, Siglo XXI, 1978.
- _____. "La Causa de la Derrota". In: **Debate sobre la Huelga de Masas** (vários autores), Cuadernos Pasado y Presente 62. México, Siglo XXI, 1978.
- _____. "Y por Tecera Vez El Experimento belga". In: **Debate sobre la Huelga de Masas** (vários autores), Cuadernos Pasado y Presente 62. México, Siglo XXI, 1978.
- LUKÁCS, Georg. As bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. **Revista Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, 4: 1-18. Ciências Humanas, 1978.
- MANGABEIRA, Wilma. **Dilemas do Novo Sindicalismo - Democracia e Política em Volta Redonda**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: ANPOCS, 1993.
- MARONI, Amnéris. **A estratégia da recusa - análise das greves de maio/78**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política**. Livro 1, volumes I e II. 10 ed. São Paulo, Difel, 1985.
- _____. **Miséria da Filosofia**. São Paulo, Grijalbo, 1976.
- _____. "Para a crítica da Economia Política". In: **Marx (Coleção Os Pensadores)**. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. São Paulo, Alfa-Omega, s/d.
- _____. **MARX/ENGELS - História**. FERNANDES, Florestan (org.). São Paulo, Ática, 1983.
- MÉSZÁROS, István. "Conciencia de Clase Contingente y Necesaria", In --- (org.), **Aspectos de la Historia y la Conciencia de Clase**. México, UNAM, 1973.

MOREL, Regina Lúcia de M. **A Ferro e Fogo - construção e crise da família siderúrgica: o caso de Volta Redonda (1941-1968)**. Tese de Doutorado apresentada na USP. São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, Francisco. "Crítica à Razão Dualista", In: **Seleções Cebrap I**. São Paulo, Brasiliense, 1975, pp. 30/31.

POULANTZAS, Nicos. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

RAMALHO, J. Ricardo. **Estado, patrão e luta operária, conflito de classe na Fábrica Nacional de Motores**. São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 410 p., 1986.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens entraram em cena - experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SAES, Décio. **Classe Média e Sistema Político no Brasil**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1984.

SILVA, Ligia. **Movimento Sindical Operário na Primeira República**. Tese de Mestrado, Unicamp, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1973.

SOUZA, Angela Tude de. **Sobre o Americanismo e Fordismo de Antonio Gramsci**. Textos Didáticos 5. Campinas, Gráfica do IFCH/UNICAMP, 1992.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o Guardião da Memória Circulista (1947-1958)**. Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1992.

TRONCA, Ítalo. "Agentes da industrialização: entre as armas e Volta Redonda (1930-1942)", In: FAUSTO, B. (org.) **O Brasil Republicano**. 2 ed. São Paulo, Difel, 1983. t. 3.

VEIGA, Sandra M. & FONSECA, Isaque. **Volta Redonda, entre o aço e as armas**. Petrópolis, Vozes, 1990.

VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

II - FONTES

A) Documentos e Jornais Sindicais

BOLETIM do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1988-1989).

VERDADE - Órgão Oficial do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1986-1989).

PAGOU PARA VER E VIU! - Acordo Coletivo (1984)

B) Arquivo

Coleção Volta Redonda. Arquivo Edgard Leuenroth - Centro de Pesquisa e Documentação Social, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP.

C) Jornais e Revistas

FOLHA DE SÃO PAULO (1988-1989)

O ESTADO DE SÃO PAULO (1988-1989)

JORNAL DO BRASIL (1988-1989)

O GLOBO (1988-1989)

JORNAL DA TARDE (1988-1989)

ISTO É (1988-1989)

VEJA (1988-1989)

EM TEMPO (1988-1989)

BOLETIM NACIONAL DO PT (1988)

BOLETIM DA CUT (1988-1989)

D) Video

COUTINHO, Eduardo, **Volta Redonda - Memorial da Greve**, ISER Vídeo, 1989.

ANEXOS

ANEXO I

Documento da CSN sobre o sentido da sua criação²²⁵

"Dentro de alguns meses, a usina de Volta Redonda entrará em fase de produção. Primeiro, a coqueria. Depois, o alto forno. Em seguida será a aciaria. E mais tarde as unidades de laminação. Estará criado, já, na elite brasileira, o clima suficiente para compreender o quanto representa a grande usina da Companhia Siderúrgica Nacional nos quadros da nossa economia? Compreenderá o nosso povo o teor de sua independência econômica que teremos assegurado? Efetivamente, confessemos: não há ainda preparação siderúrgica. Com a primeira corrida que se fizer do alto forno teremos assentado o marco definitivo da nossa industrialização. Pensemos alto e largo: importando máquinas para as nossas manufaturas, importando tratores e máquinas agrícolas, estaremos sempre marcando passo. Em dia com o progresso e a técnica num ano e em atraso no ano seguinte. Carecemos de fazer as nossas máquinas matrizes, máquinas de fazer máquinas. Volta Redonda tornará possível semelhante coisa. Chapas para construção de navios, trilhos para estender a rede ferroviária, chapas galvanizadas, folhas de fiandres, perfilados, vergalhões, tudo enfim que seja produto de siderurgia pesada sairá daquele parque siderúrgico, inclusive o material para futuros altos fornos. O empreendimento em si paira acima de qualquer pretexto político. É nacional, a gigantesca obra que se vê hoje no vale do Paraíba, tão ligado, desde o Império aos fastos de nossa economia. Por ele, outrora, esparramava-se a onda verde dos cafezais, entremeada com os ricos palácios da nobreza rural, ligada à terra pelas próprias raízes dos seus cafeeiros. O café exauriu a terra e seguiu em busca da terra roxa. Os baronatos, condados e marquesados ruíram com a monarquia. Os palácios ficaram para a obra demolidora do tempo, restos de uma economia essencialmente agrícola. Volta Redonda é o símbolo de uma idade nova. O marco zero de uma nova era que se afirma, como uma afirmação do próprio Brasil. Ali se encontrarão o minério rico das montanhas de Minas Gerais e o carvão arrancado do ventre da terra de Santa Catarina. Purificados pela fusão, fundidos num só corpo, correrão pelas calhas do alto forno como o sangue novo de nossa economia, não mais essencialmente agrícola, porém fundamentalmente agro-industrial. Volta Redonda é, além de

²²⁵ Companhia Siderúrgica Nacional, s/d, Volta Redonda.

tudo, um ponto de partida para a compreensão do que seja organização industrial. Com a usina nasceu uma cidade, construída sob os rigores da técnica urbanística aplicada. tudo é feito pela fixação do homem. E o homem, em Volta Redonda, que dá o tributo da sua inteligência e do seu suor à sua obra, considera aquilo um pouco seu, de concepção e de pose. Trata a usina com intimidade. Visitar Volta Redonda, compreender a sua significação no futuro brasileiro, deveria entrar no programa dos homens conscientes do Brasil, aqueles a quem cumpre transmitir à massa a legítima consciência de nossa independência econômica".

ANEXO 2

O registro da violência nas ruas de Volta Redonda

- "Várias lojas nas imediações - que haviam fechado com o início das hostilidades - tiveram suas vidraças quebradas. (...) Diversas pessoas foram atendidas nos hospitais da cidade. No Santa Margarida, foram socorridos o soldado do 22º Batalhão de Infantaria Montada do Exército, Edson Bragança da Cruz, de 18 anos e Rosemary Aparecida da Cruz, de 25 anos. Eles sofreram intoxicação causada pela explosão de bombas de gás lacrimogêneo. No hospital da CSN, até 21 h, já haviam sido atendidas 52 pessoas, a maioria atingida por pedras e que não constaram da relação de feridos"²²⁶;

- "A situação ficou tão tensa que as tropas do Exército jogaram bombas de gás lacrimogêneo em direção a crianças. Na rua 25-A, os militares fizeram barricadas de fogo para impedir a passagem dos metalúrgicos e as portas do clube dos funcionários da siderúrgica foram quebradas pelos militares"²²⁷;

- "O presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremerj), Laerte Andrade Vaz de Melo, esteve ontem em Volta Redonda para visitar os operários ainda internados no Hospital da CSN. Laerte Melo mostrou-se consternado com o estado de saúde dos metalúrgicos: Elvécio Goulart Alves, 3, baleado na mão direita, está ameaçado, segundo o presidente do Cremerj, de perder os movimentos; Dinaldo Andrade Bandeira, 40, sofreu traumatismo no olho esquerdo e afundamento do crânio; e Adilson de Oliveira Lancheim, 29, com um tiro no fêmur da perna esquerda, já submetido a duas cirurgias, poderá sofrer atrofia. 'Os trabalhadores foram feridos, mas a democracia está fraturada', disse Laerte Melo"²²⁸;

- "As marcas da violência de quarta-feira passada eram ontem visíveis em vários pontos de Volta Redonda. Na Praça Brasil, no bairro de Vila Santa Cecília, a cerca de 800 metros da usina da CSN, uma agência do Banco do Brasil teve suas vidraças quebradas a pedradas. No Siber Palace Hotel, próximo da agência, e na Caixa Beneficente dos Funcionários da CSN, as vidraças também foram quebradas. A exibição do filme *Duro de matar*, no cinema 9 de Abril, na Rua 14, uma das principais do Centro de Volta Redonda, foi interrompida às 20h de quarta-feira. Um grupo de grevistas tentou entrar no cinema, fugindo da perseguição dos policiais. Vidraças e cadeiras foram quebradas e a fachada do

²²⁶ Folha de São Paulo, 10 de novembro de 1988.

²²⁷ O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 1988.

²²⁸ Jornal do Brasil, 13 de novembro de 1988.

cinema está marcada pelas balas disparadas pelos PMs. O clube dos funcionários da CSN, ao lado do cinema, foi danificado"²²⁹ ;

- "O conflito com as tropas de choque do Exército e da Polícia Militar destruiu o posto de gasolina 9 de abril. O funcionário da prefeitura, Elias Oliveira Souza, foi atingido por um golpe de baioneta na altura do coração, por um soldado do Exército, e está hospitalizado. Jornalistas fotógrafos e cinegrafistas foram espancados durante a ação militar, e o repórter fotográfico de **O Dia**, Oswaldo Prado, teve o braço fraturado. Um carro da Rede Globo foi destruído pelos manifestantes, mas policiais do Exército também destruíram um fusca branco a pontapés na porta principal da usina da CSN. O general José Luis Lopes da Silva, comandante da 1a. Brigada de Infantaria Motorizada de Petrópolis, que está em Volta Redonda, não divulgou o número do efetivo nas ruas, mas garantiu ser 'suficiente para cumprir a missão' (cerca de dois mil homens)"²³⁰

- "... entre os internados - um total de 11 - o caso mais grave é o de Vítor Adriano Vicente da Silva, 16 anos, submetido a duas cirurgias na Casa de Saúde Santa Margarida. Ele contou ter sido atingido na rua, por um tiro disparado por um homem que saiu de dentro de um Opala preto. A bala, disparada pelas costas, atingiu o intestino e a bexiga de Vítor"²³¹ .

²²⁹ Jornal do Brasil, 11 de novembro de 1988.

²³⁰ O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 1988.

²³¹ O Estado de São Paulo, 11 de novembro de 1988.

ANEXO 3

Comunicado do Exército sobre o confronto com os operários

"Para que os deploráveis acontecimentos na Usina de Volta Redonda sejam conhecidos e corretamente interpretados em todos os seus aspectos essenciais, o Centro de Comunicação Social do Exército presta aos meios de comunicação e ao público em geral os esclarecimentos que se seguem. Todos reconhecem que a greve é um direito constitucional, mas o ocorrido na CSN não se ateve a um movimento trabalhista. A ocupação pela força das instalações e a ação agressiva de piquetes caracterizaram um clima de desordem, com sérios danos ao patrimônio e à economia nacionais. Na suposição de tratar-se de mais um movimento reivindicatório, foi deslocada a mesma tropa que, em vezes anteriores, conseguiu obviar os inconvenientes assinalados sem chocar-se com os grevistas. Desta feita, lideranças cujos objetivos eram a provocação do confronto e a quebra da princípio da autoridade, e não apenas a defesa de reivindicações trabalhistas, criaram uma ambiente de hostilidade, insuflando-a até atingir seu real objetivo: a confrontação. Na escalada que estes falsos líderes trabalhistas engendraram e executaram, a tropa foi recebida com agressões verbais e barrada no seu intento de desocupara a usina com ações hostis bem coordenadas em que, crescentemente, das pedradas e golpes com barras de ferro passou-se ao arremesso de coquetéis Molotov, uso de piques e também disparos de armas de fogo: uma verdadeira operação de guerrilha urbana. Para cumprir a missão de defesa do patrimônio público, determinada pelo governo de modo claro e legal, tornou-se imperioso reforçar a tropa com outros efetivos, inclusive da Polícia Militar. No cumprimento da ordem de desocupação e para defender-se da violência das agressões, as tropas viram-se compelidas a enfrentar os agressores de modo também violento. As vítimas resultantes são, em verdade, vítimas daqueles que, liderando arruaceiros profissionais e insuflando trabalhadores, urdiram e executaram um plano em que o choque - por eles mesmos desejado e provocado - é apenas uma fase. A próxima será, sem dúvida, a exploração dos acontecimentos com versões tendenciosas em que os provocadores vão-se apresentar como líderes trabalhistas que não são, *denunciando* as violências que desejaram, planejaram e promoveram. O episódio, dos mais lamentáveis, só poderia ser evitado se aqueles que o provocaram tivessem buscado a consecução de seus propósitos pela via democrática, pelo respeito à lei e aos bens públicos. O Brasil não pode deslizar pelo plano inclinado da desordem. Este não é o caminho desejado pela maioria dos brasileiros. É uma senda equivocada que o governo e a

Nação estão determinados a evitar. Estejam todos certos de que o Exército cumprirá sempre que as circunstâncias exigirem, com as ações adequadas, por duras que sejam, sua missão constitucional - a garantia da lei e da ordem".

ANEXO 4

A Era Urutu (intervenções militares em greves na Nova República)

"O confronto entre metalúrgicos da CSN e soldados do Exército fez da operação em Volta Redonda a mais violenta intervenção das Forças Armadas em movimentos grevistas desde a instalação da Nova República, em março de 1985 - um período que também poderia ser chamada de *Era Urutu*, dada a persistente presença desse carro de combate nesse tipo de empreendimento. A relação das principais intervenções militares em movimentos grevistas, nestes últimos anos é a seguinte: **Siderurgia Nacional** - em 15 de janeiro deste ano, tropas da 22a. Brigada de Infantaria Motorizada, com sede em Barra Mansa, invadiram a CSN, após quatro dias de greve, e expulsaram cerca de 300 militantes do Sindicato dos Metalúrgicos. No dia 29 de maio, a usina voltou a ser ocupada pelo Exército. Desta vez, participaram da intervenção mais de 600 homens de três unidades do Exército, apoiados por 10 carros de combate; **Rede Ferroviária** - Barra do Pirai (RJ), o mais importante entroncamento ferroviário do país, passagem obrigatória de todos os trens no eixo São Paulo-Rio-Belo Horizonte, foi ocupada pela 22a. Brigada de Infantaria Motorizada, com apoio de carros de combate, no dia 9 de fevereiro deste ano. Os militares foram deslocados para garantir o abastecimento de minério de ferro para a CSN e tomaram as oficinas de manutenção, a estação e as subestações de Barra do Pirai; **Hidrelétrica de Itaipu** - na madrugada do dia 18 de setembro de 1987, 500 homens de unidades do Exército em Foz do Iguaçu, Cascavel (PR) e São Miguel do Oeste (SC), armados com metralhadoras, fuzis e baionetas, foram à usina de Itaipu reprimir os piquetes formados por 8 mil operários dos consórcios de empreiteiras Itamon e Unicon. Apoiavam as tropas seis carros de combate Urutus e seis Cascavéis. Houve confronto com os grevistas e 16 pessoas ficaram feridas, 11 gravemente. O Exército só deixou a hidrelétrica no dia 2 de outubro; **Rede Ferroviária** - duas pessoas morreram e 46 ficaram feridas na estação Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, no dia 8 de abril de 1987, durante conflito com uma multidão revoltada com a paralisação do tráfego de trens, por causa da operação-padrão dos ferroviários, que se recusavam a pôr em tráfego todas as composições, alegando que nenhuma delas estava em condições ideais de manutenção. Os guardas da Rede Ferroviária dispararam contra a multidão e no início da madrugada do dia 9 a Polícia do Exército montou um cordão de isolamento em torno da Central. Soldados de unidade sediadas na Vila Militar, com carros de combate, ocuparam no dia 9 também as estações de trens suburbanos de Deodoro, Realengo, Vila Militar, Magalhães Bastos, Bangu, Santa Cruz, Madureira e outras. A violência na Central foi atribuída aos guardas

da Rede Ferroviária; **Refinarias** - em 10 de março de 1987, uma greve dos petroleiros levou tropas do Exército a ocupar todas as refinarias da Petrobrás. Em São Paulo, as refinarias de Paulínia, Cubatão, São José dos Campos e Mauá foram tomadas por tanques, jipes armados com morteiros e caminhões com tropas uniformizadas para combate. Em Paulínia, foram usados 19 blindados de transporte de tropas. A refinaria de Duque de Caxias (RJ) foi ocupada por centenas de soldados, com seis tanques e dois Urutás. Na Bahia, além da Refinaria Landulpho Alves, o Exército assumiu o controle do terminal marítimo da Petrobrás e de todas as áreas de exploração e produção de petróleo. A ação militar foi defendida pelo ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e pelo então presidente da Petrobrás, Osires Silva; **Portos** - no dia 7 de março de 1987, durante greve dos marítimos, os fuzileiros navais ocuparam, por ordem do ministro da Marinha, Henrique Sabóia, os principais portos brasileiros, como Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro. Os fuzileiros impediram que os marítimos entrassem nos portos e auxiliaram nas operações de carga e descarga. A Marinha interveio também no transporte de petróleo e derivados, que se tornaram escassos em diversos estados; **Rede Ferroviária** - uma greve dos 20 mil ferroviários da Central do Brasil levou o governo federal a recorrer a tropas do Exército, que ocuparam as estações de Barra Mansa e Volta Redonda, a 4 de maio de 1986²³².

²³² Jornal do Brasil, 11 de novembro de 1988.

ANEXO 5

Documento sobre a natureza da crise na CSN

Na campanha salarial de 1989 os vários sindicatos envolvidos, por representarem diversas categorias de trabalhadores da CSN, divulgaram um Comunicado com o título **A quem interessa a crise na CSN?**, que transcrevemos abaixo, precisamente em virtude deste Comunicado conter uma análise da *crise* da CSN:

"Mal assumiu o comando da CSN, em 28/10/85, o economista Juvenal Osório Gomes endereçou a todos os empregados da CSN uma carta anunciando que 'a nossa Companhia está em dificuldades muito sérias, e que a receita dos produtos que ela vende não está dando para pagar todas as contas. Por isso, todo fim do mês temos que tomar mais dinheiro emprestado...'. Mais adiante relatava: 'estivemos lutando pela reposição dos preços dos nossos produtos sujeitos ao controle do CIP...!'

Decorridos 4 anos, em palestra na Associação dos Engenheiros de Volta Redonda, dia 25/04/89, o presidente Juvenal culpava, pela crise na CSN, a defasagem de preços do aço e a si mesmo por não ter, talvez, se empenhado o bastante para reverter o quadro. Como o próprio Juvenal constatou, a crise na CSN é anterior a sua chegada na empresa como já afirmava uma comissão de alto nível em setembro de 1982, e outra mais recente que chegou a declarar:

'Qual a origem desse desequilíbrio? Cabe destacar três fatores:

- 1- Os sucessivos atrasos ocorridos na fase de ampliação...
- 2- A política inadequada de financiamento dos investimentos...

Obs.: esses 2 fatores proporcionaram uma pressão insuportável no custo dos investimentos (juros externos e internos).

3- A implantação de uma desastrosa política de compressão dos preços dos produtos planos no mercado interno a partir de 1978. Essa política, além de proporcionar um prejuízo adicional sobre a capacidade de geração de recursos próprios pelo setor siderúrgico estatal, serviu como um precioso subsídio ao setor nacional e multinacional de nossa economia!'

Mas que a crise na CSN se agravou durante a atual gestão, isso ninguém duvida. Culpar as greves ocorridas na empresa tem sido uma constante dos que apostam no desmantelamento do movimento organizado dos trabalhadores. Para acabar de vez com a dúvida de que o movimento operário é o responsável pela crise por que passa a empresa, basta pegar como exemplo a greve de novembro. A intransigência da direção da empresa em não acatar a justa reivindicação dos trabalhadores, de pagamento dos 26% do Plano Bresser, levou a paralisação de

17 dias, trazendo um prejuízo de cerca de 100 milhões de dólares e a morte dos 3 companheiros, William, Walmir e Barroso.

O mesmo não ocorreu na USIMINAS, onde o seu presidente, Paulino Cícero, sensível às justas reivindicações dos trabalhadores, concedeu os 26%, mesmo que para isto fosse necessário sacrificar o seu cargo. Mas aqui, a direção da empresa mostrou mais apego a seus cargos do que com o futuro da tão sofrida CSN

Este apego demonstrado pela diretoria encontra raízes nos cartéis de fornecedores e nos cartórios dos distribuidores. Já foi amplamente divulgado na imprensa o sistema das cotas de distribuição de aço, que são repartidas entre políticos e lobbies comerciais. São também conhecidas as enormes pressões de empresários e políticos envolvidos seja com os gastos, seja com o faturamento da empresa, que mantém uma barricada em defesa de Juvenal, como assinala a ISTO É SENHOR de 08/03/89.

Para demonstrar eficiência e resultados à frente da empresa, satisfazendo, assim, aos interessados e contratos de fornecimento e de transporte, e aos privilegiados em maiores cotas do aço subsidiado, a atual diretoria da CSN desencadeou um processo de produção *a qualquer custo*, que comprometeu o estado dos combalidos equipamentos que já necessitavam de vultosos investimentos para sua recuperação.

O Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (SEVRE) desde 1986 vem alertando sobre o perigo da manutenção desta política operacional, que visa somente o aumento de produção, sem se preocupar com a preservação dos equipamentos. Já naquela época, o SEVRE publicava em seu boletim informativo o seguinte texto: 'Nesta batalha de se produzir mais e mais, as baixas são cada vez maiores. O resultado de uma *política* dessas é terra arrasada. São equipamentos e homens no limite da exaustão, produzindo por um período muito curto para o engrandecimento político de uns poucos'.

Portanto, não precisava ser vidente para prever a atual situação calamitosa em que se encontram os equipamentos vitais da CSN. A incompetência da direção da empresa, onde as decisões autocráticas prevalecem sobre as decisões de consenso, só podia levar a este quadro caótico de crise administrativa, política, financeira e moral.

Este quadro bastou para que os *urubus* da privatização começassem a se utilizar da imprensa para veicular notícias, informes, fofocas e comentários sobre a ineficácia da CSN. As pressões a assaltos dos setores privatistas e dos setores desinformados do governo - o próprio ministro Roberto Cardoso Alves e o governador Moreira Franco ameaçaram fechar a CSN - atingiram nível que

conduziram o próprio presidente Juvenal a admitir que a melhor solução para a empresa seria a sua privatização, como afirmou para a revista EXAME de 05/04/89.

A tantas pressões de ordem externa vieram se somar fatores tremendamente desagregadores: corrupção, favorecimento e mordomias, que cresceram na mesma velocidade em que se adotava uma política de *agilização* administrativa. Compras sem concorrência, contratos dirigidos e melhorias nas residências dos diretores foram realizados da noite para o dia.

Reflexos dessa política desastrosa e enganosa podem ser contabilizados: o número de empreiteiras na CSN subiu de 2.000 para 10.000; a participação dos serviços contratados sobre o faturamento da empresa saiu de 7% para atingir a casa dos 25%.

Enquanto isso, a folha de pagamento da CSN desceu vertiginosamente de 23% para 8%. Não se entende, porém, quando o presidente da empresa, na mesma EXAME de 05/04/89, conclui que uma das causas da agonia da CSN 'são os 5 mil funcionários em excesso'. Vê-se, aí, mais uma vez o presidente Juvenal fazendo o jogo dos arautos da privatização. Mas, como podemos constatar, essa privatização - via contratação - já é uma realidade. Setores estratégicos de operação, administração, engenharia e apoio já são entregues a firmas empreiteiras, algumas delas sem a menor tradição, idoneidade e respaldo técnico.

É claro que para sustentar tamanho engodo a direção da companhia valeu-se de uma tática orientada para a desmoralização dos quadros técnicos da empresa e para a centralização autoritária das decisões. São inúmeras as declarações do presidente da CSN estabelecendo críticas ao corpo técnico e gerencial da empresa. Como também são inúmeras as denúncias dos Sindicatos sobre a prepotência e a repressão na Usina Presidente Vargas. Em 14/08/88, no jornal FOLHA DA CIDADE, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos afirmava que 'hoje trabalhamos assustados, com medo, pois ameaças, que vão desde punições a demissões, são comuns dentro da Usina'.

Durante esta gestão, a direção da empresa foi *ajudada* pelo governo Sarney em muitos aspectos: os planos econômicos (Cruzado, Bresser e Verão), que não só contiveram o preço do aço, como arrocharam exacerbadamente os salários; a distribuição de cargos pelos cinco anos de mandato; a centralização administrativa das estatais pelo CISE e pelo SEST; a maior ênfase nas exportações para pagamento dos juros extorsivos da dívida externa; e a subserviência às elites conservadoras.

O crescimento do movimento sindical e popular na cidade de Volta Redonda são frutos da marcha histórica da sociedade em busca da justiça, da

democracia e da liberdade. Neste caldeirão de espaço tão restrito, onde forças tão potentes como antagônicas vieram a se confrontar, o operário siderúrgico ficou consciente e senhor de sua verdade: não é possível tolerar que a CSN seja entregue aos interesses de grupos de políticos e de pessoas não comprometidas com a verdadeira missão da empresa estatal, que é a de promover o desenvolvimento econômico, social e humano.

Neste sentido, hoje, os trabalhadores da CSN unidos em sua campanha salarial, vêm reivindicar não só salários justos, melhores condições de trabalho, preservação da saúde e da vida, mas, muito acima disto, a retomada da CSN aos seus maiores desígnios. Na pauta de reivindicações de todos os sindicatos em campanha salarial na CSN consta uma cláusula especial, visando obter a participação no direcionamento da empresa e, conseqüentemente, a garantia da execução de uma política que alcance a produtividade e a qualidade sem prejuízo do trabalhador e do patrimônio do povo brasileiro"²³³.

²³³ Documento que compõe a *Coleção Volta Redonda*, do AEL (Arquivo Edgard Leuenroth) da Unicamp.

ANEXO 6
Cronologia da Greve²³⁴

DIA 07/11/88

7h - Metalúrgicos entram na usina e iniciam a greve, prevista inicialmente para a tarde.

8h - Comboio de tropas passa em frente à usina em direção a Barra Mansa.

DIA 08/11/88

22h30 - Soldados do Exército invadem a CSN. Trabalhadores se concentram no pátio da SOM e na Aciaria, onde são posteriormente cercados.

23h - Primeiros conflitos de violência moderada entre soldados e trabalhadores.

DIA 09/11/88

17h - Chegada de novas tropas, que se prolonga até às 19h. As entradas da usina são bloqueadas pelos militares, sitiando os operários no seu interior.

18h30 - O Exército e a Polícia Militar atacam trabalhadores e populares concentrados em frente à passagem superior, em busca de informações sobre o que ocorria na usina. Exagerada violência é empregada pela repressão com bombas de gás lacrimogêneo, cassetetes, bombas de efeito moral, tiros de festim, de borracha e munição real. Trabalhadores e metalúrgicos são espancados na Vila Santa Cecília e no bairro Bela Vista. Estabelecimentos comerciais e lojas são depredados pelos soldados.

20h - Dispersada a concentração em frente à passagem superior, as tropas passam ao ataque no interior da CSN. Metalúrgicos são expulsos da SOM e se refugiam nos pontos mais altos da Aciaria. Munição real largamente utilizada pela tropa. Até às 2 horas da manhã ainda se ouvem explosões de bombas. Escaramuças prosseguem por toda madrugada. William e Valmir são mortos a tiros. Barroso tem sua cabeça despedaçada, provavelmente a coronhadas.

23h30 - Reunião no Hotel Vela Vista com Juarez Antunes, presidente licenciado do Sindicato, D. Waldir Calheiros, bispo da cidade, Mário Clinger, prefeito de Volta Redonda e o General José Luiz Lopes. Fica acertado um *cessar-fogo* e saída dos metalúrgicos sitiados na Aciaria para o dia seguinte.

DIA 10/11/88

8h30 - Após discurso de Juarez os metalúrgicos que resistiam abandonam a usina, portando máscaras e são recebidos como heróis por uma multidão de

²³⁴ VERDADE, órgão oficial do Sindicato dos Metalúrgicos, novembro de 1989.

grevistas na rua. Assembléia, passeata, nova assembléia em frente à Prefeitura. Greve reafirmada. Prefeitura decreta luto oficial por três dias.

18h - No cemitério de Bom Jesus é enterrado Valmir Freitas acompanhado de um cortejo de mais de 20 mil pessoas. O corpo de William é enviado a Muriaé, onde reside sua família.

20h - Em cadeia nacional de TV, o Ministro da Justiça, Paulo Brossard acusa os grevistas de 'assaltarem as instalações da CSN' e responsabiliza a 'alucinada exacerbação' dos metalúrgicos pelas mortes ocorridas.

DIA 11/11/88

Tropas permanecem na usina. A PM retira o patrulhamento ostensivo das ruas. Lojas abrem suas portas e a greve tende a se normalizar. Às 18h o metalúrgico Barroso é enterrado, acompanhado de uma multidão.

DIA 12/11/88

Prossegue a greve com o aval da assembléia.

DIA 13/11/88

Em missa campal, assistida por mais de vinte mil pessoas, D. Mauro Morelli, bispo de Caxias pede a renúncia de Sarney, chamado pela massa de *assassino de peão*. A cerimônia é presidida por D. Waldir Calheiros.

DIA 14/11/88

O TRE garante as eleições municipais em Volta Redonda. CSN expede comunicado falando em fim de greve e tenta fazer chefes entrarem na usina, objetivando furar o movimento. O expediente não tem o menor efeito.

DIA 15/11/88

Volta Redonda vota normalmente. Juarez Antunes é eleito prefeito com cerca de 60% dos votos.

DIA 16/11/88

15h - A comissão técnica dos grevistas vistoria os altos-fornos 1 e 3 e verifica que no dia 8, quando as tropas penetraram na CSN, a direção da empresa, acreditando num rápido fim de greve, ordena o fim do abafamento dos fornos e sua preparação para entrada em funcionamento. Esta operação coloca em risco os equipamentos. Em Brasília dirigentes do sindicato se encontram com o Ministro

da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, sem chegar a uma solução para o impasse.

DIA 17/11/88

11h - Sindicato denuncia em coletiva à imprensa a atitude irresponsável da empresa, colocando em risco os altos-fornos.

18h - Assembléia decide salvar os fornos enviando uma equipe de trabalho. Voluntários se apresentam debaixo de aplausos dos manifestantes. Metalúrgicos exigem da empresa ônibus para o transporte dos voluntários. São prontamente atendidos.

DIA 18/11/88

10h - Assembléia exige para fazer revezamento dos trabalhadores dos altos-fornos que os funcionários trabalhando no Escritório Central abandonem o prédio. A exigência é atendida. Funcionários burocráticos descem as escadas sob aplausos dos grevistas.

DIA 19/11/88

A CSN declara que os altos-fornos não correm mais perigo. Assembléia de manhã e de tarde reafirmam a greve.

DIA 20/11/88

16h30 - Mais de setenta mil pessoas entre moradores de metalúrgicos realizam o *abraço a usina*, cercando os seus 12 quilômetros com mãos dadas. O ato exige uma solução nas negociações.

DIA 21/11/88

A CSN apresentava nova contraproposta. A posição da diretoria do sindicato é favorável ao acordo, porém na assembléia, onde é grande a participação dos moradores a votação fica dividida. Sendo assim, a direção sindical decide manter a greve.

DIA 23/11/88

9h - Assembléia decide aceitar a contraproposta da CSN. Metalúrgicos conquistam turno de 6 horas, volta dos demitidos das outras greves, e um abono de Cz\$ 30 mil, mais 8%. Além disso as famílias dos operários mortos receberão indenizações. Trabalhadores só voltam ao trabalho depois da retirada das tropas da usina.

ANEXO 7

As repercussões da greve (igrejas, imprensa, partidos, governo)

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

"Os metalúrgicos de Volta Redonda, lutando por suas justas reivindicações, garantidas pela Constituição em vigor, foram violentamente atacados por forças da PM e do Exército por ordem do governo Sarney, dessa forma, atingindo toda a classe trabalhadora.

O ataque, a ponta de baionetas e metralhadoras, matou mais de cinco trabalhadores e feriu dezenas de metalúrgicos, atingindo a todo o povo brasileiro que não suporta mais ver suas reivindicações serem tratadas como um caso de política.

No mesmo momento que era feito o ataque a Volta Redonda, metalúrgicos de Pindamonhangaba também sofriam a violência policial, com vítimas, por lutarem pela implantação de conquistas garantidas pela Constituição em vigor.

Os metalúrgicos de Volta Redonda lutam pelas perdas impostas pelo Plano Bresser (26%), pela reposição da URP e das perdas salariais causadas pela política econômica da governo da 'Nova República'.

Diante desse lamentável quadro, a CUT conclama a classe trabalhadora a lutar pela responsabilidade do massacre do Volta Redonda, condenando à cadeia os criminosos.

Sustentada pelo PMDB, PFL, PTB, PDS e PL, a 'Nova República' massacra trabalhadores à luz do dia, mostrando que tem pouca diferença com a ditadura militar que fazia o mesmo nos porões.

E a enganação na 'Nova República' continua com o Pacto Social. Patrões e traidores dos trabalhadores se associam ao governo para enganar mais uma vez, como fizeram por ocasião do Plano Cruzado, Plano Bresser, com o único intuito de deter o crescimento das forças populares nas eleições da próxima semana.

Frente a todo esse quadro de loucura e violência contra a classe trabalhadora, a CUT exige:

- Imediata retirada das tropas do exército de Volta Redonda;
- Instalação de inquérito para apurar o nome dos criminosos e condenação dos responsáveis à cadeia;
- Pronunciamento dos partidos políticos e do Congresso Nacional no sentido de garantir os preceitos constitucionais inscritos na Constituição em vigor;
- A imediata retomada das negociações de todos os trabalhadores em campanha e o atendimento de suas justas reivindicações".

PARTIDO DOS TRABALHADORES

"PT RESPONSABILIZA O GOVERNO PELO MASSACRE DE VOLTA REDONDA

Reunida extraordinariamente em São Paulo, a direção nacional do PT emitiu a seguinte nota sobre a chacina dos metalúrgicos em greve:

Tropas do Exército e da PM, sob o comando de um general, mancharam de sangue de trabalhadores as páginas da nova Constituição. Reprimidos por tanques, bombas de gás, rajadas de metralhadoras e golpes de baionetas, os operários da CSN de Volta Redonda, em greve legal por aumento de salários e pela aplicação dos direitos aprovados pela nova Constituição, ainda contam os companheiros mortos na chacina. São cinco até o momento, com dezenas de feridos em estado gravíssimo.

O Partido dos Trabalhadores, solidário com os grevistas, denuncia a todo o país a violência covarde e brutal contra trabalhadores que, pacificamente, lutam por seus direitos. Enquanto a PM e o Exército são convocados para assassinar trabalhadores, o governo acena com o 'pacto social', a PM mineira recebe um aumento de vencimentos na calada da noite, depois de investir contra a ordem legal e ameaçar depor o governador Newton Cardoso, sem que o governo federal tome qualquer atitude.

O PT exige do governo que faça cessar a violência e que os responsáveis pelo assassinato dos operários sejam severamente punidos. O PT conclama todas as forças progressistas e democráticas da sociedade a se unirem em torno dos grevistas de Volta Redonda e a protestarem contra a bárbara agressão aos trabalhadores.

Se nos calarmos agora, não haverá mais como nos manifestar.

Comissão Executiva Nacional do PT
São Paulo, 10 de novembro de 1988".

MANIFESTO DE ENTIDADES RELIGIOSAS

"CRISTÃOS REPUDIAM MASSACRE DE OPERÁRIOS EM VOLTA REDONDA:

Nós, membros de diversas Igrejas cristãs e instituições civis e ecumênicas, estamos escutando os gritos dos massacrados por uma exploração econômica e injustiça social jamais vivida em nosso País. Estamos sentindo que sempre se pede paciência àqueles que já não suportam mais a fome, a vida cara, o futuro sem esperanças. Os acontecimentos recentes na CSN, em Volta Redonda, exigem de nós um posicionamento. Não foram os trabalhadores que levaram o País à

atual crise econômica. Não foram os trabalhadores que decidiram pagar 120 bilhões de dólares de serviço da dívida externa só nesta década. Não foram os trabalhadores que sabotaram o congelamento. O Governo não convocou as Forças Armadas para defender a moratória, nem para fiscalizar preços; ao contrário, com uma das mãos acenou com um pacto social e com a outra autorizou o massacre de trabalhadores da CSN. Com as negociações entre o Sindicato e a direção da CSN em andamento, desfechou a intervenção militar com extrema violência. Em nome da lei e da ordem, o Governo infringe a Constituição e a lei de Deus, assassina trabalhadores, estimula o golpe e provoca a instabilidade. Nossa fé e cidadania nos impelem a rejeitar e denunciar a versão de *legítima defesa* apresentada pelo Exército. A legítima defesa é a DEFESA DA VIDA, que anula a violência por meio da VERDADEIRA JUSTIÇA. Esta é a resposta que se espera dos cristãos neste tempo de crise. Há interesses de grupos não satisfeitos com os avanços constitucionais, dispostos a gerarem um ambiente favorável ao retorno do arbítrio e da desordem institucional. Ouvindo esses gritos, clamores e rumores, conclamamos as forças vivas do País, ainda que oprimidas, a unir esforços contra todas as formas de violência; pela total e imediata vigência da nova Constituição; pela completa vigência do calendário eleitoral, com as eleições livres e diretas para os municípios em 1988, e para a Presidência da República em 1989. Diante do assassinato de operários da CSN, proclamamos que o futuro das garantias democráticas somente poderá ser conquistado com o fim de todas as injustiças e com o reconhecimento da dignidade e dos Direitos Humanos em todas as dimensões da vida nacional. Deus nos ajude a sermos fiéis"²³⁵.

A ANÁLISE NA IMPRENSA

O Globo, de 12 de novembro, como aquele que sintetiza o enfoque desses setores: referindo-se ao principal fator do que ocorreu na CSN, afirmou que "este reside em que o conflito foi desejado e provocado a partir da decisão de ocupar a usina e ameaçar a sua desativação. Utilizados como massa de manobra pelos mentores da greve, os operários executaram um plano de resistência a ferro e fogo (...). Não há qualquer equivalência entre a defesa de reivindicações trabalhistas - iguais a tantas outras - e a estratégia de guerrilha. Esta se liga a outro tipo de objetivo: a conquista do poder através do enfraquecimento da estrutura do Estado. É este o plano básico traçado pela CUT. Seu Presidente, Jair Meneghelli, praticamente o confessou ao se manifestar sobre os acontecimentos

²³⁵ Documento que compõe a *Coleção Volta Redonda*, do AEL (Arquivo Edgard Leuenroth) da Unicamp.

de Volta Redonda. Sequer mencionou o pleito sindical dos metalúrgicos da CSN: preferiu forjar uma relação entre o trágico episódio e o pacto social, para declarar a inviabilidade deste. Por que a associação entre uma coisa e outra? Porque conduzir a massa operária de Volta Redonda e a uma situação de confronto violento, exatamente nos momento em que Governo, empresários e trabalhadores (com exceção da CUT) recolhem as esperanças da sociedade de que o pacto dê certo? Porque o pacto significa negociação, união, entendimento, acordo - ou seja, precisamente o oposto do que serve à CUT: o atrito, a contestação permanente, o impasse, o radicalismo em todas as atitudes. A estratégia suicida empregada em Volta Redonda (...) é coerente com a pretensão, defendida enfaticamente por Meneghelli, de estabelecer-se a simultaneidade nacional das datas-base de reajustes salariais de todas as categorias - o que significaria o palco armado para o caos nas relações trabalhistas e a perspectiva de paralisação absoluta das atividades do País, sob as ordens de um comando de intenção revolucionária. (...) De fato, ninguém precisava morrer em Volta Redonda. Mas a fatia maior da responsabilidade, muito maior que as demais, pertence a quem tudo fez para que uma greve que poderia ser pacífica se transformasse em contestação violenta, sem um pensamento para as vidas em riscos. Dessa culpa os donos da CUT e seus ideólogos não escapam"²³⁶.

PRONUNCIAMENTO DO GOVERNO FEDERAL

Esta é a íntegra do pronunciamento do Sr. Paulo Brossard:

"Brasileiros e brasileiras. O fato grave ocorrido nas últimas horas me traz à televisão neste momento. Nenhum direito é exercido de forma absoluta. Ao contrário, o exercício ilimitado de um direito configura o que, na linguagem jurídica, se chama abuso de direito, abuso que o direito condena. O bem comum constitui a fronteira e limitar o exercício de todos os direitos, e como os demais, o direito de greve não pode ser exercido contra a sociedade de uma maneira ilimitada. Em Volta Redonda, grevistas e pessoas estranhas à própria cidade apossaram-se, eu diria melhor, assaltaram as instalações da CNS ao mesmo tempo em que impediram a entrada de trabalhadores não-grevistas, desta forma violentados no seu direito de trabalhar. Seguiu-se o corte de luz, que gera pânico, a utilização de barras de ferro e lanças rústicas como armas de mão, armadilhas disseminadas pela fábrica, onde estavam armazenadas garrafas de ácido. Enfim, violência. Violência graúda dentro e fora da fábrica. Uma verdadeira rebelião em

²³⁶ O Globo, 12 de novembro de 1988.

nome do direito de greve. A greve legitimamente exercida exclui a violência. O simples apelo à violência afasta o exercício regular do direito de greve. Depois da violência praticada em relação à fábrica, em relação às instalações da CSN, com violência foi recebida a força destinada a proteger o patrimônio nacional representado por aquele complexo de bens. O resultado da exacerbação, da alucinada exacerbação, verificada em Volta Redonda foi um passivo de mortes e de feridos, fato profundamente lamentável. Não há quem ignore, porém, que existem os setores extremados que andam à cata e mortos para facilitar a sua ação antidemocrática, porque um cadáver é importante elemento de combustão psicológica e social. Este o quadro doloroso que resultou da violência praticada na Siderúrgica Nacional de Volta Redonda por grevistas e por pessoas estranhas à empresa e até à cidade. Devo dizer que a Polícia Federal já instaurou um inquérito para apurar as responsabilidades individuais no tocante a estes fatos ilícitos. O Governo foi de extrema tolerância no período da transição e tem sido na fase de adaptação à nova ordem constitucional. Tão grande tem sido esta tolerância que chega a ser confundida com fraqueza. Pois bem. Apesar de sua tolerância, o governo não poderá tolerar e não tolerará em hipótese alguma, que os abusos de grupos enraivecidos venham a prevalecer. Dentro da lei, custe o que custar, o governo defenderá a sociedade como lhe incumbe. Da promulgação da nova Constituição às eleições que ocorrerão em cinco dias, tem sido um pipocar de abusos, particularmente no setor público, tendendo para a violência, a demonstrar aqui o alvo fortemente eleitoral. Mas este está longe de ser exclusivamente eleitoral, o plano é mais amplo e profundo. Há elementos de convicção para se afirmar que se planeja lançar nas trevas o Brasil, mediante a paralisação do complexo elétrico do país, com vistas à destruição progressiva da autoridade democrática do Estado democrático. Não preciso dizer que os danos desta loucura são simplesmente incalculáveis e que esses danos são tanto de natureza material como de caráter pessoal. A gravidade do fato aconselha a abandonar a discrição e a divulgá-lo; divulgá-lo à plena luz como ora estou a fazer, para que a Nação inteira veja e sinta os perigosos caminhos em que estão procurando impeli-la. Parece que já se esqueceram do que aconteceu ao nosso país em anos recentes, como fruto, como resultado das loucuras cometidas, das violências praticadas. E isto aconteceu ontem. Posso dizer, entretanto, que o governo não permitirá a destruição da ordem constitucional penosamente reordenada, após urgentes esforços e vias esperanças do povo brasileiro. Muito obrigado"²³⁷.

²³⁷ Folha de São Paulo, 11 de novembro de 1988.